

Alcoutim

Terra de Fronteira
Borderland

CÂMARA MUNICIPAL DE ALCOUTIM, 2010

Coordenação geral / General Coordination
MANUELA TEIXEIRA

Coordenação científica / Scientific Coordination
ANTÓNIO ROSA MENDES

Coordenação técnica / Technical Coordination
LUÍS CANELAS
JÚLIO CARDOSO
FERNANDO DIAS
ALEXANDRA GRADIM

Colaboração / Collaborators
UNIVERSIDADE DO ALGARVE / CENTRO DE
ESTUDOS DE PATRIMÓNIO E HISTÓRIA DO ALGARVE

Investigação Bibliográfica / Bibliographical Research
DANIELA PEREIRA
SOFIA CARRUSCA

Recolha de Fontes Orais / Collection of Oral Statements
SOFIA CARRUSCA

EXPOSIÇÃO / EXHIBITION

Comissário Científico / Scientific Commissioner
ANTÓNIO ROSA MENDES

Textos / Text
DANIELA PEREIRA

Fotografia / Photography
NANY DA COSTA
JÚLIO CARDOSO
ARQUIVO FOTOGRÁFICO DA CÂMARA MUNICIPAL DE ALCOUTIM

Concepção e design de equipamentos / Equipment Conception and Design
MOTIVOGRÁFICO 3D

Design gráfico / Graphic Design
MOTIVOGRÁFICO 3D

Tradução / Translation
ALPHATRAD INTERNATIONAL

Revisão de tradução / Translation Revision
ALPHATRAD INTERNATIONAL

Execução / Montagem / Execution/ Editing
MOTIVOGRÁFICO 3D

CATALUNDO / CATALOGUE

Textos / Text
ANTÓNIO ROSA MENDES
DANIELA PEREIRA

Design gráfico / Graphic Design
MOTIVOGRÁFICO 3D

Fotografia / Photography
ARQUIVO FOTOGRÁFICO DA CÂMARA MUNICIPAL DE ALCOUTIM
ARQUIVO FOTOGRÁFICO DA ASSOCIAÇÃO A Moira
NANY DA COSTA
FERNANDO DIAS
JÚLIO CARDOSO
ALEXANDRA GRADIM
LÚCIO ALVES

Tradução / Translation
ALPHATRAD INTERNATIONAL

Revisão de tradução / Revision of Translation
ALPHATRAD INTERNATIONAL

Impressão / Publisher
ACESSO - ARTES GRÁFICAS

N.º de exemplares / Nr. of prints
2500

Depósito legal / Legal Deposit
318593/10

ISBN / ISBN
978-989-96911-1-7

Edição / Edition
CÂMARA MUNICIPAL DE ALCOUTIM, 2010

Agradecimentos / Acknowledgements
ARQUIVO HISTÓRICO DO EXÉRCITO
ASSOCIAÇÃO A MOIRA
ASSOCIAÇÃO DE BOMBEIROS VOLUNTÁRIOS DE ALCOUTIM
BIBLIOTECA NACIONAL DO BRASIL
BIBLIOTECA NACIONAL DE ESPANHA
BIBLIOTECA NACIONAL DE PORTUGAL
DIRECÇÃO-GERAL DE ARQ. / ARQ. NACIONAL TORRE DO TOMBO
ENTIDADE REGIONAL DE TURISMO DO ALGARVE
GABINETE DE ESTUDOS ARQUEOLÓGICOS E DE ENGENHARIA MILITAR /
DIRECÇÃO DE INFRA-ESTRUTURAS DO EXÉRCITO
INSTITUTO GEOGRÁFICO DO EXÉRCITO
INSTITUTO GEOGRÁFICO PORTUGUÊS
REDE DE MUSEUS DO ALGARVE
UNIVERSIDADE DO ALGARVE
WORLD LIBRARY OF CONGRESS
MÁRIO BAPTISTA
FRANCISCO LOURENÇO
GILBERTO FRANCISCO
EMÍDIO COSTA RITA
MARIA ANTÓNIA JUSTINO
JESUINA MARIA

Alcoutim Terra de Fronteira | Borderland

Fotografia da capa: O Guarda-fiscal na sua eterna vigília do rio Guadiana. | Fotografia de: Júlio Cardoso

Alcoutim, pequena vila de interior estrategicamente localizada na margem direita do rio Guadiana, foi em tempos uma das praças de guerra que durante séculos defenderam a fronteira e possibilitaram a independência do país. De facto, as dificuldades que a coroa e os senhores de Alcoutim tiveram em fixar população neste território são semelhantes às que hoje a autarquia enfrenta, não só na impotência em fixar a população jovem mas também em atrair investidores. Antes por se encontrar demasiado perto de Espanha, e quiçá dos inimigos, e hoje por ser uma vila da serra algarvia e do interior do país com demasiadas restrições à construção, impostas por instrumentos ditos de ordenamento do território e que originaram este Algarve e este país tão desequilibrado.

Com a exposição "Alcoutim, Terra de Fronteira", a Câmara Municipal de Alcoutim participa na exposição "Algarve - Do Reino à Região", iniciativa conjunta e pioneira da Rede de Museus do Algarve. A autarquia alia-se a outras autarquias, museus, universidade e centros de investigação para investigar, estudar e divulgar a história da vila de Alcoutim, numa iniciativa de âmbito regional.

Ao implementar a exposição no centro histórico da vila de Alcoutim pretende-se que a própria vila seja o "museu", tornando-a atractiva, e um contributo para fomentar o conhecimento, a valorização e a difusão da sua história e patrimónios cultural e natural. A presente exposição é mais uma achega para firmar Alcoutim como um destino turístico-cultural por excelência e mais uma razão para sermos visitados por largos milhares de turistas que afluem ao Algarve e que procuram algo mais natural e genuíno do que sol, praia, discotecas e golfe.

O Presidente da Câmara
Francisco Amaral

Alcoutim, small town in the interior, strategically located on the right bank of the Guadiana, was once one of the garrisons that defended the border for centuries and made the nation's independence viable. As a matter of fact, the difficulties faced by the Crown and the Lords of Alcoutim in settling people on this territory are similar to the ones faced by the Town Hall today, powerless to attract young population but also investors. In the past, it was thought to be too close to Spain, and to the enemies, and currently, because it is a town on the Algarve's Sierra, and on the hinterland with too many restrictions to construction, imposed by so-called instruments of land use planning which have created this unbalanced Algarve and country.

"Alcoutim, Borderland" is the exhibition with which the Municipality of Alcoutim participates in the region-wide exhibition: "Algarve - from Kingdom to Region". It is a pioneer and joint initiative with the Algarve's Museum Network. The Municipality joins others, and museums, universities and investigation centres, in order to research, study and divulge the history of the town of Alcoutim, on an initiative of regional scope.

By setting up the exhibition on the historical nucleus of the town of Alcoutim, one intends to turn the town itself into the 'museum', making it attractive, and contribute to promote the knowledge, the appreciation and the dissemination of its history, and cultural and natural heritage. The present exhibition is another step to assert Alcoutim as a tourist-cultural destination, and another reason to be visited by thousands and thousands of tourists who flock to the Algarve and seek something more natural and genuine than Sun, beach, discos, and golf.

The Mayor

Francisco Amaral

O pequeno "Reino do Algarve" foi disputado entre Castela e Portugal até que em 1267, pelo Tratado de Badajoz, ficou definitivamente incorporado na Monarquia Portuguesa. Os reis de Portugal, desde D. Afonso III, passaram então a intitular-se também reis do Algarve, até que pela Revolução de 5 de Outubro de 1910 – cujo centenário se celebra – o "Reino do Algarve" se tornou uma "Região" da República Portuguesa.

"Reino" durante quase seis séculos e meio, "Região" desde há exactamente um século, sempre todavia o Algarve manteve uma individualidade inconfundível e distinta adentro do restante Portugal Continental. Com efeito, o rectângulo algarvio demarca-se perfeitamente a norte pelas serras que de Odeceixe ao Vascão o separam do Alentejo; a oeste e a sul pelas costas ora de arribas escarpadas ora arenosas que abrem para o grande mar Atlântico e são antecâmara do Mediterrâneo; e a leste pelo Baixo Guadiana, linha de fronteira com Espanha.

Terras de fronteira são assim Alcoutim, Castro Marim, Vila Real de Santo António. Cada qual com suas especificidades, essa comum condição fronteiriça confere-lhes comunidade de destino. Praças militares e baluartes defensivos foram Alcoutim, a montante da foz do Guadiana, e Castro Marim, já perto dela, sem que todavia deixassem de ser focos de intenso intercâmbio de pessoas e mercadorias com a outra margem do rio. Por seu turno Vila Real de Santo António reflecte em novos moldes essa dupla tensão defensiva e comercial. Vilas medievais as duas primeiras, cidade moderna a última, todas três se definem pelo Guadiana e, neste limiar da segunda década do século XXI, todas três concorrem decisivamente para que o nosso magnífico rio peninsular se reconduza à sua lídima vocação de via natural de comunicação e agente propulsor do progresso económico, social e cultural. O progresso, todavia, só se pode construir no respeito por um passado multissecular, um passado que continua presente no património histórico e na identidade colectiva das populações. Cumpre não olvidar que Alcoutim, terra de fronteira, esteve sempre na primeira linha da defesa do país, pelo que as suas gentes pagaram um elevadíssimo preço que esse mesmo país, ingratamente, teima em não reconhecer. Situada no nordeste algarvio e sem beneficiar das vantagens da litoralidade, a vila de Alcoutim, que tanto contribuiu para a salvaguarda da nossa independência e integridade territorial, possui contudo a riqueza ímpar da sua história que esta exposição pretende relevar.

Assim, num percurso descendente ao longo do curso do Guadiana, o visitante começará por se deparar em Alcoutim com o cenário de uma vila fundada pelos inícios do século XIV, um tempo de definição de fronteiras para consolidação do "Reino do Algarve" e do próprio Portugal no seu todo. A exposição permitirá elucidar, através dos lugares, dos monumentos e dos sítios mais significativos, os antecedentes da fundação, o seu projecto, a sua detalhada caracterização e a evolução registada até à actualidade.

António Rosa Mendes (Universidade do Algarve /CEPHA)

The small "Kingdom of the Algarve" was an object of conflict between Castile and Portugal until 1267, when according to the Treaty of Badajoz, it was finally incorporated into the Portuguese Realm. The kings of Portugal since Dom Afonso III were self-titled Kings of the Algarve as well, until through the Revolution of October the 5th, 1910 – whose centenary we celebrate – the "Kingdom of the Algarve" became a "Region" of the Portuguese Republic.

Though a "Kingdom" for almost six centuries and a half, a "Region" for exactly a century, the Algarve has always kept an unmistakable individuality, distinct within the remaining Continental Portugal. In fact, the Algarve's rectangle is easily set apart from the north by the chain of mountains that from Odeceixe to Vascão separate it from Alentejo; to the west and to the south by the sometimes sandy steep cliffs that open onto the great Atlantic Ocean and constitute an antechamber to the Mediterranean; and to the east by the Lower Guadiana: borderline with Spain.

Alcoutim, Castro Marim, Vila Real de Santo António, are Borderlands. Each possesses its specificities. That common denominator of borderline provides them with community of destination. Alcoutim was a garrison and defensive bulwark, upriver from the mouth of the Guadiana, and near the latter was Castro Marim, though they were also crossroads for people and merchandise exchange with the opposite bank of the river. Vila Real de Santo António in its turn, reflects in a new way the double purpose of defence and commerce. The first two were medieval settlements and the last one was a modern city, all defined by the Guadiana, and at the end of the first decade of the twenty first century, they come together. They all strive to make our magnificent peninsular river regain its ultimate vocation as a natural line of communication, and promoter of economical, social and cultural progress. However, progress can only be built upon respect for a multiseccular past, a past that remains in the present, in the shape of the historical heritage and the collective identity of the people. One should remember that Alcoutim, Borderland, was always on the frontline of the nation's defence, so that its people have paid a very high price, which the nation, ungratefully, fails to recognize. Located on the Algarve's northeast and without the benefit of the seaside, the town of Alcoutim, which has contributed so much to the safeguard of our independence and territorial integrity, possesses nonetheless, the unique wealth of its history, which this exhibition aims to emphasize.

Therefore, on a downriver route along the Guadiana's course, the visitor to Alcoutim will encounter a town founded at the beginning of the fourteenth century, an age when borders were defined to consolidate the "Kingdom of the Algarve" and the whole Portugal. The exhibition will enlighten through the places, the monuments, and the most significant sites, what preceded the Foundation, its project, its detailed characterization and the evolution until today.

António Rosa Mendes (University of the Algarve /CEPHA)



Introdução / Introduction P. 7

A ocupação humana no território de Alcoutim P. 9
Human Settlement on the Territory of Alcoutim



Alcoutim, depois da conquista cristã P. 13
Alcoutim, after the Christian Reconquest

O processo de povoamento de Alcoutim: Os privilégios e o couto P. 16
The Process of Settlement in Alcoutim: The Privileges and the Fee



A evolução urbana de Alcoutim / The Urban Evolution of Alcoutim

De Póvoa a Condado / *From Settlement to County* P. 24

A praça de guerra / *The Fortified Garrison* P. 37

Dentro do recinto fortificado / *Within the grounds of the Garrison* P. 47

O rio Guadiana / The River Guadiana

O rio, uma fronteira aberta / *The River, an Open Border* P. 54

As relações entre Alcoutim e Sanluçar de Guadiana P. 60
Relations between Alcoutim and Sanluçar de Guadiana

O contrabando / *Smuggling* P. 66

O contrabandista / *The Smuggler* P. 68

As cheias do Guadiana / *The Floods of the Guadiana* P. 73



Cronologia Histórica de Alcoutim / Historical Chronology of Alcoutim P. 75

Glossário / Glossary P. 85

Fontes Manuscritas / Manuscript Sources P. 87

Fontes Impressas / Printed Sources P. 88

Fontes Orais / Oral Sources P. 89

Referências bibliográficas / Bibliographical References P. 89

Introdução

Introduction

A vila de Alcoutim localiza-se na margem direita do rio Guadiana, frente a frente com a povoação espanhola de Sanlúcar de Guadiana.

Num primeiro momento, esta situação junto do rio, permitindo-lhe beneficiar da navegação fluvial, contribuiu para fixar as populações, que viviam das trocas comerciais; disso são exemplo vestígios arqueológicos importantes como a *villa* do Montinho das Laranjeiras e a barragem do Álamo, ambas romanas. A presença islâmica também ficou assinalada no território de Alcoutim pela existência de um castelo islâmico – o “Castelo Velho” que vigiava o rio.

Após a Reconquista Cristã, e desde que o Guadiana passou a demarcar a fronteira entre Portugal e Castela, esta localização geográfica tornou Alcoutim vulnerável aos ataques castelhanos. Por isso, D. Dinis funda a Póvoa de Alcoutim, associada à consolidação dos limites do Reino do Algarve e ao controlo do comércio fluvial. No processo de fundação da nova Vila considerou-se que o referido “Castelo Velho” não ocupava uma posição estratégica capaz de proteger a povoação,

The town of *Alcoutim* is located on the right bank of the *Guadiana*, opposite to the Spanish settlement of *Sanlúcar de Guadiana*.

Initially, this location on the riverside, brought the benefit of river navigation, thus contributing to settle down the population who lived upon trade. This is evidenced by the important archaeological remains, such as the *villa Montinho das Laranjeiras* and the *Álamo Dam*, both roman. The islamic presence was also attested by the existence of an islamic castle on the territory of *Alcoutim* – the “Old Castle” – nearby the river.

After the Christian Reconquest, and since the *Guadiana* became the border between Portugal and Castile, this geographic location made *Alcoutim* vulnerable to Castilian attacks. As a result, Dom Dinis founded the *Póvoa de Alcoutim*, with a view to consolidating the borders of the Kingdom of the Algarve and controlling the river *Guadiana*'s traffic. During the foundation of the Town, the “Old Castle” was not thought to be on a strategic location able to protect the settlement, so that it was not rebuilt or adapted. As a site for the new *Alcoutim*, the hillside overlooking the river *Guadiana* and



Título / Title: Vila de Alcoutim vista do rio.

Data / Date: c. 1968

Acervo / Chatters: Câmara Municipal de Alcoutim



pelo que não se optou pela reconstrução ou adaptação dessa fortificação. Para o sítio da nova Alcoutim escolheu-se a encosta que fica sobranceira ao rio Guadiana e à Ribeira de Cadavais.

Perante a necessidade de atrair população que se fixasse em Alcoutim e servisse na defesa e manutenção da praça fronteiriça, os monarcas portugueses concederam sucessivos privilégios aos habitantes. Este processo, que adiante se descreve, é uma realidade constante até aos finais do século XVIII. Paralelamente a esta preocupação, deslindamos como se terá desenvolvido o crescimento urbano de Alcoutim: de póvoa a condado, e depois a praça de guerra. Houve, entretanto, um período de alguma prosperidade económica relacionada com o comércio fluvial, o que ocorreu nos inícios do século XV e é atestado pelo surgimento de Sanlúcar de Guadiana, do outro lado do rio. Neste sentido coloca-se a questão: Como se terão relacionado estas duas povoações tão vizinhas? A sua situação no interior, ambas afastadas dos principais centros urbanos quer do Algarve quer da Andaluzia, proporcionou desde sempre uma estreita relação entre a vila portuguesa e a vila espanhola, apesar de a comunicação entre elas só poder ser feita por barco. A inexistência de uma ponte – uma aspiração secular e que continua a ser negada nos dias de hoje – obrigou os responsáveis dos respectivos municípios a estabelecer as ligações através de uma Barca de Passagem. Dentro dessas relações destaca-se ainda a prática do contrabando. Que sempre existiu desde que o Guadiana passou a constituir uma fronteira política e que foi para muitos um modo de subsistência.

the brook *Cadavais* was chosen.

Faced with the need to attract population who would settle in *Alcoutim* and participate in the defence and upkeep of the border garrison, the Portuguese monarchs granted successive privileges to its inhabitants. This process, described in the following pages, was a constant reality until the late eighteenth century. One will also unravel how the urban growth of *Alcoutim* took place; from settlement to county, and then fortified garrison. There was, however, a period of some economic prosperity related to the river trade, which took place at the beginning of the fifteenth century and is evidenced by the foundation of *Sanlúcar de Guadiana*, on the opposite river bank. Thus, the question arises: How did the two neighbouring settlements relate to one another?

Their location on the hinterland, both away from the main urban centres in the Algarve and Andalusia, have always promoted close neighbourhood relations, though communication between both could be carried out by boat. The absence of a bridge – a centuries' long aspiration that has failed to materialize in the present – forced the heads of their municipalities to establish a connection with a Passage Bark. Within these relations, one should notice. It has almost always taken place since the *Guadiana* became a political border, and was for many a way of survival.



Autor / Author: Nany da Costa
Alcoutim visto de Sanlúcar de Guadiana

A ocupação humana no território de Alcoutim

Human Settlement on the Territory of Alcoutim

Os vestígios mais antigos que testemunham a ocupação humana no actual território de Alcoutim remontam aos períodos do Neolítico e do Calcolítico (IV e III milénios a.C.).¹ Do Neolítico, as antas de Altura da Serra, Curral de Castelhana, Mesquita e também um menir, são dos testemunhos mais significativos. Contudo, não se conhecem os correspondentes povoados das populações que construíram esses monumentos megalíticos.² Já do período Calcolítico (ou do Cobre), destaca-se o povoado de Cerro de Santa Justa, em Martim Longo, cujas escavações revelaram algumas estruturas defensivas e habitações. Este povoado, situado num esporão, inseria-se numa área rica em pirite, o que permitia a exploração metalúrgica.³



Autor / Author: Alexandra Gradim
Título / Title: Anta do Curral da Castelhana, Martim Longo
Acervo / Chatters: Câmara Municipal de Alcoutim



Autor / Author: Fernando Dias
Título / Title: Menires do Lavaço, Alcoutim
Acervo / Chatters: Câmara Municipal de Alcoutim

¹ CARDOSO, João Luís, CANINAS, João Carlos, GRADIM, Alexandra, e JOAQUIM, António do Nascimento, *Os Menires do Lavaço*. Afonso Vicente, Alcoutim, Câmara Municipal de Alcoutim/ Comissão de Coordenação Regional do Algarve, Alcoutim, 2003, p. 11.

² MARQUES, Teresa (coord.), *Carta Arqueológica de Portugal: corcelhos de Faro, Olhão - Tavira, Vila Real de Santo António, Castro Marim - Alcoutim*, Lisboa, IPPAR, 1995, pp. 235-247.

³ GONÇALVES, Vitor S., "Cerro do Castelo de Santa Justa: um povoado Calcolítico fortificado no alto Algarve oriental", in: BARATA, Maria Filomena (coord.), *Noventa séculos entre a terra e o mar*, Lisboa, ed. IPPAR, 1997, pp. 183-189.

As escavações efectuadas no interior do castelo medieval de Alcoutim, levadas a cabo pela Prof.^a. Helena Catarino, permitiram apurar que este lugar teve ocupação ainda antes da nossa Era, no período da Idade do Ferro e da primitiva presença romana. Como refere a Prof.^a Ana Margarida Arruda, durante a Idade do Ferro as povoações tendem a estabelecer-se em locais geoestratégicos, próximo das vias fluviais e em ligeiras elevações, que lhes permitem dominar um amplo território e controlar o trânsito de pessoas e mercadorias.⁴ Contudo, os materiais encontrados apenas permitem aferir a existência de contactos comerciais com os povos do Mediterrâneo, que se faziam através do Guadiana. Este rio era, desde a Antiguidade, o principal eixo de comunicação com o amplo mundo mediterrâneo, na aceção do grande historiador Fernand Braudel: "O Mediterrâneo é um conjunto de rotas de mar e de terra, e quem diz rotas diz cidades, da mais humilde à mais imponente, todas elas interligadas".⁵



Autor / Author: Nany da Costa
Castelo de Alcoutim

The excavations carried out inside the medieval castle of Alcoutim, by Prof. Helena Catarino, have asserted that this site was occupied even before our era, in the Iron Age and during the Roman Period. According to Prof. Ana Margarida Arruda, the population tended to settle upon geostrategic sites during the Iron Age, close to river courses and on low elevations that allowed them to dominate an extensive territory and control the traffic of people and goods.⁴ The remains that have been found, however, point to the existence of trade with those peoples on the Mediterranean, carried out along the Guadiana. This river was since Antiquity, the main axis of communication with the vast Mediterranean world, according to the view of the great historian Fernand Braudel: "The Mediterranean is a group of sea and land routes, and by routes one implies cities, from the most humble to the most powerful, all interconnected".⁵

⁴ ARRUDA, Ana Margarida, *Los Fenicios en Portugal. Fenicios y mundo indígena en el centro y sur de Portugal (siglos VIII y VII a. C.)*, Cuadernos de arqueología Mediterránea, Vol. 5-6, Publicaciones del laboratorio de Arqueología, Universidad Pompeu Fabra de Barcelona, Carrera Edició, s.l., 1999-2000, p. 60.

⁵ Vide ARRUDA, Ana Margarida, *Los Fenicios en Portugal. Fenicios y mundo indígena en el centro y sur de Portugal (siglos VIII y VII a. C.)*, op., cit., p. 60.

A importância que o rio Guadiana apresentava na Antiguidade é testemunhada também pelos importantes vestígios romanos, dos primeiros séculos da nossa Era, que se encontram nas suas margens e de que são exemplos a *villa* romana do Montinho das Laranjeiras ou a barragem do Álamo.⁶ Estes sítios ribeirinhos não só reflectem a estreita ligação que, através da via fluvial, permitia a circulação de todo o tipo de produtos para o resto do Império, mas também a circunstância de nas margens do rio se encontrarem as terras mais férteis.

Após a queda do Império Romano, no século V, há indícios de o território de Alcoutim ter tido a presença de bizantinos e visigodos que, frequentemente, continuaram a ocupar os locais anteriormente romanizados.

Na época islâmica, a partir do século VIII, as principais cidades (e meras fortificações) instalam-se



Autor / Author : Fernando Dias
Título / Title: *Villa Romana do Montinho das Laranjeiras, Montinho das Laranjeiras - Alcoutim*
Acervo / Chatters: Câmara Municipal de Alcoutim

The importance of the river Guadiana in Antiquity is also attested by the important roman remains, dating from the first centuries of our Era, on its banks, one example being the roman *villa* Montinho das Laranjeiras or the *Álamo Dam*.⁶ These riverside sites reflect not only the close link that through the river, allowed for the circulation of all sorts of goods to the rest of the Empire, but also the fact that the river banks possessed the most fertile lands.

After the Fall of the Roman Empire, in the fifth century, there is evidence of the presence of Byzantines and Visigoths, and they frequently settled again on previously Romanized sites.

In the Islamic Age, starting in the eighth century, the main cities and mere fortifications are to be found on



Autor / Author : Lúcio Alves
Título / Title: *Vista aérea do Castelo Velho de Alcoutim, Alcoutim*
Acervo / Chatters: Câmara Municipal de Alcoutim

⁶ MARQUES, Teresa (coord), *Carta Arqueológica de Portugal, op., cit., p. 235-247.*

também no litoral algarvio ou na proximidade das vias fluviais, seguindo a tradição do povoamento anterior. Fica assim facilitado, uma vez mais, o comércio dos mais variados produtos,⁷ permitindo ainda a vigilância e protecção das povoações.⁸ É neste contexto que se entende a existência de duas fortificações islâmicas no território de Alcoutim e à beira-rio: o Castelo das Relíquias, em Giões, vigiava, mais a norte, a ribeira do Vascão, ao passo que o "Castelo Velho" de Alcoutim vigiava a grande via fluvial do Guadiana. Este primeiro castelo de Alcoutim, de acordo com as escavações levadas a cabo pela Prof.^a Helena Catarino, deixou de ser habitado logo nos primeiros anos do século XII.⁹ O "Castelo Velho" de Alcoutim pertencia, com outros, ao reino de Niebla, que era, no século XIII, senhoresado pelo almôada Ibn Mafot. Segundo a *Crónica de Afonso X*, ao Reino de Niebla pertenciam, por esta altura, não só a própria vila e termo de Niebla, como também Gibraleón, Huelva, Serpa e Moura, além de, já na outra margem do Guadiana, *Alcatin* (Alcoutim), Castro Marim, Tavira, Faro e Loulé¹⁰ - ou seja, a parte oriental do que depois viria a ser o "Reino do Algarve".

the Algarve's Coast, or in the proximity of rivers, following the tradition of the previous settlements. The trade of all sorts of goods⁷ was thus made easier, and also allowed for vigilance and protection of settlements.⁸ It is within this context that one should read the existence of two Islamic fortifications on the territory of Alcoutim and on the riverside: the Castle of Relics at Giões would overlook the brook Vascão to the north, whereas the "Old Castle" would keep a watch on the great Guadiana's course. The earliest castle at Alcoutim, according to the excavations by Prof. Helena Catarino, was no longer occupied right at the beginning of the twelfth century.⁹ The "Old Castle" of Alcoutim was amongst others a possession of the Kingdom of Niebla, held in the thirteenth century by the almodad Ibn Mafot. According to the *Chronicle of Alfonso X*, by this time the Kingdom of Niebla lorded over the town itself and the site of Niebla, and also Gibraleón, Huelva, Serpa and Moura, besides *Alcatin* (Alcoutim), Castro Marim, Tavira, Faro and Loulé¹⁰ on the opposite bank of the river - that is, the eastern section of what would become the "Kingdom of the Algarve".

7 PICARD, Christophe, "A perda do Algarve do lado muçulmano" in MARQUES, Maria da Graça Melo (coord.), *O Algarve da Antiguidade aos nossos dias: elementos para a sua história*. Edições Colibri, Lisboa, 1999, p. 105.

8 CATARINO, Helena, "Formas de ocupação rural em Alcoutim (séculos V-XI)" in *CuPAGIAM*, 31-31, Universidade de Coimbra, 2005-2006, p. 117.

9 *Idem*, *ibidem*, p. 117.

10 ROMERO CAMACHO, Isabel Montes, "La Iglesia de Silves sufragánea de Sevilla. La restauración de un Obispado medieval en mérito de la lucha por el Algarve entre Portugal e Castilla" in *Actas das I Jornadas de História Medieval do Algarve e Andalucía*, Loulé, Câmara Municipal de Loulé, 1987, p. 139.

Alcoutim, depois da conquista cristã

Alcoutim, after the Christian Reconquest

Antes da definitiva conquista cristã do Algarve, em meados do século XIII, os mouros já tinham abandonado o território de Alcoutim. Poderia haver algum povoamento disperso, mas sem qualquer organização social. E assim teria continuado até ao reinado de D. Dinis.

Posteriormente à conquista cristã, Alcoutim integrava o extenso termo de Cacela, cujos limites, assentes por volta de 1240, iam até à Ribeira do Vascão. Cacela foi doada à Ordem de Santiago da Espada pelo rei de Portugal D. Sancho II, como mercê do grande feito que foi a conquista do Algarve Oriental. A referida Ordem ficaria responsável pela defesa e povoamento destas terras recém-conquistadas. Contudo, o início do processo de povoamento e respectivas construções defensivas não foi imediato. Para a consolidação do domínio cristão e português nestes lugares, faltavam ainda os povoadores.¹¹

Só depois do Tratado de Badajoz, em 1267, pelo qual o rei de Castela reconheceu a soberania do rei de Portugal sobre o Algarve, se deu início ao processo de defesa e povoamento das terras fronteiriças com Castela.¹² Quando D. Paio Peres Correia, mestre da Ordem de Santiago, se retirou para Castela, o rei português D. Afonso III, em 1272, revogou a doação do termo de Cacela à mesma Ordem. A residência de D. Paio Peres em Castela fazia desconfiar o monarca, que lutava para consolidar o seu reino e seu poder. Deixou, porém, à Ordem de Santiago alguns imóveis e os padroados de todas as igrejas que se construísssem a partir de então em todo o termo de Cacela.¹³

Before the definitive Christian Conquest of the Algarve, in mid-thirteenth century, the Moors had already abandoned the territory of Alcoutim. There may have been some sparse settlement, but without any social organization. And it would have remained so until the reign of Dom Dinis.

After the Christian Conquest, Alcoutim was part of the extensive Estate of Cacela, whose borders defined around 1240, would go as far as the brook Vascão. Cacela was donated to the Order of Santiago of the Sword by the King of Portugal Dom Sancho II, as acknowledgment for the great feat that had been the conquest of the Oriental Algarve. The aforementioned Order would be in charge of defending and settling the newly conquered lands. However, the settling and their defensive edifications did not begin at once. In order to consolidate the christian and portuguese dominion on these lands, settlers would still have to be found.¹¹

It was after the Treaty of *Badajoz*, in 1267, according to which the King of Castile recognized the sovereignty of the King of Portugal over the Algarve that the process of defence and settlement on the borderlands with Castile began.¹² When Dom Paio Peres Correia, Grand-Master of the Order of Santiago, retired to Castile, the Portuguese King Dom Afonso III, in 1272, revoked the donation of the Estate of *Cacela* to the aforesaid Order. His residence in Castile made the monarch suspicious. The monarch was battling to consolidate his kingdom and his power. He did leave, however, a few edifications and the

¹¹ OLIVEIRA, Luís Filipe, "A Ordem de Santiago e a conquista de Alcoutim", in *Seminário "O Foral de D. Dinis e Alcoutim Medieval e Moderno"*, Alcoutim, Câmara Municipal de Alcoutim, 2004, pp. 6-7.

¹² GONÇALVES, Luís, *Problemática em torno da conquista do Algarve...*, cit., pp. 123-127

¹³ OLIVEIRA, Luís Filipe, *A Ordem de Santiago e a conquista de Alcoutim*, op., cit., pp. 7-8.

D. Afonso III procurou assim controlar as terras fronteiriças do Baixo Guadiana, como eram Castro Marim e Alcoutim. Em 1277, outorgou foral a Castro Marim.¹⁴ A criação deste novo concelho teve como imediata consequência a redefinição dos limites do vasto termo de Cacela, que ficou bastante mais reduzido com o desmembramento do seu território.

Depois da morte de D. Afonso III, em 1279, é D. Dinis, seu filho, que vai prosseguir o projecto de consolidação e defesa do Algarve. Continuou a promover o povoamento de Castro Marim, como também o de Alcoutim, por se localizarem na fronteira e frente a Castela, dela separados unicamente pela largura do rio Guadiana. E avaliou, para esse efeito, a possibilidade de reutilização e adaptação de fortificações antigas que doravante tinham de corresponder às novas realidades geopolíticas.¹⁵

O "Castelo Velho" de Alcoutim não agradou ao monarca pela sua posição topográfica. Ao contrário do castelo de Castro Marim, que era "*hum castelo muito forte, a que a disposição do lugar faz muito defensável, que é na fronteira dos ditos inimigos*",¹⁶ o velho castelo de Alcatim estava implantado num morro bastante alto e de acessos íngremes. Embora permitisse vigiar o rio e abarcasse vastos horizontes, esta localização pouco acessível dificultaria a construção de habitações em seu redor. Além disso, os terrenos que o envolviam não eram propícios à exploração agrícola. Desse modo, preferiu-se um lugar rodeado de boas várzeas e mais próximo da margem, aproximadamente um quilómetro a sul da antiga fortificação.

No primeiro mês do ano de 1304, D. Dinis concedeu

patronage of all the churches to be built within the whole Estate of Cacela.¹³

Dom Afonso III's intention was to control the borderlands on the lower *Guadiana*, such as *Castro Marim* and *Alcoutim*. In 1277, he granted a Charter to *Castro Marim*.¹⁴ The creation of this new council had the immediate consequence of redefining the limits of the vast Estate of *Cacela*, which was substantially reduced following the division of its territory.

Following the death of Dom Afonso III, in 1279, it was Dom Dinis, his son, who would carry on the project of consolidation and defence of the Algarve. He continued to promote the settlement of *Castro Marim*, as well as *Alcoutim*, because they were on the border opposite to Castile, only separated by the river *Guadiana*'s width. He considered to that effect, the possibility of reusing and adapting old fortifications that would thenceforward have to meet the new geopolitical realities.¹⁵

The "Old Castle" in *Alcoutim* did not please the monarch due to its topography. Unlike the castle at *Castro Marim*, which was "*a very sturdy castle, whose location at the border facing the enemies made its defence easy*",¹⁶ the old castle at *Alcatim* was built on a fairly high hill with a steep access route. Even though it would allow for the river's surveillance and keep a watch on a vast horizon, this almost inaccessible location would make the construction of dwellings around it, difficult. Besides, the surrounding land was not adequate for farming. Therefore, a site surrounded by fine lowlands and closer to the riverbank was chosen, about a kilometre south from the old fortification.

¹⁴ CAVACO, Hugo, *Castro Marim Quinhentista: o Foral Novo (de 1504) e o Tombo da Comenda (de 1509)*. Subsídios para uma interpretação histórica da vila, Castro Marim, Edição da Câmara Municipal de Castro Marim, 2000, p. 17.

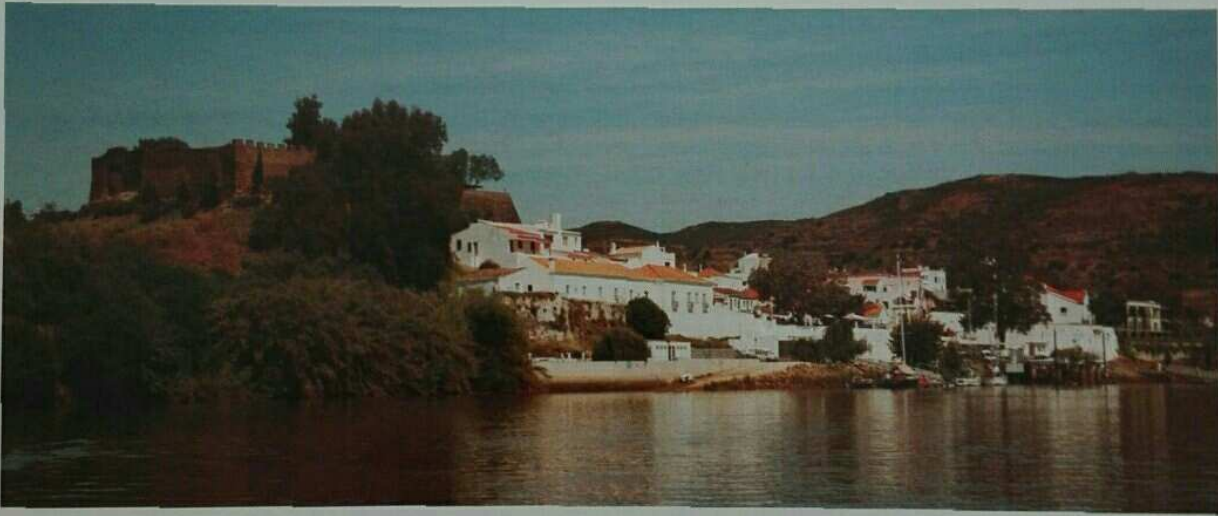
¹⁵ Como aconteceu, por exemplo, com um antigo castelo que existia em Monforte, acima do rio Côa, no qual D. Dinis "(...) não fez ho Castello de Monforte de Riba Côa, que também lhe foy dado por estar em maa despoziçã da terra e sua força para defença do Regno, nom seer muito necessária (...)." BARROCA, Mário Jorge, "D. Dinis e a Arquitectura Militar Portuguesa" in *Revista da Faculdade de Letras*, Porto, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 1972, p. 810.

¹⁶ MOREIRA, Maria da Conceição, *Apartamentos históricos sobre Castro Marim*, Lisboa, Secretaria do Estado e do Ordenamento do Ambiente, 1987, p. 9.

¹⁵ As it happened, for example, to an old castle in Monforte, north from the river Côa, on which Dom Dinis "(...) did not rebuild the Castle of Monforte of Riba Côa, because it was badly located and unnecessary to defend the Kingdom (...)" BARROCA, Mário Jorge, "Dom Dinis and the Portuguese Military Architecture" ("D. Dinis e a Arquitectura Militar Portuguesa") in *Review of the Faculty of Humanities (Revista da Faculdade de Letras)*, Oporto, Faculty of Humanities of the University of Oporto (Faculdade de Letras da Universidade do Porto), 1972, p. 810.

à póvoa de Alcoutim um foral do tipo Évora, que era de carácter militar e atribuído a terras que precisavam de ser urgentemente povoadas e defendidas. Com esta carta foralenga, Alcoutim separou-se por sua vez do termo de Cacela. A Vila adquire, a partir de então, individualidade e autonomia.¹⁷ Três anos depois, em 1307, o mesmo rei comprou uns terrenos agrícolas, a uns vizinhos de Castro Marim, "pera a Pobra d'Alcoutym".¹⁸ Esta expressão revela que o monarca pretendia aumentar e consolidar o sítio, visando com a aquisição de tais terrenos determinar os limites do termo de Alcoutim em relação ao de Castro Marim.

On the first month of the year of 1304, Dom Dinis granted a Charter like the one granted to Évora, to the settlement of Alcoutim. It had a military character and was granted to lands that demanded to be urgently settled and defended. Provided with this Charter, Alcoutim in its turn separated from the Estate of Cacela. The town acquired from that moment onwards, individuality and autonomy.¹⁷ Three years later, in 1307, the same king acquired a few plots of farming land from neighbours in Castro Marim, "for Poor Alcoutym".¹⁸ This expression indicates that the monarch intended to increase and consolidate the estate, and acquired those lands in order to define the limits of the Estate of Alcoutim relatively to those of Castro Marim.



Autor / Author: Nany da Costa
Castelo e Vila de Alcoutim

¹⁷ SILVA, Teresa Rebelo da, "Foral de Alcoutim – 9 de Janeiro de 1304" in *Seminário O Foral de D. Dinis e Alcoutim Medieval e Moderno*, Alcoutim, Câmara Municipal de Alcoutim, 2004, pp. 3-5.

¹⁸ OLIVEIRA, Luis Filipe, *A Ordem de Santiago e a conquista de Alcoutim*, op., cit., p. 7. Este autor confirma que a data correcta é 1307. Alexandra Gradim, baseada pela cópia do documento original, *Direitos Reais*, Livro 2, fls. 202-203, refere que a data da compra de tais terrenos é 1305.

¹⁸ OLIVEIRA, Luis Filipe, *The Order of Santiago and the conquest of Alcoutim (A Ordem de Santiago e a conquista de Alcoutim)*, op., cit., p. 7. This author confirms that the correct date is 1307. Alexandra Gradim, based on a copy of the original document, *Royal Rights (Direitos Reais)*, Livro 2, fls. 202-203, mentions that the date of acquisition of such plots of land is 1305.

O processo de povoamento de Alcoutim: Os privilégios e o couto

The Process of Settlement in Alcoutim: The Privileges and the Fee

Sobre os privilégios que os moradores da vila de Alcoutim usufruíram praticamente desde a criação do concelho, respondeu, do seguinte modo, o pároco ao questionário de 1758:

"Os Privilégios que tem, ou antiguidades, são já os acima declarados; e outros muitos dizem que havia mas não há clareza deles, pois é certo que só com mais favores podia aqui haver habitação, por ser terra sem desafogo cercada de serros sem outro alívio mais que a vizinhança do Guadiana; e sendo esta vila tão vizinha, e fronteira a uma vila de Castela em tempo de guerra de tão perigosa habitação, é certo, e o clama a voz contínua deste povo de Alcoutim que muitos privilégios havia para os habitantes desta vila e seu termo e o mesmo povo de Alcoutim se queixa de Alguns Provedores do Algarve os terem sumido".¹⁹

Estes argumentos mostram claramente quais eram as fragilidades da Vila e as dificuldades que enfrentariam os primeiros habitantes. A sua localização - perto do rio Guadiana, que proporcionava alguma pesca e o escoamento dos produtos - parece, à primeira vista, um factor crucial para atrair pessoas. Porém, o seu afastamento das principais cidades do litoral algarvio e a sua vizinhança com as terras de Andaluzia-Castela, onde a ameaça de investidas era constante, pouco aliciava novos moradores. Só com os privilégios concedidos pelos monarcas se conseguiria atrair para aqui alguma população.

Quem viesse morar para Alcoutim não se poderia limitar à exploração económica dos recursos naturais do sítio. Servir e defender eram outras funções a desempenhar.

The parson replied to the 1758 questionnaire, regarding the privileges that the citizens of the town of Alcoutim had held almost since the foundation of the council, in the following manner:

"The privileges it holds or used to hold, are those above stated; and many claim that there were more but we cannot be certain, surely only with more favours could there be dwellings, because it is a land without much space, surrounded by hills, and no other space but the neighbouring Guadiana: and being on the border so close to a Castilian town, it is dangerous living in times of war, and the voice of the people claims that there used to be many privileges for its inhabitants and its Estate, and the same people complains that some Provedores of the Algarve took them away".¹⁹

These statements clearly show which were the frailties of this town and the difficulties their first inhabitants would have faced. Its location - near the Guadiana, which would provide them with fish and an outlet for their produce - would seem like a crucial factor to attract people. However, the distance from the main cities on the Algarve's coast and neighbouring the lands of Andalusia-Castile, where the threat of an attack was constant, would not draw new inhabitants. Not until privileges were granted by the monarchs, were some people attracted to this place.

Those who came to settle in Alcoutim could not confine themselves to the economic exploitation of the natural resources. To serve and defend were other tasks they were asked to perform.

¹⁹ A.N.T.T. *Memórias Paroquiais*, vol. 2, n.º 12, pp. 113-130. As Memórias Paroquiais foram as respostas que os párocos deram em 1758 a um questionário que lhes foi submetido pelo Marquês de Pombal.

¹⁹ A.N.T.T. *Parish Memories (Memórias Paroquiais)*, vol. 2, n.º 12, pp. 113-130. Parish Memories were the responses given by parsons in 1758 to a questionnaire submitted by the Marquis of Pombal.

Contudo, o rei tinha de garantir prioritariamente a segurança e a protecção dos moradores contra eventuais invasões. O rei D. Dinis preocupou-se assim com as questões de defesa e povoamento da vila. As medidas de povoamento por ele tomadas assumem essa estratégia defensiva. Como, por exemplo, dispensar de *fossado* (quer dizer, de serviço militar fora da localidade) aos homens que aí morassem continuamente, os quais ficavam portanto apenas incumbidos de defender a própria Vila e termo. O objectivo era manter a Vila permanentemente guarnecida. A isenção de tributos aos que tinham cavalos e armas também demonstra o cuidado em assegurar a existência contínua de uma cavalaria vilã, necessária à defesa. Por isso, D. Dinis ordenou que não fossem penhorados cavalos e armas aos que se fixassem na póvoa de Alcoutim.

Pela mesma ordem de razões, os reis que sucederam a este monarca voltaram a confirmar os privilégios acima referidos.²⁰

No século XV, a vila de Alcoutim passou por algumas transformações. No início do reinado de D. Afonso V, a defesa e o povoamento da Vila continuavam a ser a principal preocupação. Foi neste sentido que aquele rei dispensou o concelho de Alcoutim, tal como o de Mértola, de fiscalizar os pescadores castelhanos e ainda os privilegiou ao isentá-los de peitas ou pedidos. A justificação de tais isenções prendia-se sempre com a necessidade do povoamento: *"E porque Mértola e Alcoutim e lugares a ele comarcãs estão fora destes nossos trabalhos e fortunas e são relevados de peita e pedidos quando se no Reino lançam (...) por ser o lugar melhor de povoar pois couto é e estar em tal comarca de*

The King, however, had to ensure as a priority the security and protection of inhabitants against possible invasions. King Dom Dinis was thus concerned with the matters of defence and settling the town. The measures of settlement that he took are an answer to that defensive strategy. For example, exemption of *fossado* (that is, military service outside of the town's limits) to those men who lived there permanently. They were thus only asked to defend the town itself and its estate. The objective was to keep the town permanently garrisoned. The exemption of tribute from those who owned horses and weapons also shows the care to ensure that there would be a permanent "cavalry of villains", necessary to the defence. Therefore, Dom Dinis ordered that horses and weapons from those who settled at *Alcoutim* should not be apprehended.

For the same reasons, those kings who succeeded to this monarch once more confirmed the aforementioned privileges.²⁰

In the fifteenth century, the town of *Alcoutim* underwent a few transformations. At the beginning of the reign of Dom Afonso V, the defence and settlement of the town were still his main concerns. Bearing this in mind, the King exempted the Council of *Alcoutim*, as well as *Mértola*, from supervising the Castilian fishermen and also granted them the privilege of exemption from *bribes* and *requests*. The justification behind such exemptions was related to the need to settle the land: *"And because Mértola and Alcoutim, and neighbouring villages are not our business and exempted from the king's bribes and requests (...) for it is the best place to settle, for it is a Fee*

²⁰ A.N.T.T., Chancelaria de D. Manuel I, liv. 40, fl. 5.

frontaria".²¹ "Pois couto é" indica também a proibição de entrada de funcionários régios nestas terras.

Em 1458, a pedido do então Alcaide-mor, João Freire de Andrade, D. Afonso V cria na Vila um couto para quinze homiziados.²² Estes gozariam as mesmas liberdades e regalias que os de Mértola.²³ O pároco que respondeu ao inquérito pombalino também dá notícia da criação do couto de homiziados em Alcoutim: "É Couto, tanto no Criminal, como no Cível: são privilégios que os Reis concederam, e confirmados por muitos Reis para se acoutarem na dita vila feita homiziados no Criminal, como não sejam de Lesa Majestade".²⁴ Significa isto que só os autores de crimes de maior gravidade – os crimes de Lesa Majestade – eram excluídos do couto, no qual até eram admitidas pessoas condenadas por sodomia e heresia: "Este privilégio foi concedido por El rei Dom Afonso quinto, mas não está em muito uso; este Rei mandou conceder a esta vila este privilégio assim como se tinha concedido à antiga Mértola".²⁵

Mais tarde, o mencionado monarca fez tábua rasa de todos os privilégios que os habitantes de Alcoutim gozavam. Doou, vitaliciamente, a Vila e o castelo de Alcoutim, com todas as suas rendas, direitos e tributos, bem como as dízimas de todos os produtos que vinham para a Vila, a D. Maria de Andrade, filha de João Freire de Andrade, fidalgo da casa real.²⁶ Os benefícios que a Coroa recolhia em Alcoutim passaram agora a pertencer ao senhorio da Vila. Tal mercê dava àquela dama fidalga o direito de nomear juízes, tabeliães e coudéis. Por isso, ela

and lies on a border county".²¹ "...for it is a Fee..." also indicates that the prohibition of royal officers to enter these lands was in effect.

In 1458, in reply to the request of the *Alcaide-mor*, João Freire de Andrade, Dom Afonso V creates a Fee for fifteen fugitives in the town.²² These would enjoy the same liberties and privileges as those at *Mértola*.²³ The parson who answered the inquest from *Pombal* also tells us about the creation of the Fee of fugitives at *Alcoutim*: "It is a Fee, Criminal as well as Civil: those are privileges granted by Kings, and confirmed by many Kings so that criminal fugitives could take refuge at the aforementioned town, as long as theirs were not crimes against His Majesty".²⁴ This means that only the perpetrators of serious crimes – the crimes against His Majesty – would be excluded from the Fee, which even admitted those convicted of sodomy and heresy: "This privilege was granted by El Rei Dom Afonso V, but is not very much in use; this King ordered that this town should have this privilege as he had granted it to the old *Mértola*".²⁵

Later, the aforesaid monarch ignored all the privileges that the citizens of *Alcoutim* enjoyed. He made a lifelong donation of Town and Castle of *Alcoutim*, with all its incomes, rights and tributes, as well as the tithe of all products that came to town, to Dona Maria de Andrade, daughter of João Freire de Andrade, nobleman of the royal household.²⁶ The benefits once collected by the Crown at *Alcoutim* were now property of the town's Landlady. Such favour empowered the Lady to appoint judges, notaries and cavalry captains. Therefore, she requested the King that into the town of *Alcoutim*: "any officer of ours should

²¹ IRIA, Alberto, *O Algarve nas Cortes Medievais Portuguesas do séc. XV (subsídios para a sua história)*, Vol. I, Lisboa, Casa do Algarve - Lisboa, 1990, p. 80.

²² Um couto de homiziados era um determinado território, criado e definido pelo rei, no qual se podiam estabelecer, sem serem perseguidos pela justiça e mediante determinadas condições, um certo número de condenados. Sobre Coutos de Homiziados vide VENTURA, Margarida Garcez "Os Coutos de Homiziados nas fronteiras com direito de asilo" in *Revista da Faculdade de Letras. História*, Porto, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Série I, vol. 1, n.º 1, 1972.

²³ A.N.T.T., *Chancelaria de D. Manuel I*, liv. 40, fl. 5.

²⁴ A.N.T.T., *Mémórias Paroquiais*, vol. 2, n.º 12, pp. 113-130.

²⁵ *Idem, ibidem*.

²⁶ A.N.T.T., *Chancelaria de D. Afonso V*, liv. 14, fl. 107.

²¹ A Fee for fugitives was a given territory, created and defined by the king, on which a given number of convicts could settle, safe from Justice and under certain conditions. About Fesal Lands for Fugitives see VENTURA, Margarida Garcez "The Fees for Fugitives on the Borderland with right of asylum" in "Os Coutos de Homiziados nas fronteiras com direito de asilo" in *Review of the Faculty of Humanities (Revista da Faculdade de Letras. História)*, Oporto, Faculty of Humanities of the University of Oporto (Faculdade de Letras da Universidade do Porto), Série I, vol. 1, n.º 1, 1972.

pede ao rei que na vila de Alcoutim não "entre algum oficial nosso nem outra alguma pessoa a contiar nem fazer alardos nem outra coisa alguma que pertença à coudelaria da dita vila"²⁷. De todos os direitos outorgados pelo rei ao senhorio de Alcoutim reservou-se para a Coroa apenas a correição e as alçadas da Vila, ou seja, a justiça, que era uma boa fonte de rendimentos.²⁸

Como exemplo frisante do poder e autoridade adquiridos pelos senhores de Alcoutim, temos o caso de D. Leonor, mulher de D. João Freire, que mandou organizar uma investida, com os seus oficiais e criados, à vila de Sanlúcar de Guadiana, porque os habitantes desta recusavam pagar-lhe a dízima. Obrigou os seus criados a atacarem e roubarem a vizinha vila, sob pena de degredo para Ceuta: "foi dito aos vizinhos deste lugar de Sanlúcar como a Senhora de Alcautín, dona Leonor, queria enviar certa gente a este lugar de Sanlúcar e lhes tomar os barcos que estes tinham [...] que a dita senhora os fez vir por força contra este lugar (...)"²⁹.

Em 1496, D. Manuel I, recém-subido ao trono, elevou a vila de Alcoutim a Condado: "El Rei Dom Manuel em Muje fez conde de Alcoutim Dom Fernando de Menezes, [e determinou que] dali por diante os filhos mais velhos legítimos dos Marqueses de Vila Real se chamassem Condes de Alcoutim"³⁰. O 1º conde de Alcoutim, Fernando de Menezes, requereu ao monarca que alargasse o couto de homiziados. O rei assim o fez, e estendeu o privilégio do couto para trinta homiziados, com os mesmos privilégios de Mértola. Em 1520 Alcoutim recebeu de D. Manuel I o novo foral. É similar ao foral de Tavira, mas com algumas particularidades que dizem

not be allowed to enter, and conduct a troop review, nor anything else that falls under the scope of the cavalry of the aforesaid town"²⁷. Out of all the benefits granted by the King to the Landlady of Alcoutim, the Crown reserved only the eyre and the itinerant court, that is, Justice, which was a good source of income.²⁸

A flagrant example of the power and authority acquired by the Lords of Alcoutim is the case of Dona Leonor, wife of Dom João Freire, who organized an assault with their officers and servants on the town of Sanlúcar de Guadiana, because the inhabitants of this town refused to pay her the tithe. She forced their servants to attack and rob the poor town, under threat of exile to Ceuta: "it was told to the neighbours at Sanlúcar how the Lady of Alcautín, Dona Leonor, wanted to send certain people to Sanlúcar and take hold of the boats they owned [...] that the aforesaid Lady forced them against their will to take up arms against this place (...)"²⁹.

In 1496, recently crowned Dom Manuel I, elevated the status of the town of Alcoutim to County: "At Muje, El Rei Dom Manuel dubbed Dom Fernando de Menezes, Count of Alcoutim, [and determined that] thenceforward the older and legitimate sons of the Marquis of Vila Real would be titled Counts of Alcoutim"³⁰. The first Count of Alcoutim, Fernando de Menezes, asked the monarch to expand the Fee of Fugitives. The King agreed and extended the privilege of the Fee to thirty fugitives, holding the same privileges as those at Mértola. In 1520, Dom Manuel I granted Alcoutim the new Charter. It is similar to the Charter of Tavira, but has some distinguishing details regarding the specific circumstances

²⁷ MORENO, Humberto Baquero, *A Batalha de Alfarrobeira: antecedentes e significado histórico*, Vol. II, Coimbra, Biblioteca Geral da Universidade, 1980, pp. 714, 717.

²⁸ DUARTE, Luis Miguel, "A Justiça Medieval Portuguesa (inventário de dúvidas)" in *Cuadernos de Historia del Derecho*, Madrid, Universidade Complutense de Madrid, 2004, p. 89.

²⁹ CARRBAZO RUBIO, Juan Luis, "Violencia y relaciones fronterizas: Alcoutim y Sanlúcar de Guadiana afines del siglo XV" in *Revista da Faculdade de Letras: História*, série II, vol. 15, vol. 1, 1998, pp. 374-375.

³⁰ "Itens contra os erros da Chronica. Critica de hum Cavalheiro da Casa do Cadaval á Chronica de Damão de Goes" in FREIRE, Anselmo Braancamp, *Arquivo Histórico Portuguez*, Vol. IX, Lisboa, 1914, p. 357.

respeito às circunstâncias específicas da Vila, nomeadamente acerca da barca de passagem para a banda de Castela.³¹

Tanto a outorga de privilégios foraleiros como a criação do couto de homiziados responderam à necessidade de ocupar e defender este espaço fronteiriço. Depois, com a doação da vila de Alcoutim a um senhor, e com D. Manuel I a um conde, são estes que passam a controlar a vila, quer a nível económico quer a nível jurisdicional. Como refere o Prof. Luís Filipe Oliveira, as vilas doadas a um senhor chegavam a ser "verdadeiros estados senhoriais, dotados de órgãos de governo próprios, necessários à gestão dos bens, à cobrança das rendas e direitos, à aplicação da justiça, ou à guarda dos castelos".³² Neste sentido, a partir do século XVI os habitantes da vila de Alcoutim passaram a súbditos do conde e senhor de Alcoutim.

Ainda no século XVI, em 5 de Fevereiro de 1573, Alcoutim recebeu a visita do rei D. Sebastião. Segundo informa João Cascão, cronista dessa jornada, a Vila contava então 250 vizinhos, o que equivalia a perto de um milhar de moradores: "*Alcoutim é de 250 vizinhos; tem defronte um lugar de Castela, a que chamam S. Lucar, que também é de 250 vizinhos. E toda a mais gente que nele vive são Portugueses homiziados*".³³ Estes foragidos em Castela interceptaram a comitiva real e rogaram a D. Sebastião que lhes perdoasse as penas. João Cascão narra esse episódio: "*meia légua de Alcoutim, lhe saíram três barcos de homiziados que andavam da banda de Castela, que eram setenta e tantos. Estes, chegando-se a El-Rei,*

of the town, namely about the passage bark to the Castilian side.³¹

Both the grant of Charter Privileges, and the creation of a Fee of Fugitives answered the need to occupy and defend this borderland. Following the donation of the town of *Alcoutim*, first to a Lord, and next to a Count (by King Manuel I), these take over the town, from an economical and jurisdictional point of view. As told by Prof. Luís Filipe Oliveira, settlements donated to a Lord would become "genuine dominions under a Lord, provided with its own body of government, necessary to the management of property, collection of rents and rights, enforcement of Justice, and garrisoning the castles".³² Thus, the citizens of *Alcoutim*, from the sixteenth century onwards, became subjects of the Count and Lord of *Alcoutim*.

Still in the sixteenth century, on the 5th of February, 1573, *Alcoutim* welcomed King Dom Sebastião. According to João Cascão, chronicler of this journey, the town was inhabited by 250 neighbours, which amounts to about one thousand inhabitants: "*Alcoutim has 250 neighbours; opposite stands a settlement of Castile, they call S.Lucar, which also has 250 neighbours. And all the people living in it are Portuguese fugitives*".³³ These refugees in Castile intercepted the royal entourage and begged Dom Sebastião for a pardon. João Cascão gave an account of this episode: "*half a league from Alcoutim, three boats of fugitives from the Castilian river bank, holding seventy or more came to meet him. When they approached him, they bowed and yelled for mercy. El-Rei sent the Corregedor*

³¹ A.N.T.T. Livro dos Forais Novos de Entre-Tejo e Odiana, Leitura Nova, liv. 45 Corpo 2, Estante 7, Prateleira 3.

³² OLIVEIRA, Luís Filipe, "Em torno das Casas Senhoriais dos finais da Idade Média" in *MEDIA ETAS*, N.º 3, 2000, p. XX.

³³ LOUREIRO, Francisco de Sales, *Uma Jornada ao Alentejo e ao Algarve. A alteração das linhas de força da política nacional*. Lisboa, Livros Horizonte, 1984, p. 123.

cruzaram as mãos, e se abaixaram todos e pediram com grandes gritos misericórdia. El-Rei mandou logo a Alcoutim o Corregedor, que falasse com eles, e tomasse suas petições, o que fez, e livremente perdoou 45 e aos mais deixou ir livremente, outra vez para Castela"; o rei, não podendo ali apurar a gravidade de todos os crimes, perdoou apenas os mais leves, como o roubo: "e fez El-rei neste caso uma obra sua, porque vindo estes homens meter-se em Alcoutim, sem seguro, perdoou a uns, e a outros deixou ir livremente, assinando-lhes tempo em que viessem a Évora com suas petições, por serem os casos destes mais graves, e que era necessário estar devagar".³⁴

No domínio filipino, entre 1580 e 1640, a situação de Alcoutim não se alterou significativamente. Com o rei D. Filipe I (II de Espanha) os privilégios dos trinta homiziados da vila de Alcoutim voltaram a ser confirmados. Era então conde de Alcoutim D. Miguel de Menezes.³⁵

Durante a guerra da Restauração (1640-1668), a vila de Alcoutim passou a estar na primeira linha da defesa fronteiriça contra as ameaças de invasão castelhana. Carecia desesperadamente de pessoas que servissem nas obras de fortificação e na defesa da praça de guerra. As guarnições das restantes praças do Algarve e também do Alentejo deparavam-se com as mesmas dificuldades. Não raras vezes, os que trabalhavam numa determinada praça eram enviados para outra em que a urgência fosse maior. A principal causa para a ausência de pessoas em Alcoutim, para além do perigo que representava aqui habitar, era a falta de retribuição pelos serviços que estes homens

straight away to speak to them and take note of their petitions, which he did and forgave forty five, and let the remaining ones go freely, back to Castile"; the King could not assess the seriousness of all the crimes, and forgave the less serious ones, such as theft; "and the king took it upon himself in this case, to forgive some of them and let others go freely, suggesting that in due time they should come to Évora with their petitions, because theirs were the most serious offences, and it was necessary to proceed slowly".³⁴

During the rule of the Philips, between 1580 and 1640, the situation in *Alcoutim* did not change significantly. When King Philip I (II of Spain) ruled, the privileges of the thirty fugitives from the town of *Alcoutim* were once more confirmed. The Count was then Dom Miguel de Menezes.³⁵

During the War of the Restoration (1640-1668), the town of *Alcoutim* was at the frontline of border defence against the threats of Castilian invasion. It desperately needed people to work on the fortification works and to serve in the defence of the garrison. The remaining garrisons in the Algarve, and also in Alentejo faced the same difficulties. Frequently, those serving in a given garrison were sent to another where the danger was deemed greater. The main reason behind the scarcity of people in *Alcoutim*, besides the danger that living there implied, was the lack of gratification for the services those men had to provide. The letters from Governors in the Algarve, sent to the King, reflect such a reality. Payment was demanded. And they also mention the worrying scarcity of men: "*In the district of Castro Marim and*

³⁴ *Ibidem*, p. 123.

³⁵ A.N.T.T., "O couto de Alcoutim", Livro 6, Confirmações Gerais, Fis. 136 vº/137 in CAVACO, Hugo, *Castro Marim Quinhentista: ... op., cit.*, pp. 174, 176.

tinham que prestar. As cartas dos governadores do Algarve, dirigidas ao rei, reflectem essa realidade. Pede-se constantemente o pagamento. E referem também a afluência escassez de efectivos: "*Naquele distrito de Castro Marim e no de Alcoutim se levantasse a mais gente que se pudesse achar o que se não poderá fazer senão forçados*".³⁶

Outra solução que ajudasse a colmatar a carência de pessoas ao serviço da praça de Alcoutim era a aplicação da pena de degredo, muito utilizada pelos tribunais do Santo Ofício. Diogo Rodrigues da Costa é um dos exemplos. Este Diogo era cristão-novo, mercador, natural da cidade da Guarda. Acusado de judaísmo, em 1665, a sua sentença consistiu em sair no auto-de-fé com o hábito penitencial e continuar em Alcoutim o tempo em falta do degredo que lhe tinha sido imposto.³⁷

Após a Restauração da Independência em 1640, e na sequência da condenação do Marquês de Vila Real e de seu filho, o Duque de Caminha (respectivamente titular e herdeiro do Condado de Alcoutim), por conspirarem contra D. João IV, os bens que lhes pertenciam (vilas, lugares, castelos, padroados, terras, foros, direitos e tributos) foram confiscados para a Coroa e doados, em 1654, ao Infante D. Pedro, herdeiro da Casa do Infantado. Alcoutim não é mais uma Vila Condal e pertence agora à Casa do Infantado.³⁸

Já no século XVIII, pelos finais do reinado de D. João V, os tradicionais privilégios atribuídos a Alcoutim foram postos em causa. Em 1747, o Provedor de Tavira, Manuel Gonçalves de Carvalho, dirigiu-se a Alcoutim para

Alcoutim, more men must be drafted, which cannot be done unless they are forced".³⁶

Another solution to help address the scarcity of people serving the garrison of *Alcoutim* was applying the sentence of exile, very much employed by the tribunals of the Holy Inquisition. Diogo Rodrigues da Costa is an example. Diogo was a new-christian, a merchant, a citizen of *Guarda*. After being accused of Judaism in 1665, his sentence was to walk out of the *Auto-de-fé* with the penitential habit and finish the remaining time of his exile at *Alcoutim*.³⁷

After the Restoration of the Independence in 1640, and following the conviction of the Marquis of *Vila Real* and his son (respectively, the holder and heir of the County of *Alcoutim*) for conspiring against Dom João IV, the property they once owned (town, villages, castles, patronage, charts, rights and tributes) were confiscated by the Crown and donated, in 1654, to the Infante Dom Pedro, heir of the *House of the Infantado*. *Alcoutim* was no longer a Count's Town and would belong to the *House of the Infantado*.³⁸

In the eighteenth century, at the end of the rule of Dom João V, the traditional privileges held by *Alcoutim* were in jeopardy. In 1747, the *Provedor of Tavira*, Manuel Gonçalves de Carvalho, headed to *Alcoutim* to arrogate the council's properties, putting an end to the favours and privileges. This royal magistrate also took away from the poor inhabitants of *Alcoutim*, a few strips of land for seed that had been granted by King Dom Pedro II, as told by the parson in the aforementioned "*Parish Memories*":

³⁶ DOCUMENTO N.º 382, *A sua Magestade em 27. de Novembro 11658* foi a Lisboa para ver se aia de dar, p. 292 e DOCUMENTO N.º 532, *A sua Magestade no Conselho de Guerra 1.º de Dezembro 11660*, p. 395.

³⁷ A. N. T. T. *Processo de Diogo Rodrigues da Costa*, Tribunal do Santo Ofício, Inquisição de Lisboa, proc. 10496-1, Documento digitalizado, PT-TT-TSO-IL-028-10496-1.

³⁸ A Casa do Infantado foi criada no reinado de D. João IV, por carta régia de 11 de Agosto de 1654.

³⁸ The House of the *infantado* was created during the rule of Dom João IV, by Royal Charter, dated August 11th, 1654.

a aforar os bens do concelho, acabando com as mercês e privilégios. Este magistrado régio retirou ainda aos pobres habitantes de Alcoutim umas courelas de terra de semeadura que lhes tinham sido concedidas pelo rei D. Pedro II, como refere o pároco nas citadas "Memórias Paroquiais":

*"Como sucedeu no ano de mil, e setecentos, e quarenta e sete; porquanto tendo Senhor Dom Pedro Segundo Rei de Portugal que Santa glória haja como senhor do Estado do Infantado feito mercê aos pobres moradores de uma pouca de terra para os pobres sobreditos semearem todos os anos alguma coisa para ajuda da sua passagem no dito ano sendo Provedor de Tavira o Doutor Manuel Gonçalves de Carvalho, e vindo a esta vila a tombar, e a aforar os bens do concelho por ordem que para isso tinha da Vossa Majestade, não fez nada mais que obrar tudo contra as ordens que trazia, e deixar os pobres privados da mercê referida; porquanto os bens do concelho ou do couto deixou-os como de antes estavam como era esta esmola aos pobres moradores desta vila, tombou, e aforou com toda a impiedade; e querendo os pobres declarar, e fazendo requerimentos tiranamente os não ouviu, e cruelmente os ameaçava com prisões (...)"*³⁹

"It happened in the year of 1747; after Dom Pedro II, King of Portugal, that he may be glorious as Lord of the House of the Infantado, granted favours to the poor dwellers who lived on a small plot, so that they could grow something to get by; in the same year, the Provedor of Tavira, Doctor Manuel Gonçalves de Carvalho, came to this land to arrogate the properties of the council, on orders from Your Majesty, and did the opposite of what he was instructed to do, and left the poor people deprived of their favours; the properties of the Council or the Fee, aims to the poor dwellers of this town, he arrogated without mercy; and when the poor complained, and wished to file a complaint, he acted as a tyrant and would not listen, and threatened them with jail(...)"³⁹

³⁹ A.N.T.T. *Memórias Paroquiais*, vol. 2, nº 12, pp. 113-130.

A evolução urbana de Alcoutim - De Póvoa a Condado

The Urban Evolution of Alcoutim - From Settlement to County

Conforme deixámos assinalado, foi no reinado de D. Dinis que, pelos inícios do século XIV, se iniciou a fundação de Alcoutim. Era apenas uma póvoa, associada à consolidação dos limites do Reino e ao controlo do comércio no rio Guadiana. Pensamos que a póvoa tenha tido a sua origem na colina sobranceira ao rio Guadiana e à ribeira de Cadavais e que se fortificou a partir dos meados do século XIV. A contornar esta colina estava a antiga estrada que vinha de Tavira e ia até Mértola, sendo aqui interceptada pelo caminho que, do Pereiro, passava por Cachopo, Glões e Martim Longo, chegando a Alcoutim.⁴⁰

Depois da outorga do foral, em 1304, deve ter-se iniciado a fortificação do lugar onde, provavelmente, se tinha instalado a primitiva povoação. As obras desta pequena fortaleza devem ter durado até finais do século XIV. Sabemos porém que por volta de 1391 o Castelo de Alcoutim encontrava-se despovoado e danificado. Neste ano, o rei D. João I tinha ordenado a cobrança de dívidas antigas das comarcas do Algarve e Entre-Tejo e Guadiana, destinando as receitas para as obras de reparação do castelo de Alcoutim.⁴¹

Paralelamente à edificação do Castelo erguia-se a Igreja de Santa Maria,⁴² que se pensa corresponder à actual Ermida de Nossa Senhora da Conceição. Igreja certamente bastante antiga, como atesta uma passagem das *Visitações da Ordem de Santiago*, em 1518, onde se diz

As pointed out before, it was during the reign of Dom Dinis, at the beginning of the fourteenth century, that Alcoutim was founded. It was only a settlement contributing to the consolidation of the borders of the Kingdom and the control of trade in the river Guadiana. One believes that the settlement's beginning was on the hill overlooking the river Guadiana and the brook Cadavais, and that it was fortified from the mid-fourteenth century onwards. Circumventing the hill stood the old road coming from Tavira to Mértola, crossed by the path that started at Pereiro, went through Cachopo, Glões and Martim Longo, and reached Alcoutim.⁴⁰

After the Charter was granted, in 1304, the fortification of the site must have begun, probably where the earliest settlement had first been located. The works on this small fortress must have lasted until the end of the fourteenth century. It is a fact, though, that around 1391, the Castle of Alcoutim was deserted and damaged. In the same year, King Dom João I ordered the collection of old debts from the counties of Algarve and Entre-Tejo and Guadiana, and set aside the income for repair works at the Castle of Alcoutim.⁴¹

While the edification of the Castle proceeded, the church of Saint Mary⁴² was being built. It is believed to be the current Hermitage of Our Lady of Conception. It is surely a rather ancient church, according to a passage in the *Visitations of the Order of Santiago*, in 1518, where it is claimed that *"the Hermitage is so old that there is no*

⁴⁰ CAVACO, Carminda, *O Algarve Oriental - as vilas, o campo e o mar*, Vol. I, Faro, ed. Gabinete do Planeamento da Região do Algarve, 1976, p. 55.

⁴¹ MONTEIRO, José Oliveira, *Os Castelos Portugueses do Fim da Idade Média: presença, perda, conservação, vigilância e comando*, Lisboa, Edições Colibri e Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 1999, p. 138.

⁴² Esta Igreja aparece designada como Ermida da Nossa Senhora da Conceição, nas *visitações da Ordem de Santiago*, que se realizaram em Alcoutim.

⁴² This church is called Hermitage of Our Lady of Conception in the *Visitations of the Order of Santiago*, which took place in Alcoutim.

que "a dita Ermida é tão antiga que não há al memória de quem a edificou". Sabe-se, contudo, que em 1315 já se encontra referenciada.⁴³ Atendendo à posição desta igreja, não é de excluir uma relação com o acto de fundação e assentamento da póvoa primitiva.

Já no século XV, no reinado de Afonso V, a vila de Alcoutim foi provida de muralhas, como atestam alguns documentos. O primeiro data de 1441, no qual o referido monarca manda construir, com o dinheiro arrecadado das multas, muralhas na Vila: (...) e o dinheiro que se deles arrecadasse, fosse para as obras dos muros da vila, que mandava fazer".⁴⁴ Estas obras reflectem também uma intenção de alargar ou reformular o espaço urbano. A construção da muralha deve ter-se iniciado imediatamente. No ano de 1442, o fronteiro-mor da vila de Tavira, Gonçalo Nunes Barreto, mandou moradores de Tavira transportarem nos seus barcos pedra e cal a Alcoutim, materiais necessários para a construção da muralha: "o fronteiro mor manda ao povo fazer alguns serviços de seus corpos assim como agora fazem em Alcoutim, que mandou agora lá levar pedra e cal e outras coisas e constrangeu os moradores desta vila e barcas e caravelas dela e os fez lá ir por três ou quatro vezes".⁴⁵ Pelos anos de 1475 já a Vila se encontraria amuralhada e com castelo, que era o último reduto. Na *Crónica de Henrique IV*, o cronista castelhano Alonso Palência refere, ao relatar o episódio de uma invasão das hostes de Alfonso de la Nava à vila de Alcoutim, que "entrou no dia 6 de Outubro de 1475 pela desembocadura do Guadiana até à vila de Alcautin, e em frente dos soldados das naves acometeu

record of who built it". One can be sure, however, that by 1315 it was already on record.⁴³ Taking into account the location of this church, one should not exclude the possibility of a link to the foundation and construction of the early settlement.

By the fifteenth century, during the reign of Dom Afonso V, the town of Alcoutim was enclosed by walls, as recorded in a few documents. The first one dates from 1441, and tells us that the aforesaid monarch ordered the construction of walls in the town with the money from fines: "(...) and the money collected, should go to the works on the town's walls that he ordered".⁴⁴ These works also reflect an intention to widen or reformulate the urban space. The construction of the wall must have begun at once. In 1442, the Fronteiro-mor of Tavira, Gonçalo Nunes Barreto, sent inhabitants from Tavira carrying stone and lime to Alcoutim. These were materials necessary to build the walls: "the Fronteiro-mor instructed the people to carry out a few tasks as those at Alcoutim are doing, and ordered them to bring them stone and lime and other things and requisitioned the citizens of this town and barks and caravels, and forced them to go there, three and four times".⁴⁵ By 1475, the town would have been enclosed by walls and would have had a castle, its last refuge. In the *Chronicle of Henry IV*, the Castilian chronicler Alonso Palência tells us, while giving an account of the episode of an invasion of troops led by Alfonso de la Nava of the town of Alcoutim, that: "he came on October 6^o, 1475, through the estuary of Guadiana up to the town of Alcoutim and commanding the soldiers in the ships, suddenly took the inhabitants by surprise. The resistance

⁴³ OLIVEIRA, Luis Filipe, *A Ordem de Santiago e a conquista de Alcoutim*, op., cit., p. 7.

⁴⁴ A.N.T.T., *Chancelaria de D. Manuel I*, liv. 40, fl. 5.

⁴⁵ MORENO, Humberto Bequero, "Abuso e violência no Reino do Algarve durante o reinado de D. Afonso V", in *Actas das I Jornadas de História Medieval do Algarve e Andalusia*, op., cit., p. 40.

repentinamente aos desprevenidos habitantes. Frouxa foi a resistência ante as portas da vila, e pouco se aproveitaram tão pouco das muralhas nem das defesas naturais (...). Ao cabo abandonando as suas moradas, suas mulheres e filhos, se acolheram na fortaleza que domina a vila".⁴⁶

A evolução urbana da vila de Alcoutim pode ter acontecido da seguinte forma. Do lado norte do castelo ter-se-ia desenvolvido um casario, com fachada para ele orientada, talvez provido de muralhas no reinado de D. Afonso V. Ao mesmo tempo, desenvolveu-se em redor da Igreja de Santa Maria, actual Ermida de Nossa Senhora da Conceição, um outro aglomerado. Daqui saía uma rua que, pouco mais adiante, era interceptada pela via de Tavira para Mértola. Deste cruzamento resultam duas ruas paralelas: uma é a rua que, passando frente à igreja Matriz de São Salvador, ia até ao cais (velho); a outra, paralela a esta, designada "Rua Direita", ia até à praça da Vila. É nesta artéria principal que se irá construir a (depois destruída) Casa da Câmara e Cadeia, nos finais do século XVII, como veremos mais abaixo.

As muralhas que D. Afonso V mandou construir não se conservaram por muito tempo. Nos desenhos em que Duarte de Armas⁴⁷ representou Alcoutim, entre 1509 e 1510, estão visíveis o que parecem ser uns muros derruídos que circundam o castelo, ainda que não seja seguro que se tratem de tais estruturas defensivas. A existência de uma nomenclatura própria das muralhas medievais, que ainda subsiste na toponímia da Vila – Porta

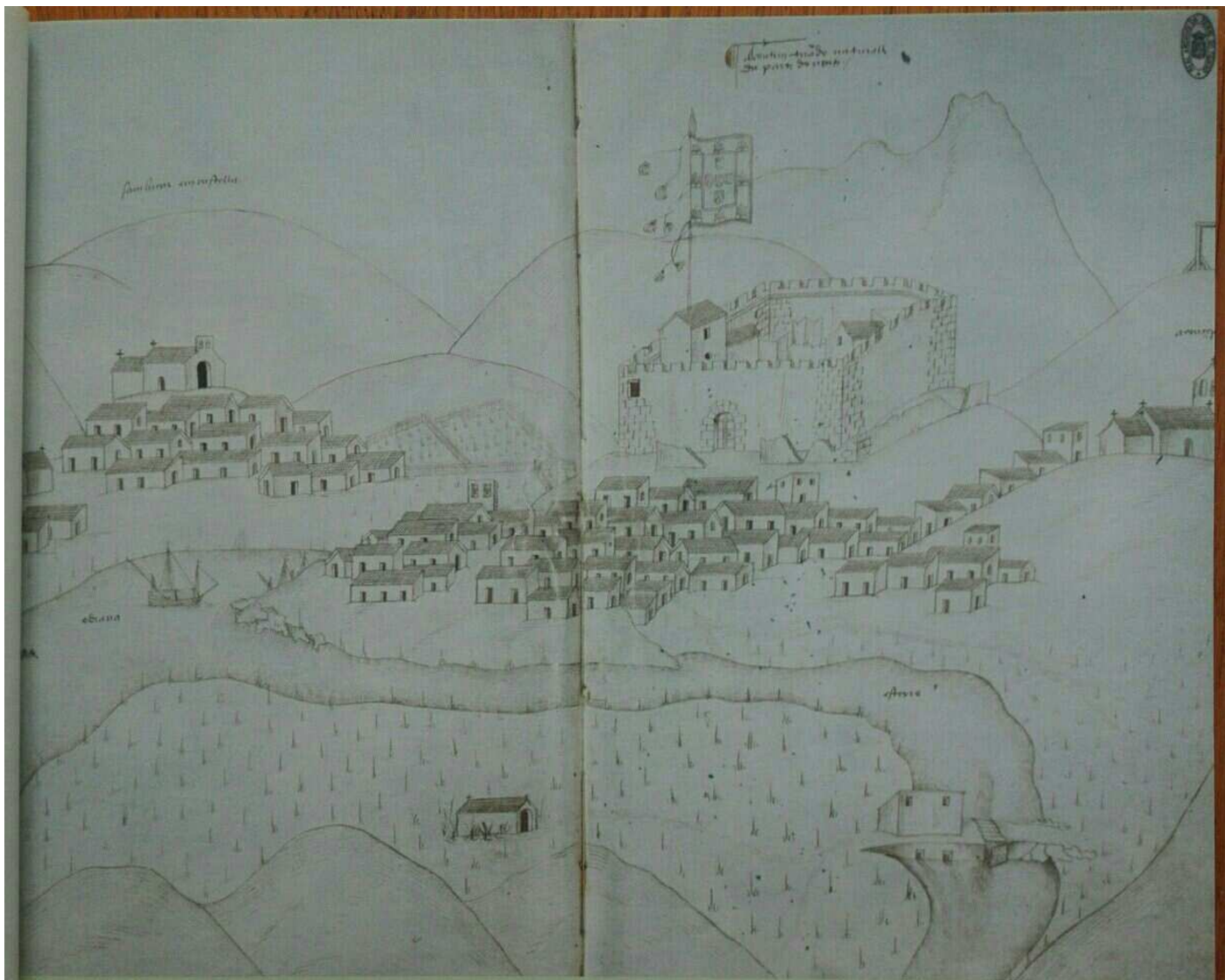
posed at the gates was weak and the walls were not very useful, nor the natural defences. So they abandoned their dwellings, wives and children, and took refuge in the fortress that overlooks the town".⁴⁶

The urban growth of *Alcoutim* may have taken place in the following way. Nearby the north facade of the castle there would have been dwellings, their facades turned to the castle, possibly enclosed by walls in the reign of Dom Afonso V. Meanwhile, there was another group of dwellings rising around the Church of Saint Mary, currently the Hermitage of Our Lady of Conception. At this point, a street began, crossed further ahead by the road from *Tavira* to *Mértola*. This crossing originated two parallel streets: one is the street that passes by the Main Church of Saint Saviour and reaches the old quay; the other street, parallel to the first one, is named "Straight Street" and reaches the Town's square. The Town Hall and Town Jail (later destroyed) would be built on this main artery, at the end of the seventeenth century, as we shall see.

The walls built by Dom Afonso V did not last long. On the drawings of *Alcoutim* by Duarte de Armas⁴⁷ dating from between 1509 and 1510, one notices what appear to be toppled walls surrounding the castle, though one cannot be sure these are defensive structures. The existence of a particular nomenclature for the medieval walls that one still finds in the town's toponomy – Gate of *Mértola*, Gate of *Tavira* and Gate of River or of the *Guadiana* – should help us to determine the site where the town's medieval walls would have been located. Later, during the construction of the sixteen hundreds' walls,

⁴⁶ CARRIAZO RUBIO, Juan Luis "Violencia y relaciones fronterizas: Alcoutim y Sanlúcar de Guadiana afines del siglo XV" in *Revista da Faculdade de Letras: História*, série II, vol. 15, vol. 1, 1998, p. 366.

⁴⁷ A.N.T.T. *Livro das fortalezas situadas no extremo de Portugal e Castela*, Casa Forte, 159, fl. 3 e 4.



Autor / Author: Duarte de Armas

Título / Title: Vista norte da vila de Alcútem

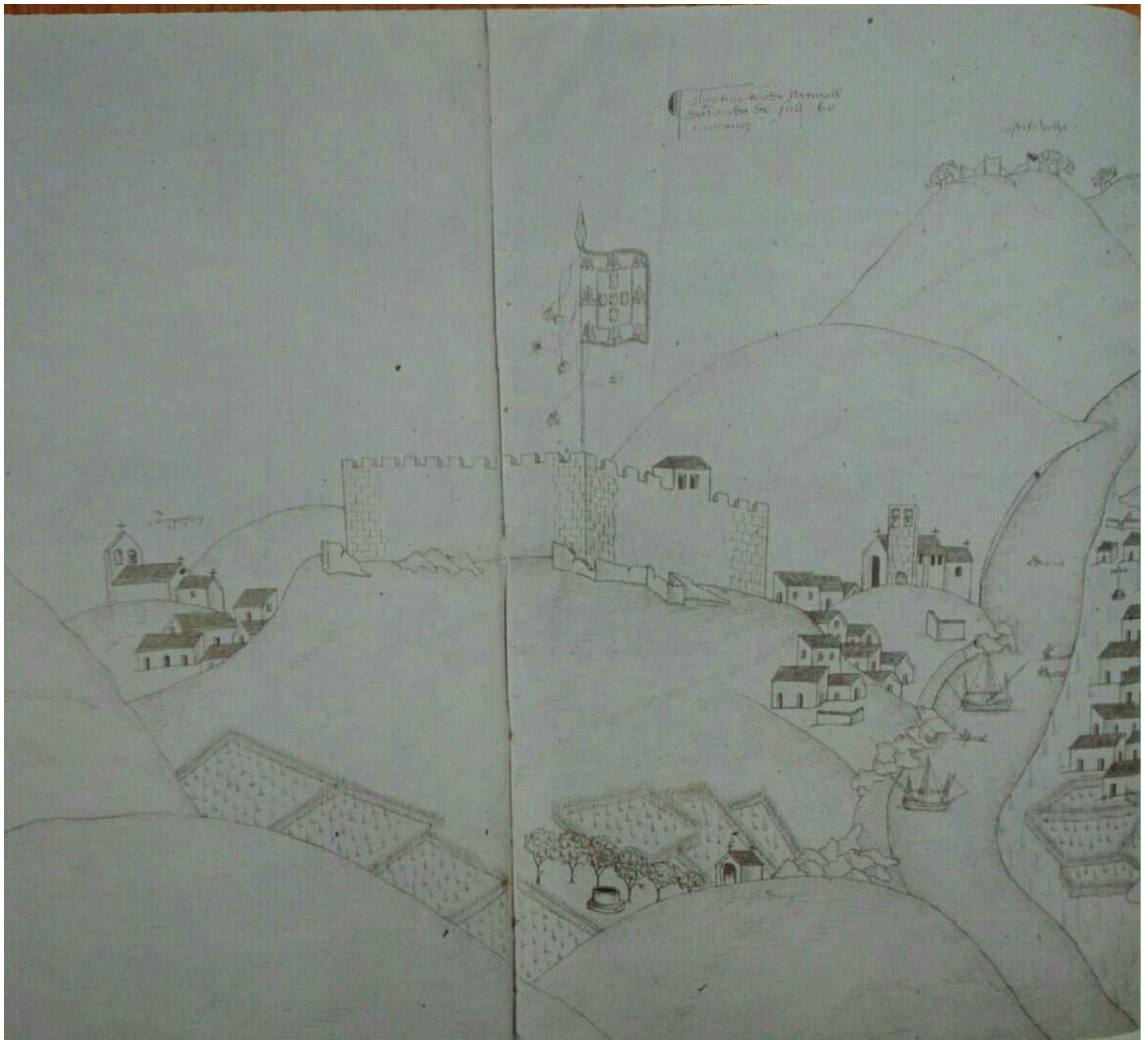
Data / Date: 1509 - 1510

Colecção / Collection: Livro das fortalezas situadas no extremo de Portugal e Castela por Duarte de Armas, escudeiro da Casa do rei D. Manuel I

Acervo / Chatters : Direcção-Geral de Arquivos / Arquivo Nacional Torre do Tombo

Cota / Reference : PT/TT/CF/159

*Imagem cedida pelo ANTT



Autor / Author: Duarte de Armas
Título / Title: Vista sul da vila de Alcútem
Data / Date: 1509 - 1510
Coleção / Collection: Livro das fortalezas situadas no extremo de Portugal e Castela por Duarte de Armas, escudeiro da Casa do rei D. Manuel I
Acervo / Châtéis : Direcção-Geral de Arquivos / Arquivo Nacional Torre do Tombo
Cota / Reference : PT/TT/CF/159
"Imagem cedida pelo ANTT"

de Mértola, Porta de Tavira e Porta do Rio ou do Guadiana – pode ajudar a determinar a área por onde passariam os muros medievais da vila. Mais tarde, durante a construção da cerca seiscentista, a nomenclatura das portas medievais continuou a ser aplicada, mas noutra extensão, devido à ampliação dos limites das artérias. Outra característica medieval, ainda presente no tecido urbano, é a existência de ruas estreitas e sinuosas perto do castelo.

A primeira representação da vila de Alcoutim foi a que realizou Duarte de Armas, por encomenda régia, entre 1509 e 1510.⁴⁸ A análise destes desenhos é imprescindível para entendermos o desenvolvimento urbano da Vila, até à sua transformação em praça de guerra. Duarte de Armas registou Alcoutim em duas perspectivas: uma posicionada a sul, outra a norte.

A vista que representa o sul da Vila regista, sugerindo uma *perspectiva*, as traseiras do castelo, circundadas pela ruína de uns muros e sem qualquer casario nesta área. O resto da povoação contorna toda a frente do castelo, numa espécie de meia-lua; aparece ainda o rio Guadiana – com meia dúzia de embarcações –, acentuando-se a sua estreita proximidade com a povoação castelhana de Sanlúcar de Guadiana.

O desenho da banda do norte sugere que Duarte de Armas aglutinou no mesmo registo vários pontos de vista (ou *perspectivas*) para poder representar de uma só vez a configuração da Vila. Duarte de Armas representa-a quase que numa linha que se estende entre a Igreja da Nossa Senhora da Conceição e a Igreja Matriz de São

the designation of the medieval gates persisted, but applied to a larger area, due to the expansion of the arteries. Another medieval feature still present in the urban layout is the existence of sinuous and narrow streets close to the castle.

The first representation of the town of *Alcoutim* was drawn by Duarte de Armas, on royal assignment, between 1509 and 1510.⁴⁸ The study of these drawings is indispensable to understand the urban development of the town, until it became a fortified garrison. Duarte de Armas drew *Alcoutim* in two perspectives: a south, and a north perspective.

The view that represents the town from south records the rear section of the castle, suggesting a *perspective* surrounded by ruined walls and without any dwellings in the area. The remaining settlement surrounds the front section in a crescent; there is also the *Guadiana* – and six vessels – emphasizing its close proximity to the Castilian settlement of *Sanlúcar de Guadiana*.

The drawing of the northern bank suggests that Duarte de Armas blended in the same drawing several points of view (or *perspectives*), so he could represent the layout of the town in one single attempt. Duarte de Armas represents it almost in a line extending from the Church of our Lady of Conception to the Main Church of Saint Saviour, acquiring more density and flat geometry before the Castle, which almost appears to be isolated. This and other drawings by Duarte de Armas were carried out from given points of view, at a distance from the towns and cities that he aimed to set on paper. When this proved to be impossible, he would have made use of imaginary

⁴⁸ BRANCO, Manuel da Silva Castelo, "Introdução a Duarte de Armas" in *Livro das Fortalezas*, Lisboa, INAPA, 1997, pp. 15, 16.

Salvador, ganhando mais densidade e planimetria à frente do castelo, que aparece quase isolado. Estes como muitos outros desenhos de Duarte de Armas foram levantados a partir de pontos distantes das vilas ou das cidades que pretendiam registar. Quando isso se tornava impossível, o desenhador teria, por vezes, recorrido a pontos de vista imaginários para que fosse possível compor a visão num só panorama. Em relação às proporções e distâncias é inevitável, por conseguinte, deparar erros nessas marcações.⁴⁹ Outros pormenores podem ser observados nestes desenhos quinhentistas. Duarte de Armas representa ainda o aspecto do quotidiano de Alcoutim ao sinalizar as hortas, as azenhas e as embarcações de pesca.

As casas desenhadas surgem, isoladas. A maior parte delas estão separadas umas das outras, e as fachadas desalinhas. No entanto, apesar dessa descontinuidade, há um conjunto de casas cujas fachadas seguem a mesma orientação, indicando passagem de uma rua e formando, nesse sentido, uma espécie de quarteirão. A maioria das casas que Duarte de Armas apresenta é de um só piso, casas térreas com uma, duas ou até três portas, e sem janelas; só as casas com dois pisos possuem janelas, rasgadas, justamente, no piso superior. As habitações com dois andares aparecem representadas de modos diferentes: umas são retangulares e não muito altas; outras são quadradas e relativamente elevadas, como se fossem uma espécie de torres.

Quanto ao interior, as casas quinhentistas de Alcoutim eram, certamente, bastante simples, a avaliar pela descrição que o cronista João Cascão fez da casa dos

points of view in order to compose the vision into one single panorama. Regarding the proportions and distances, it is thus inevitable to find errors in those markings.⁴⁹ Other details can be found on these fifteen hundreds' drawings. Duarte de Armas also represents daily life in Alcoutim when he transposes vegetable gardens, watermills and fishing vessels.

The houses appear isolated. Most are set apart from one another, and the facades are misaligned. However, in spite of this discontinuity there is a set of houses whose facades follow the same orientation, indicating a street and creating a sort of block of houses. Most of the houses drawn by Duarte de Armas are single-storey houses, windowless ground floor houses with one, two, even three doors; only the two-storey houses have windows, placed in the upper floor. The two-storey houses are drawn in two different ways: some are rectangular and not much high, others are square and rather high, almost towers.

Inside, the fifteen hundreds' houses in Alcoutim were certainly rather simple, according to the description made by the chronicler João Cascão of the Residence of the Marquis and Count of Alcoutim, on the occasion of the visit of King Dom Sebastião, accompanied by Dom Duarte, to this town, in 1573: "Our Lord Dom Duarte, left El-Rei at the Residence of the Marquis where he was lodging – and it is very small – and visited the Marquise, who was in a dreadful ground-floor house, and not very well built; there was a chair made of purple velvet and golden nails ordered by the Marquise from Ayamonte whereupon Dom Duarte could sit, and a similar one for El-Rei"⁵⁰ This is evidence

⁴⁹ CONCEIÇÃO, Margarida Tavares, *Da vila cercada à praça de guerra: formação do espaço urbano em Almeida (séculos XVI-XVIII)*, Lisboa, Livros Horizonte, 2002, p. 52.

Marqueses e Condes de Alcoutim, aquando da visita que o rei D. Sebastião, acompanhado por D. Duarte, fez à Vila em 1573: "O senhor D. Duarte, deixando El-rei nas casas do Marquês, em que estava aposentado - e são bem pequenas - foi logo visitar a Marquesa, a qual achou numas casas térreas e ruínas, e não muito armadas; estava prestes uma cadeira de veludo roxo com a cravação dourada que a Marquesa mandou fazer a Ayamonte para se assentar o senhor D. Duarte, com outra de El-Rei da mesma sorte".⁵⁰

Por aqui se tira que as restantes casas da vila deveriam ser ainda mais pobres e toscas, como, já no século XVIII, as "Memórias Paroquiais" denotam: "a maior parte das casas tem os pavimentos desiguais pelas rochas, que se topam".⁵¹

Temos notícia de haver uma judiaria em Alcoutim, da qual, no entanto, não sabemos a localização no urbanismo da Vila. Em 1501, o rei D. Manuel I, no seguimento da expulsão de judeus e mouros, mandou avaliar a judiaria de Alcoutim, juntamente com as de Vila Real e Leiria. A judiaria de Alcoutim ficou avaliada em 31.639 reais (rendia mais que a de Vila Real e menos que a de Leiria).⁵²

Durante o século XVI, o Castelo, a Igreja da Nossa Senhora da Conceição e a Igreja Matriz eram os principais edifícios de Alcoutim. O Castelo era o centro administrativo e judicial da Vila. Albergava, segundo o desenho e legendas de Duarte de Armas, "muitos pardieiros, aposentamentos sobradados [e uma] cisterna". Um desses edifícios de dois andares podia ter a função de torre de vigia. A cadeia, que se localizava no centro do

that the remaining houses in town would have been even poorer and more primitive, and in the eighteenth century, *Parish Memories* notices that: "most houses does not have flat flooring due to the rocks, which are can be seen".⁵¹

There is a record indicating a Jewish Ghetto in *Alcoutim*, though its location in town is unknown. In 1501, king Dom Manuel I, following the expulsion of Jews and Moors, had the Jewish Ghetto in *Alcoutim* evaluated, as well as those in *Vila Real* and *Leiria*. The Jewish Ghetto in *Alcoutim* was worth 31.639 *reais* (it generated more income than *Vila Real* and less than *Leiria*).⁵²

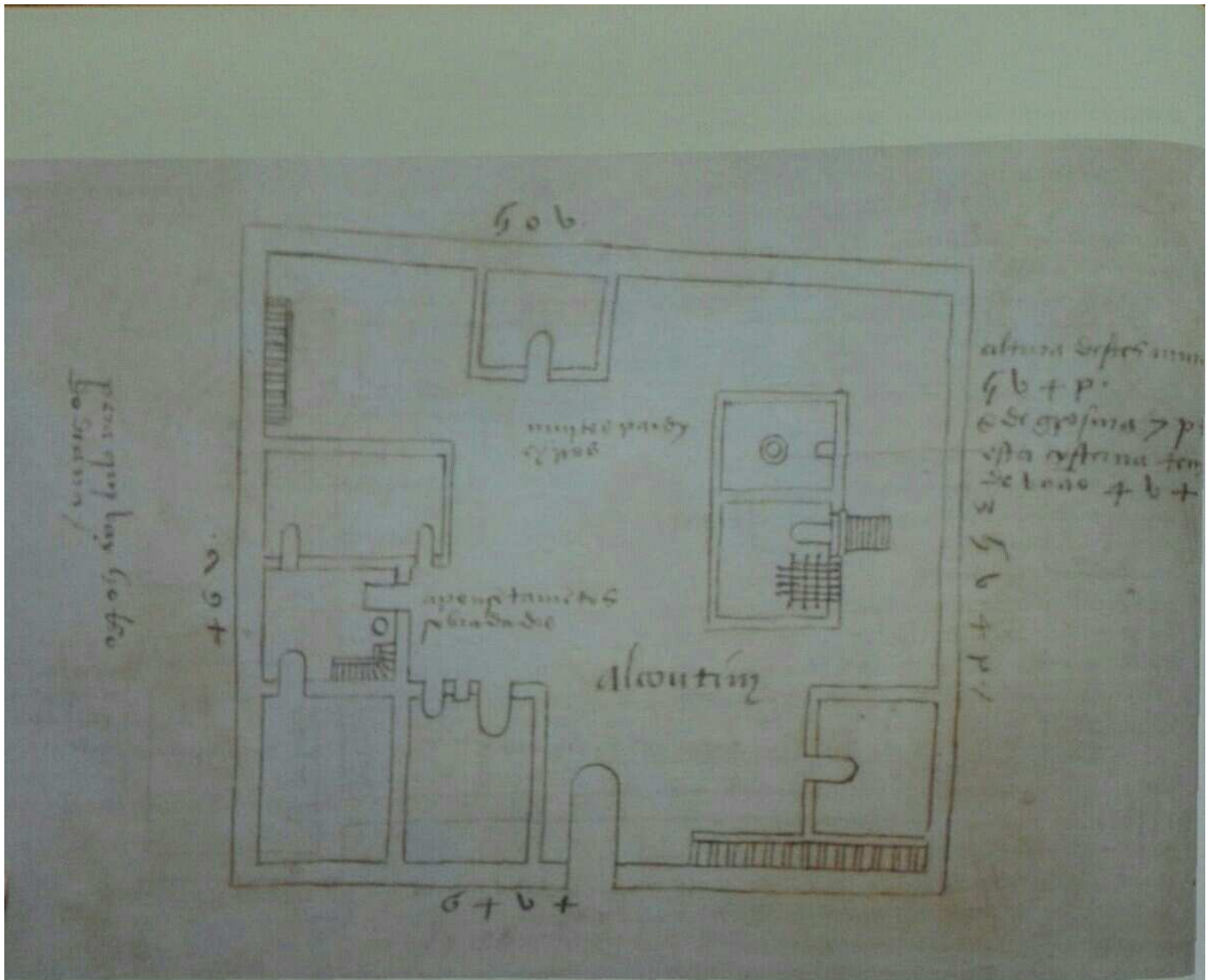
During the sixteenth century, the Castle, the Church of Our Lady of Conception and the Main Church were the main edifications in *Alcoutim*. The Castle was the administrative and judicial centre in town. It held, according to the drawing and legends of Duarte de Armas, "many slums, lodgings, [and one] water cistern". One of those two-storey buildings could be used as a donjon. The jail in the centre is represented by bars. Close to the latter was a one-storey house which held the cistern. The Castle was renovated, evidenced by the pointed arch gate facing the south bank. The date of construction is however, unknown. But it must have been after the drawing by Duarte de Armas, on which it is absent.

The two religious temples in town also underwent extensive renovations. According to the Visitations of the Order of Santiago to the churches of *Alcoutim*, the Church of our Lady of Conception, in 1518, is described as consisting of a single house. In 1534, the church appears renovated as a single-aisled plan and a vaulted chapel. The main door shows "new and good portals". This renovation

⁵⁰ LOUREIRO, Francisco de Sales, *Uma Jornada ao Alentejo e ao Algarve...*, op., cit., p. 123.

⁵¹ A. N. T. T., *Memórias Paroquiais*, vol. 2, nº 12, pp. 113-130.

⁵² A. N. T. T., *Chancelaria de D. Manuel I*, liv. 44, fl. 89.



Autor / Author: Duarte de Armas
 Título / Title: Planta do Castelo de Alcoutim
 Data / Date: 1509 - 1510
 Coleção / Collection: Livro das fortalezas situadas no extremo de Portugal e Castela por Duarte de Armas, escudeiro da Casa do rei D. Manuel I
 Acervo / Chartels : Direcção-Geral de Arquivos / Arquivo Nacional Torre do Tombo
 Cota / Reference : PT/TT/CF/159
 "Imagem cedida pelo ANTT"

castelo, está representada por um gradeamento; ao lado desta ficava uma casa de um só piso onde se localizava a referida cisterna. O castelo foi remodelado, o que é visível pela abertura de uma porta ogival na banda do sul. Não se sabe no entanto quando se fez essa porta, mas teria sido depois do registo de Duarte de Armas, no qual não aparece desenhada.

Os dois edifícios religiosos da Vila também sofreram profundas remodelações. Nas visitas da Ordem de Santiago às igrejas de Alcoutim, a Igreja da Nossa Senhora da Conceição, em 1518, é descrita como sendo uma só casa. Em 1534 a igreja aparece refeita com planta de um corpo, nave única e capela abobadada. A porta principal apresenta "portais novos e bons". Esta remodelação foi patrocinada pelo Conde de Alcoutim. A marca desse patrocínio é "um escudo de ferro e um deles tem uma coroa de espinhos dourada e no meio umas letras que dizem aleo".⁵³



Autor / Author: Nany da Costa
Ermida da Nossa Senhora da Conceição

was sponsored by the Count of *Alcoutim*. The record of such patronage is an "iron *escutcheon*, crowned by golden thorns and in the middle, letters that spell *aleo*".⁵³

The Main Church was at the time the place where most people gathered, since it was located close to quay. In the visitations of 1842, the Main Church was recorded as damaged. Martim Ichoa, Commendator of *Cacela*, was the visitor and suggested that the "repairs to the so called church of Saint Saviour be finished with tile, stone and lime".⁵⁴ In 1518, it was already repaired. In that year's visitation, it is described as a single-aisled church, with "new good doors". In the exterior, to the south, the church has a porch composed of pillars covered by hollow tiles. Before the main door was the yard, also doubling as cemetery. In 1534, the church was plastered and painted, inside and outside. However, these renovations were not sufficient, because in 1538, it was already rather degraded and alms were asked to rebuild it.⁵⁵ Also, by



Autor / Author: Nany da Costa
Interior da Igreja Matriz de S. Salvador

⁵³ CAVACO, Hugo, "Visitações" da Ordem de Santiago no Sotavento Algarvio (subsídios para o estudo da História da Arte no Algarve), Vila Real de Santo António, C.M.V.R.S.A., 1987, pp. 45, 138.

⁵⁴ Truncated Minutes of the Visitation to the Order of Santiago's *Comenda* of *Cacela*, carried out by the Head-Prior and Gil Vasques da Cunha, and registered by Alvaro Dias de Freitas. A.N.T.T., M.C.D., *Order of Santiago/Convent of Palmela* (Ordem de Santiago/Convento de Palmela), C.F., Mc.1, nº. 31. OLIVEIRA, Luis Filipe "The *Comenda* of *Cacela* and the Visitation of 1478-1482" ("A *Comenda* de *Cacela* e a Visitação de 1478-1482") in *Sic Memoral. Studies in Honour of Teresa Gamito* (Estudos em Homenagem a Teresa Gamito), Gambôas, University of the Algarve (Universidade do Algarve), 2008, p. 148.

Já a Igreja Matriz é nesta época o local onde mais gente se reúne, porque também fica implantada perto do cais ou porto. Nas visitasões de 1482 a Matriz encontrava-se danificada. Martim Ichoa, comendador de Cacela, que foi o visitador, propõe que "a dita Igreja de São Salvador seja acabada de reparar de telha e pedra e cal"⁵⁴. Em 1518 já se encontrava reparada. Na visitação deste ano aparece descrita como sendo uma igreja de apenas uma nave, com "portas novas e boas". No exterior, a sul, a igreja tem um alpendre com pilares cobertos a telha vã. À frente da porta principal está o largo, que servia também de cemitério. Em 1534 a igreja foi rebocada e pintada por dentro e por fora. Contudo, essas remodelações não foram suficientes, pois em 1538 estava já bastante degradada e pediam esmola para que ela se fizesse de novo.⁵⁵ Sabemos ainda que, em 1546, a Câmara de Alcoutim enviou uma carta ao rei D. João III pedindo-lhe que mandasse o bispo do Algarve demolir a igreja, temendo a sua ruína. Nesta carta, a Câmara refere que a capela-mor tinha sido feita à custa do bispo e que o corpo da igreja fora construído a extensas do povo. Pedia ainda licença para fazer finta com o objectivo de se terminarem as ditas obras.⁵⁶ Nas visitasões de 1554 aparece já descrita com as remodelações a que foi sujeita: três naves, indicando-se que "as colunas, bases e capitéis eram de pedraria de Tavira"; e sobre o portal, uma pedra com a inscrição *Aleo*, tal como no interior da Igreja da Nossa Senhora da Conceição e também no Compromisso de Tavira. Segundo o Prof. Horta Correia, esta inscrição do portal da Igreja de São Salvador de Alcoutim demonstra

1546, the Town Hall of *Alcoutim* sent a letter to King Dom João III asking that the Bishop demolish the church for fear of collapse. In the letter, the Town Hall authorities also mention that the apse had been paid by the bishop and that the nave had been built and paid for by the people's funds. It asked for authorization to exact a *finta* - parochial contribution - for the purpose of concluding the works.⁵⁶ It is described after the renovations in the Visitations of 1554; three aisles, "the columns, bases, and capitals were made of Tavira's stone"; and over the portal, stood a stone with the inscription *Aleo*, not unlike the one found inside the Church of our Lady of Conception, and also the Compromise of Tavira. According to Prof. Horta Correia, this inscription on the portal of the Church of Saint Saviour in *Alcoutim* shows a link to the Counts of *Alcoutim*. They were the patrons of these works, which they ordered from master-mason André Pilarte who had a workshop in *Tavira*.⁵⁷ In 1566, another description of the space surrounding this church is recorded. The church yard before the main portal is now smaller and no longer adequate for burials. The area devoted to graves is located at the rear of the church because more space is available: "It has a church yard to the east, it is nearby the river, on the south side it has a very small area, at the rear of the chapel there is a yard where a cemetery could be laid because there aren't any houses".⁵⁸

Around 1566, there was a House of Mercy in town but without its own quarters. We know that the Brothers of the House of Mercy would use a chapel at the Main Church: "This chapel was once the apse in this

⁵⁴ Acta truncada da Visitação à comenda de Cacela da Ordem de Santiago, feita pelo prior-mor e por Gil Vasquez da Cunha e escriturada por Álvaro Dias de Frielas. A.N.T.T., M.C.D., *Ordem de Santiago/Convento de Palmela*, C.P., Mç.1, n.º. 31. OLIVEIRA, Luís Filipe "A Comenda de Cacela e a Visitação de 1478-1482" in *Sic Memorat. Estudos em Homenagem a Teresa Gambêlas*, Universidade do Algarve, 2008, p. 148.

⁵⁵ CAVACO, Hugo, *Visitações de ordem de Santiago...*, op. cit., p.134,224.

⁵⁶ A.N.T.T., *Corpo Cronológico*, Parte I, mç. 78, n.º 41.

uma ligação aos Condes de Alcoutim. Foram eles os financiadores da obra, a qual teriam encomendado ao mestre pedreiro André Pilarte, cuja oficina estava sediada em Tavira.⁵⁷ Em 1566 temos outra descrição do espaço que circunda esta igreja. O largo defronte do portal principal é mais pequeno e já não serve para enterramentos. Agora, o espaço para sepulturas fica nas traseiras da igreja, por ser mais amplo: *"Tem seu adro, da banda de levante vai ao rio, da banda do sul tem um recebimento muito pequeno, da banda da capela as costas, tem adro onde se pode fazer cemitério porque não há casas"*.⁵⁸

Ainda por volta de 1566, havia na vila uma Misericórdia, mas sem sede própria. Sabemos que os irmãos da Misericórdia se serviam de uma capela da Igreja Matriz: *"a qual capela foi já a capela-mor desta igreja e agora servem-se os irmãos da Misericórdia dela por não terem ainda casa feita nesta vila"*.⁵⁹

Para além do Castelo e das igrejas, nos séculos XV e XVI a Vila já estava dotada de um conjunto de estruturas com funções especializadas: alfândega, porto, saboaria e uns moinhos. Da alfândega sabemos que a dízima dos seus rendimentos revertia para os Condes de Alcoutim,⁶⁰ os quais também auferiam, por mercê real, a dízima de todos os espelhos, alfinetes, pentes, cofres, arcas e outras mercadorias transaccionadas na dita alfândega da Vila.⁶¹ Para ocupar o cargo de recebedor desta alfândega, D. Afonso V nomeara o cavaleiro Diogo Pereira.⁶² A saboaria tinha sido entregue a Diogo Lopes da Franca.⁶³ Os moinhos eram do senhor de Alcoutim e sabemos que ficavam num esteiro que se chamava Amarela.⁶⁴ O porto pertencia ao rei.⁶⁵



Autor / Author: Nany da Costa
Pormenor da inscrição Aleo no portal principal da Igreja Matriz de S. Salvador

church and now it is used by the Brothers of the House of Mercy because they still do not have their own quarters in this town".⁵⁹

Besides the Castle and churches, in the fifteenth and sixteenth centuries, the town already possessed a group of specialized structures: Customs, Harbour, soap factory and a few mills. We know that the tithe of the income from Customs would be collected by the Counts of Alcoutim,⁶⁰ who would also derive, by royal grant, the tithe of all mirrors, pins, combs, coffers, arks, and other merchandise trafficked at the town's Customs.⁶¹ For the position of tax collector at Customs, Dom Afonso V appointed the Knight Diogo Pereira.⁶² The soap factory had been assigned to Diogo Lopes da Franca.⁶³ The mills belonged to the Lord of Alcoutim and we know they were located on a creek called Amarela.⁶⁴ The harbour belonged to the King.⁶⁵

57 CORREIA, José Eduardo Horta, "André Pilarte no centro de uma escola regional de arquitectura quinhentista" in *IV Simpósio Luso-Espanhol de Arte (separata)*, Coimbra, 1988, p. 393.

58 LAMEIRA, Francisco, SANTOS, Maria Helena Rodrigues dos (notas), *Visitação de Igrejas Algarvias: Ordem de Santiago*, ADEIPA, 1988, p. 110.

59 CAVACD, Hugo, "Visitações" da *Ordem de Santiago no Sotavento Algarvio (subsídios para o estudo da História da Arte no Algarve)*, op. cit., 337.

60 A.N.T.T., *Chancelaria de D. Manuel I*, liv. 32, ff. 50.

61 A.N.T.T., *Chancelaria de D. Manuel I*, liv. 40, ff. 22.

62 *Chancelaria de D. Afonso V*, liv. 30, ff. 67.

63 Diogo Lopes da Franca era um fidalgo de Tavira, *Chancelaria de D. Manuel I*, liv. 32, ff. 9.

64 A.N.T.T., *Chancelaria de D. Manuel I*, liv. 40, ff. 21v.

65 A.N.T.T., *Chancelaria de D. Afonso V*, liv. 30, ff. 92.

Em suma, o urbanismo de Alcoutim, até às representações de Duarte de Armas, estava organizado longitudinalmente no sentido oeste-este, e ao longo de duas ruas. Todo o conjunto urbano parece formar um triângulo porque está limitado pela ribeira de Cadavais a norte, pelo rio Guadiana a leste e por um pequeno riacho a sul. A coroar os vértices deste triângulo estão as igrejas e o castelo. A inexistência das muralhas medievais, que marcassem um limite entre o mundo rural e o mundo urbano, permite-nos pensar que a vila de Alcoutim ficou toda ela em arrabalde, ou seja não existia uma delimitação nítida entre o espaço urbano e o espaço rural circundante.⁶⁶ Durante o período filipino, a vila de Alcoutim não deveria ter crescido muito mais para além do que consta nos desenhos de Duarte de Armas. O engenheiro Alexandre Massai,⁶⁷ em 1621, descreveu Alcoutim como sendo uma "pequena povoação acastelada".⁶⁸



Título / Title: Vista aérea da vila de Alcoutim
 Data / Date: finais da década de 80 e inícios da década de 90 do séc. XX
 Acervo / Chatters: Câmara Municipal de Alcoutim

In summary, the urban layout in Alcoutim before the drawings of Duarte de Armas, ran longitudinally from west to east and along two streets. The whole urban setting seems to form a triangle whose boundaries are the brook Cadavais to the north, the river Guadiana to the east and a short stream to the south. At the intersections stand the churches and castle. The absence of medieval walls marking the boundary between the countryside and the urb, suggests that the whole town of Alcoutim was in the outskirts, in other words, there wasn't a clear line between the urban space and the surrounding rural space.⁶⁶ During the rule of King Philip, the town of Alcoutim could not have grown much beyond what is depicted in the drawings of Duarte de Armas. The engineer Alexandre Massai,⁶⁷ in 1621, described Alcoutim as a "small settlement attached to a castle".⁶⁸

⁶⁶ Segundo Amélia Aguiar Andrade, as muralhas não são apenas um símbolo de defesa mas também demarcação dos limites entre a cidade e o campo (arrabalde). ANDRADE, Amélia Aguiar, *Horizontes Urbanos Medievais*, Lisboa, Livros Horizonte, 2003, p. 14.

⁶⁷ Alexandre Massai foi um engenheiro italiano que trabalhou em Portugal, para os reis D. Filipe I e D. Filipe II.

⁶⁸ GUEDES, Lívio de Costa, *Aspectos do Reino do Algarve nos séculos XVI e XVII: a "Descrição" de Alexandre Massai (1621)*, Lisboa, Arquivo Histórico Militar, 1988, p. 93.

⁶⁶ According to Amélia Aguiar Andrade, the walls are not only a symbol of defence but also a border between the town and the fields (outskirts). ANDRADE, Amélia Aguiar, *Medieval Urban Horizons (Horizontes Medievais Urbanos)*, Lisbon, Livros Horizonte, 2003, p. 14.

⁶⁷ Alexandre Massai was an Italian engineer who worked in Portugal for Kings Philip I and Philip II.

A praça de guerra

The Fortified Garrison

Foi durante a Guerra da Restauração (1640-1668) que Alcoutim se fortaleceu de muralhas. A sua vizinhança com Castela a isso obrigou. Depois da proclamação da independência de Portugal, em 1640, foi imperioso fortificar as localidades fronteiriças.

Nestes tempos de ameaça, Alcoutim apenas dispunha do seu pequeno castelo medieval, que pouco serviria em caso de ataque. Com efeito, a fortaleza medieva já não era capaz de responder à artilharia que era usada nessa época. Tornou-se, por isso, indispensável prover a Vila de muros que correspondessem às novas necessidades de defesa.

Em 1642 as praças de Alcoutim e de Castro Marim foram atacadas pelas tropas castelhanas. Nestes ataques as duas praças resistiram a muito custo, pois não tinham recursos materiais nem humanos para contra-atacar.⁶⁹ Talvez seja a esse confronto que o pároco de Alcoutim alude num passo das Memórias Paroquiais (de 1758), dando algum destaque à perícia dos militares de Alcoutim perante o assédio.⁷⁰

Castela constituía uma ameaça permanente ao Reino de Portugal e do Algarve, que tentava recuperar. Nesse sentido pediu-se ao rei para que se iniciasse urgentemente na vila de Alcoutim a construção de uma fortificação apta a protegê-la da artilharia inimiga. Um mercador português, que tinha vindo de Cádiz, Diogo de Sousa, informa então o Governador do Algarve que

Alcoutim was enclosed by walls during the War of the Restoration (1640-1668). The proximity to Castile called for this measure. After the proclamation of the independence of Portugal in 1640, it was imperative to fortify the settlements on the border.

During these times of threat, *Alcoutim* could only rely on its medieval castle, which would be of little use in case of attack. In fact, the fortress could no longer stand up to the artillery of those days. It became therefore indispensable, to provide the town with walls that could meet the new needs of defence.

In 1642, the garrisons at *Alcoutim* and *Castro Marim*, were attacked by Castilian troops. Both garrisons resisted to these attacks with great effort, because they did not have either material resources or human resources to counter-attack.⁶⁹ Perhaps this is the conflict mentioned by the Parson of *Alcoutim* in a given episode of the *Parish Memories* (dating from 1758), where the fighting skills of *Alcoutim's* troopers under siege is highlighted.⁷⁰

Castile posed a permanent threat to the Kingdom of Portugal and the Algarve, which it aimed to regain. To this effect, the King was asked to begin at *Alcoutim* the urgent construction of a fortress able to withstand the enemy's artillery. A Portuguese merchant from *Cádiz*, Diogo de Sousa, informed the Governor of the Algarve at the time that it was common knowledge the Castilians

⁶⁹ BOICA, Joaquim, "O baluarte joanino e a cistura da muralha afonsina", in *Seminário "O Foral de D. Dinis e Alcoutim Medieval e Moderno"*, Alcoutim, Câmara Municipal de Alcoutim, 2004, p. 28, 29.

⁷⁰ "No distrito desta vila em um serro junto dela estão uns cimentos, e vestígios de forte aonde os portugueses fizeram um forte no tempo das guerras, (...) perseguidos da artilharia castelhana nesta vila lhes descobriu o dito serro com tanta felicidade de que ao outro dia começando os castelhanos a tirar para esta vila os Portugueses do dito serro apontando-lhe as duas peças lhe metiam as balas adentro do seu castelo de tal sorte que aviados os castelhanos meteram perdidos de tréguas". A.N.T.T., *Memórias Paroquiais*, vol. 2, n.º 12, pp. 113-130.

⁷⁰ "In the district of this town, on a hill nearby are cements and remains of a fort which the Portuguese built during the wars, (...) pursued by the Castilian artillery they found the hill on this town and were glad for on the following day when the Castilians began firing on the town, the Portuguese perched on the hill aimed their two weapons at them and turned bullets into their castle so that the Castilians made a truce and left". A.N.T.T., *Parish Memories (Memórias Paroquiais)*, vol. 2, n.º 12, pp. 113-130.

constava que os castelhanos pretendiam tirar o comércio do rio Guadiana e que já tinham a "ponte feita". Desta informação o governador do Algarve depreendeu que "como falavam em que o inimigo tem ponte feita, se deve entender é para a passagem a este Reino, porque sem cavalaria mal poderão efectuar coisa alguma".⁷¹

Se os castelhanos tentassem uma investida pelo Algarve, para se dirigirem a Lisboa, as entradas seriam por Alcoutim ou Castro Marim. Contudo, por Alcoutim seria sempre mais fácil, pela proximidade das margens e porque, ao contrário de Castro Marim, se encontrava desprovida de qualquer sistema defensivo que a protegesse. O pequeno castelo medieval tinha escassa ou nula serventia. Decidiu-se, por conseguinte, ser urgente construir a nova fortificação. Porém, a orografia do terreno dificultou e limitou a construção de uma fortaleza imponente. Numa das muitas cartas do Governador do Algarve estão patentes as dificuldades que o terreno de Alcoutim apresentava para a construção: "temo-lhe ruína porque os castelhanos estão muito vizinhos e a praça com padraços".⁷² De uma "praça com padraços" deve entender-se um obstáculo, que a maior parte das vezes é um cabeço elevado que, se for ocupado pelos inimigos, rapidamente tomam a vila.

O estudo do processo construtivo da fortificação moderna de Alcoutim, depois da segunda metade do século XVII, proporcionou uma série de informações que dizem respeito à direcção das obras e às dificuldades pelas quais passou. As cartas dos Governadores do Algarve,⁷³

intended to take over the trade at the *Guadiana* and already had a "bridge". Upon hearing this piece of information, the Governor of the Algarve concluded that "because they spoke of a bridge already made, one should think it is to provide a passage onto this kingdom, because without a cavalry they should hardly be able to do much".⁷¹

If the Castilians attempted an assault on Lisbon, through the Algarve, their entrance should be through *Alcoutim* or *Castro Marim*. *Alcoutim*, however, should always prove easier due to the narrowness of the river and because, unlike, *Castro Marim* it was not provided with any defensive system that could protect it. The small medieval castle had a scarce number of troopers or none at all. Consequently, it was decided to build the new fortification. The terrain, however, posed some difficulties and set a limit to the construction of a powerful fortress. In one of the many letters by the Governor of the Algarve, the difficulties to construction posed by the terrain in *Alcoutim* are clearly stated: "I fear the ruin because the Castilians are very close and the garrison has stepfathers".⁷² "Garrison with stepfathers" should be read as an obstacle, frequently a high moor that once taken by the enemies, swiftly allows them to take the whole town. The research on the construction process of the modern fortification of *Alcoutim*, in the second half of the seventeenth century, provided a great deal of information regarding the works and the difficulties it went through. The letters of the

⁷¹ DOCUMENTO N.º 504, *A Sua Magestade 11 de Setembro de 11660*, p. 378, in IRIA, Alberto, (apresentação do texto e prefácio), *Cartas dos Governadores do Algarve (1638 - 1663)*, Lisboa, Academia Portuguesa de História, 1978.

⁷² DOCUMENTO N.º 525, *A Gaspar de Faria Severim no mesmo dia* (4 de Novembro de 1660), p. 391.

⁷³ O cargo de Governador e Capitão General do Reino do Algarve foi criado em 1673 e terminou em 1834, data em que foi criado o Governo Civil de Faro. O primeiro governador a ser nomeado para o Algarve foi D. Diogo de Sousa, em 1578, pelo rei D. Sebastião.

dirigidas a D. Afonso VI, documentam quase passo a passo esse processo inicial.

Pede-se ao rei que mande para o Algarve um engenheiro militar, que fazia mais falta no Algarve que em Lisboa, pois a fronteira marítima e fluvial carecia de urgente fortificação. A falta de recursos financeiros e humanos levou a que as primeiras obras de fortificação que se fizeram em Alcoutim se caracterizassem pela precariedade e pelo improviso. Escreve o Governador: *"Quão mal pagos e despídos estão os poucos soldados e capitães que assistem naquelas duas praças [Castro Marim e Alcoutim] e o dinheiro que se tira deste Reino estando se lhes devendo dois anos, o que nos poderá ocasionar um grande trabalho não tendo com que pagar ainda o pão de munição dos que estão nos presídios, e aos que se houverem de ajuntar para o socorro de qualquer das praças em caso que o inimigo lhes fizer rosto"*⁷⁴

A fortificação da Vila foi portanto feita sob a contínua pressão de um possível e temido ataque castelhano. O Governador do Algarve, em 1658, Martim Correia da Silva, fez saber ao rei que era urgente enviar para este reino engenheiros militares como também dinheiro para as construções: *"Pelas novas que há de que em Andaluzia se levanta gente e prepara armada, me pareceu representar a Vossa Majestade se sirva de mandar venham logo para este Reino o Engenheiro Pedro de Santa Colomba, Manuel de Sousa de Castro, e os mais cabos e oficiais que nessa Corte andam"*⁷⁵. Dois anos mais tarde, chega ao Algarve uma embarcação de carga com munições e, parte delas, não muitas, recolhidas no

Governors of the Algarve,⁷³ addressed to Dom Afonso VI, record this process, almost stage by stage.

The King was requested to send to the Algarve a military engineer who would be more useful in the Algarve than in Lisbon, because the sea and river borders asked for urgent fortification. The lack of financial and human resources led to the first fortification works at *Alcoutim* being precarious and improvised. The Governor wrote: *"How poorly paid and undressed are the few soldiers and captains serving in those two garrisons [Castro Marim and Alcoutim] and the money from this kingdom, while they are still owed two years of pay, which could be a great concern, and we can't pay the bread to those who are serving at the garrisons, or to those who join them to aid any of the garrisons, in case the enemy shows his face"*⁷⁴

The fortification of the town was done under the continuous pressure of a possible and feared Castilian attack. The Governor of the Algarve, in 1658, Martim Correia da Silva, informed the King that it was urgent to send military engineers to this kingdom as well as money for construction: *"Because the news tell us that in Andalusia people take arms, it seemed appropriate to ask Your Majesty to send to this kingdom, the engineer Pedro de Santa Colomba, Manuel de Sousa de Castro, and other corporals and officers who are at Court"*⁷⁵ Two years later, a cargo vessel carrying ammunition arrives at the Algarve, and some of these were stored at the *Alcoutim's*

⁷⁴ DOCUMENTO N.º 382. *A sua Magestade em 27. de Novembro foi a Lisboa para ter se aula de dir.*, p. 282.

⁷⁵ *Ibidem.*

⁷³ The position of Governor and Captain-General of the Kingdom of the Algarve was established in 1573, and was suppressed in 1834, when the Civil Government of Faro became effective. The first appointed Governor of the Algarve was Dom Diogo de Sousa, in 1578, by King Dom Sebastião.

armazém de Alcoutim, juntamente com alguma, mas pouca, ferramenta para que finalmente se iniciassem as obras de reforço. Os materiais transportados na dita embarcação foram repartidos pelas praças que necessitavam de ser reparadas, que no Algarve eram quase todas.

No primeiro de Dezembro de 1660 as obras de fortificação de Alcoutim prosseguem a cargo do filho do Governador do Algarve. Este Governador continua a escrever ao Rei queixando-se de que as condições para se fortificar a praça são mínimas. Não há dinheiro para pagar a mão-de-obra e contam com poucas ferramentas: *“as de Alcoutim, Faro e mais praças tem meu filho a seu cargo e em todas se trabalha com o cuidado que convém mas sobra pouco respeito do rigor do tempo, e poucas ferramentas”*.⁷⁶

Ainda neste ano vistoriou-se a vila de Alcoutim com o objectivo de se averiguar em que estado se encontrava a sua defesa e também que materiais, instrumentos e despesas eram necessários para as obras. Para essa vistoria o Governador do Algarve delegou no filho, Francisco Correia, acompanhado pelo engenheiro militar Pedro de Santa Colomba,⁷⁷ os quais se encontravam a trabalhar na praça de guerra de Castro Marim: *“Meu filho, Francisco Correia, de Tavira se passou logo a Castro Marim, e dali a Alcoutim, convém tratar desta praça fortificando-a com toda a brevidade. Para o que avisei a Pedro de Santa Colomba a fosse ver e com resposta de ambos se pôr logo mão à obra”*.⁷⁸

warehouse, together with some tools, so that the reinforcement works could finally begin. The building materials carried in the vessel were shared between the garrisons that called for repairs. In the Algarve almost every single one.

On the 1st of December, 1660, the fortification works at *Alcoutim* proceeded under the son of the Governor of the Algarve. This Governor kept writing to the King, complaining that the conditions were basic. There wasn't money to pay the workers and they had few tools: *“the ones at Alcoutim, Faro and others are managed by my son and on each one the works proceed with the care required, but there isn't much time and few tools”*.⁷⁶

In the same year, the town of *Alcoutim* was inspected with a view to assess the state of its defence, and also what materials, instruments and expenses were necessary for the works. The Governor of the Algarve delegated his son, Francisco Correia, to carry out the inspection, accompanied by the military engineer Pedro de Santa Colomba,⁷⁷ who were working in the garrison at *Castro Marim*: *“My son, Francisco Correia, from Tavira went straight on to Castro Marim, and from there to Alcoutim. One should deal with this garrison, fortifying it as soon as possible. Thus, I have instructed Pedro de Santa Colomba to inspect it and once they have reported, to initiate the works.”*⁷⁸

After this inspection, carried out by Francisco

⁷⁶ DOCUMENTO N.º 531, *A Sua Magestade no conselho de Guerra primeiro de Dezembro 25 de Novembro de [1]660*, p. 395.

⁷⁷ Engenheiro militar francês, que foi destacado para o reino do Algarve em Janeiro de 1653. Acompanhado pelo Governador e Capitão Geral do Reino do Algarve ficou incumbido de inspecionar todas as praças do Algarve. Sobre a praça-forte de Castro Marim e a sua importância para a defesa do Algarve lê-se PIRES, Pedro Luís da Palma, *Castro Marim na Guerra da Restauração (1640-1668). Praça de Fronteira, baluarte defensivo do Algarve*, Gambelas, Universidade do Algarve, 2009, p. 33 (policopiado).

⁷⁸ DOCUMENTO N.º 524, *A Sua Magestade 4 de Novembro de [1]660*, p. 390.

⁷⁷ French military engineer assigned to the Kingdom of the Algarve in January of 1653. He was accompanied by the Governor and Captain-General of the Kingdom of the Algarve and was in charge of inspecting all the garrisons in the Algarve. About the Garrison at Castro Marim and its importance to the defence of the Algarve, read PIRES, Pedro Luís da Palma, *Castro Marim during the War of the Restoration (1640-1668): Castro Marim na Guerra da Restauração (1640-1668): Border Garrison, Algarve's defence bulwark (Praça de Fronteira, baluarte defensivo do Algarve)*, Gambelas, University of the Algarve (Universidade do Algarve), 2009, p. 33 (xerox copies).

Depois desta inspecção, realizada por Francisco Correia e Pedro de Santa Colomba, sabemos que foi com o sargento-mor Manuel de Sousa de Castro que Alcoutim se começou a fortificar e que seriam necessários pelo menos três mil cruzados para dar continuidade aos trabalhos iniciados por este engenheiro militar, como também para pagar aos homens que nela fossem trabalhar, juntamente com a alimentação e material bélico: *"O sucesso de Manuel de Sousa de sua família se pode ter lástima, este homem é o que vossa mercê sabem, Alcoutim começou ele a fortificar, e se Sua Majestade não houver por bem que dos 3000 cruzados se acabe a obra, temo-lhe ruína porque os castelhanos estão muito vizinhos e a praça com padraos. Vossa mercê se sirva por quem é amparar assim este requerimento como o das munições, ferramentas e armas de que muito se necessita"*.⁷⁹

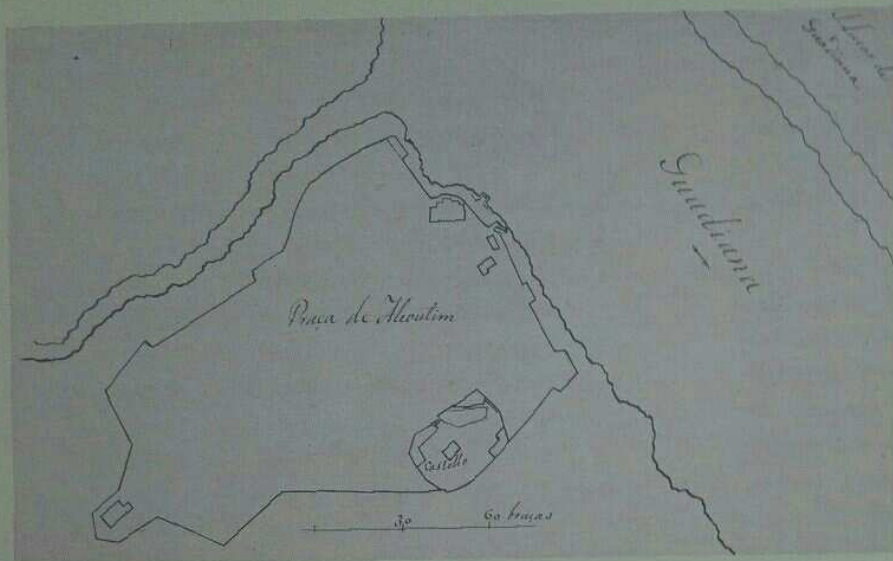
A 11 de Novembro de 1660 o rei autorizou os referidos 3000 cruzados. Refere o Governador noutra carta ao Rei: *"Por carta de 11 de corrente foi Vossa Majestade servido conceder os 3000 cruzados da remonta dos cavalos para a fortificação de Alcoutim, donde meu filho Francisco Correia foi e Pedro de Santa Colomba para dar princípio à obra, que nela se gastará só o necessário e com a conta e razão que se costuma fazer em todas as obras deste Reino"*.⁸⁰ A construção da fortificação de Alcoutim não foi de preço elevado e apenas se pretendeu gastar o dinheiro naquilo que fosse estritamente necessário para a defesa em caso de invasão. Por isso, a fortaleza de Alcoutim, quando comparada com a de Castro Marim, é de menor qualidade técnica.

Correia and Pedro de Santa Colomba, we know that it was Sergeant-Major Manuel de Sousa de Castro who initiated the fortification of *Alcoutim* and that it would take at least three thousand *cruzados* to continue the works he had initiated, and pay the men, together with food and war materials: *"the success of Manuel de Sousa and family saddens us; this man, as Your Lordship knows, began the fortification of Alcoutim and if Your Majesty does not provide the three thousand cruzados to finish the works, I fear it will be ruined because the Castilians are close and the garrison has stepfathers. Your Lordship ought to grant this request, as well as ammunition, tools and weapons, which we badly require"*.⁷⁹

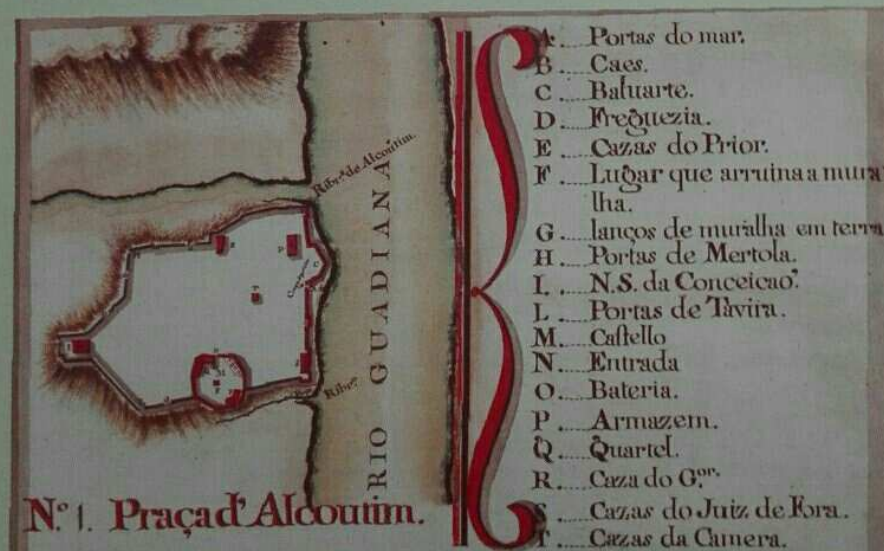
On the 11th of November, 1660, the King authorized the three thousand *cruzados*. The Governor says in another letter to the King: *"In the letter dated 11th of the current month, Your Majesty agreed to provide the three thousand cruzados intended for the acquisition of horses, for the Fortification of Alcoutim, and so my son Francisco Correia went with Pedro de Santa Colomba to order the beginning of the works, and they shall only spend what is necessary and with the bill and the good sense that is typical in all the works in this kingdom"*.⁸⁰ The construction of the fortress at *Alcoutim* did not incur a high expense and money was only spent on what was strictly necessary to defend it in case of invasion. Therefore, the fortress at *Alcoutim*, when compared with the one at *Castro Marim*, has a lower technical standard.

⁷⁹ DOCUMENTO N.º 525, *A Gaspar de Faria Seuerim no mesmo dia* [4 de Novembro de 1660], p. 391.

⁸⁰ DOCUMENTO N.º 528, *A Sua Magestade 25 de Novembro de* [1660], p. 392.



Autor / Author: (?)
 Título / Title: Alcoutim: Praça
 Data / Date: 1700-1900
 Dimensões / Dimensions: 34 x 23 cm
 Suporte / Holder: Em papel almaço D. & C. Blauw
 Coleção / Collection: Planta das fortalezas e baterias do Algarve.
 Cota / Reference: Gabinete de Estudos Arqueológicos e de Engenharia Militar/Direcção de Infra-Estruturas do Exército



Autor / Author: Vasconcelos, José de Sande
 Título / Title: Praça d'Alcoutim
 Data / Date: [17-?]]
 Dimensões / Dimensions: 57x50 cm
 Suporte / Holder: Em papel almaço D. & C. Blauw
 Coleção / Collection: Mappa da conf. de todas as praças fortalezas e baterias do reyno do Algarve
 Acervo / Chattels: Biblioteca Nacional de Portugal
 Cota / Reference: 623.1/3(489.61)084.41

Durante os três anos que Martim Correia da Silva esteve como Governador do Algarve, entre 1659 e 1662, insistiu, constantemente, com o rei para que enviasse dinheiro para que os governadores das respectivas praças pagassem aos seus soldados, porque estes não tinham que comer e que vestir e "*sem gente paga não há defesa*".⁸¹

A última notícia que temos do estado das obras na praça de Alcoutim é que em 1662 ainda estão por terminar.

Toda a Vila foi assim transformada em praça de guerra. Pelos desenhos do engenheiro militar José de Sande Vasconcelos, já de finais do século XVIII, vê-se que o novo espaço defensivo contém no interior edifícios com funções administrativas, militares e comerciais. Observa-se ainda a inexistência de arrabaldes. A nova cintura adaptou-se ao traçado urbano medieval de que são exemplo as portas da vila. A localização destas portas respeita o traçado antigo das ruas, para assim minimizar a destruição de casas.

Para se entender a morfologia da cerca seiscentista recorreremos à descrição que consta nas Memórias Paroquiais de 1758: "*Não tem arrabaldes ao pé com moradores, nem são capazes para esse efeito [...]. É esta vila murada com uns muros, ou paredes de pedra e barro de pouca substância [...]. Tem quatro portas esta vila por onde se sai e entra, uma para a parte do nascente, ou de São Lucar de Guadiana, a que chamam porta do rio em cuja entrada está uma porta interior junto da casa da guarda, e logo três ou quatro varas no mesmo andar outra porta exterior, e estas são duas portas das quatro que digo*

During his three years as Governor of the Algarve, between 1659 and 1662, Martim Correia da Silva, constantly required the King to send money so that the governors at the garrisons could pay their soldiers, because the latter did not have much to eat or dress and "*without paid hands there is no defence*".⁸¹

The last news regarding the stage of the works in the garrison at *Alcoutim* informs us that in 1662 they were still unfinished.

The whole town was rendered into a fortified garrison. According to the drawings by the military engineer José de Sande Vasconcelos, at the end of the eighteenth century, one realises that the new defensive space holds inside, buildings with administrative, military, and commercial functions. One also notices the absence of dwellings in the outskirts. The new curtain walls were adapted to the medieval urban layout. Its traces are the town's gates. The location of these gates follows the ancient layout of the streets, in order to minimize the destruction of houses.

We return to the description contained in the *Parish Memories* of 1758, in order to understand the morphology of the sixteen hundreds' walls: "*It does not have surrounding dwellings with inhabitants, and could not have any [...]. This town possesses a few high walls, or walls of stone and clay of low standard [...]. It has four gates to enter and exit, one facing east, or São Lucar de Guadiana, some call Gate of the River, in whose entrance stands an inner door close to the Sentinel's House, and then three or four yards, and on the same floor another external door, and these are two out of four gates [...]. This town has other gates, facing the*

⁸¹ *Idem, ibidem*, p. 376.

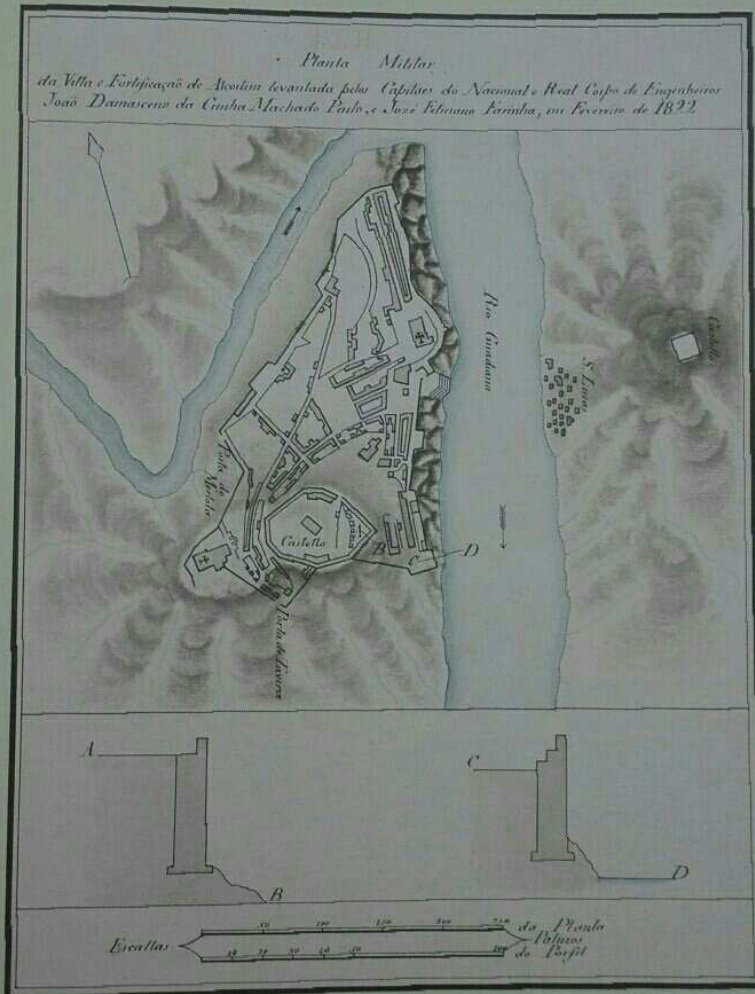
[...]. Tem outras portas esta vila para o sudoeste a que chamam porta de Tavira [e] outra porta está para o noroeste, a que chamam porta de Mértola [...]. Estas são as portas por onde se entra e sai nesta vila as quais todas as noites se fecham e abrem todas as manhãs.⁸²

southwest, called the Gate of Tavira [and] a gate facing northwest, called Gate of Mértola [...]. These are the gates of entry and exit from the town, locked every night and unlocked every morning".⁸²



Título / Title: Rua das Portas de Mértola.
Data / Date: décadas de 60/70 do séc.XX
Acervo / Chatters: Câmara Municipal de Alcoutim

⁸² A.N.T.T., *Memórias Paroquiais*, vol. 2, n.º 12, pp. 113-130.





Autor(es) / Authors: Eng^o João Damasceno da Cunha e Eng^o Jozé Feliciano Farinha
 Titulo / Title: Planta militar da villa e fortificação de Alcoitim
 Data / Date: 1822
 Dimensões / Dimensions: 49 x 41 cm
 Suporte / Holder: Marca de água C. & H. Honig.
 Escala / Scale: Contém escalas gráficas de 250 palmos = 10,9 cm e de 100 palmos = 10 cm
 Cota / Reference: Gabinete de Estudos Arqueológicos e de Engenharia Militar/Direcção de Infra-Estruturas do Exército



Legenda:

- 1 - Paio! da Pólvora (séc. XVII-XVIII)
- 2 - Bateria (séc. XVII-XVIII)
- 3 - Castelo (séc. XIV)
- 4 - Igreja Matriz (séc. XIV-XVI)
- 5 - Igreja N. Sra. da Conceição (séc. XIV)
- 6 - Igreja da Misericórdia (séc. XVI-XVII)
- 7 - Igreja de Sto. António (séc. ?)
- 8 - Casa da Câmara e Cadeia (séc. XVII)
- 9 - Praça (pelourinho)
- 10 - Alfândega (séc. XVI-XVII)
- 11 - Casa dos Condes (séc. XVI-XVII)
- 12 - Corpo de Guarda(?) (séc. XVII-XVIII)

-  Muralhas Seiscentistas
-  Rua Direita



Autor / Author: Daniela Pereira
Título / Title: Planta de Alcoutim com a sinalização de alguns edifícios e a reconstrução da muralha seiscentista.
Data / Date: 2010

Dentro do recinto fortificado

Within the grounds of the Garrison

Os trabalhos dos engenheiros militares estenderam-se também para a estruturação da malha urbana. Primeiramente, a reutilização e adaptação do castelo medieval. Nela foi construída uma plataforma para uma bateria que albergava 7 canhões, direccionados para Sanlúcar de Guadiana: *"há nela sete peças todas de ferro; a saber, três de calibre 16; quatro de 12; e estão montadas no mais alto lugar da mesma fortaleza"*.⁸³ As paredes do castelo, na parte onde se instalaram os canhões, foram reforçadas com uns muros abaluartados. Este reforço era necessário para criar resistência aos disparos dos canhões, que faziam estremecer os muros. No recinto do castelo medieval foram ainda construídas as casas do governador, os quartéis militares e um armazém ou paiol de pólvora.

As reformas dos edifícios do interior da Vila, pelos engenheiros militares, prosseguiram até aos finais do século XVIII. Desta época, a obra mais relevante foi a reforma do adro da Igreja da Nossa Senhora da Conceição. O objectivo era tornar este adro mais regular e uniforme, ligando-o com o resto da Vila. Criou-se uma espécie de plataforma à volta da Igreja, e no exterior, da parte da capela-mor, construiu-se uma escadaria circular orientada para o interior da Vila. Esta será a nova entrada da Igreja, um autêntico cenário barroco. A importância desta intervenção tem que ver com a solução arquitectónica que foi utilizada. Nota-se uma influência da solução adaptada na escadaria do Quartel Militar de Almeida, outra praça de guerra fronteiriça, na província da Beira.

The works carried out by the military engineers also involved restructuring the urban layout. Firstly, the reuse and adaptation of the medieval castle. A platform was built within, for a seven cannon gun-battery, aimed at Sanlúcar de Guadiana: *"it holds seven pieces of artillery, all made of iron; three of calibre sixteen; four of calibre twelve; and these are set up on the highest ground in the fortress"*.⁸³ The castle's walls were reinforced with bulwarks at the section where the cannons were installed. This reinforcement was necessary to resist the artillery fire, which would stir the walls. Within the grounds of the medieval castle, the houses of the Governor, the soldier's quarters and a gunpowder magazine were also built.

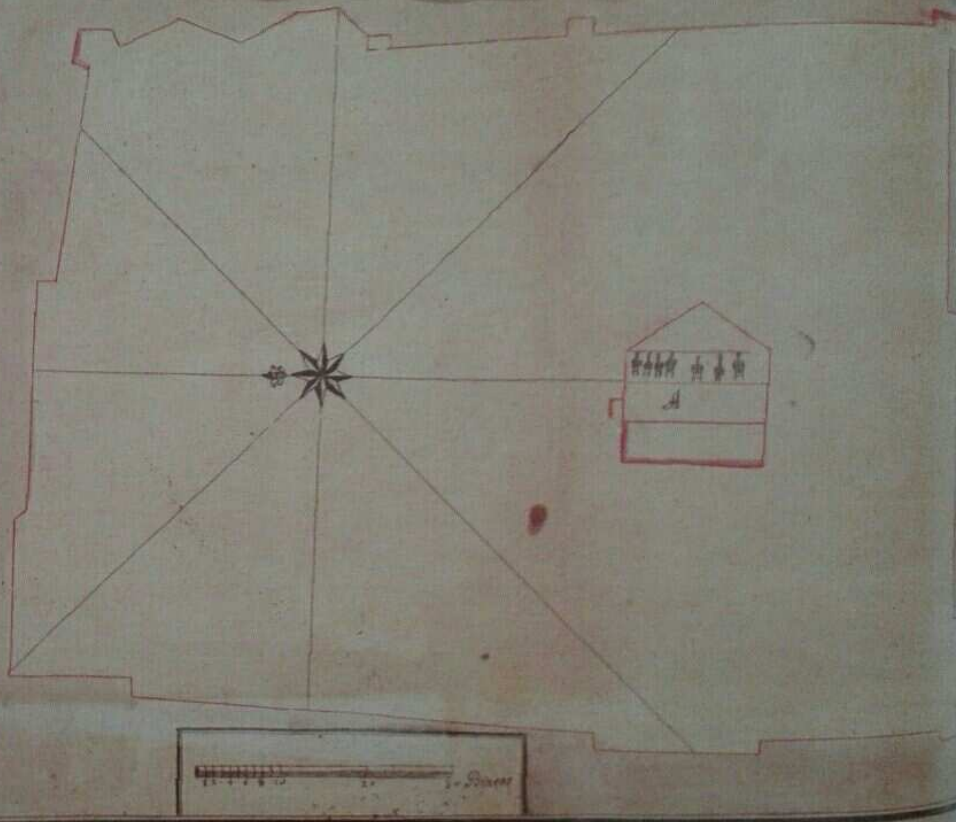
The renovations of buildings in the inner nucleus of town, by military engineers, proceeded until the end of the eighteenth century. From this period, the most outstanding works were the renovation of the yard of the Church of Our Lady of Conception. The purpose was to make the yard more regular and uniform, connecting it to the town. A sort of platform was erected around the church, and outside, near the apse, a circular staircase leading to the inner town was built. This would become the new church entrance, an authentic baroque stage set. This intervention is important due to the architectural solution employed. Notice the influence of the solution adopted on the stairs of the Military Quarters of Almeida, another fortified garrison at the border, in the province of Beira.

⁸³ A.N.T.T., "Visita às fortalezas e praças do Reino do Aljêve, pelo respectivo governador e capitão general", 1754. Ministério do Reino. Coleção de plantas, mapas e outros documentos iconográficos, doc. 70. Esta descrição vem acompanhada com o desenho da fortaleza levantada por Francisco Lobo Cardenal (sargento) juntamente com Romão José da Rego (engenheiro militar).

⁸³ A.N.T.T., "Visit to the forts and garrisons of the Kingdom of the Algarve, by its Governor and Captain-General", 1754. Ministry of the Kingdom, Collection of plans, maps and other iconographic documents, doc. 70. This description is accompanied by the drawing of the fortress made by Francisco Lobo Cardenal (Sergeant) and Romão José da Rego (military engineer).

Planta da Villa de Alcoutim,
anno de 1754

Esta Villa está situada Namargem da agua
do rio praxem do S. Lucar do Darmma, da
lante e traze tres de guisa, e é dominada toda
de um Castello q' da cum p' de castella e m
sobre cum mouro. Na sua fortificação de
prezente não tem alguma
Tem 7 peças, todas morteadas, e do Cal 16,
e quatro de 2, e fátiamlle praxadas.
Tem seu Castello no meio do mouro
além A



Autor / Author: Cardenal, Francisco Lobo
Título / Title: Planta da villa de Alcoutim // anno de 1754
Data / Date: 1754
Dimensões / Dimensions: 28 x 43 cm
Suporte / Holder: papel
Escala / Scale: 30 Braças = 5,7 cm
Coleção / Collection: "Plantas de diversas fortalezas do Reino"
Acervo / Chave: Direcção-Geral de Arquivos / Arquivo Nacional Torre do Tombo
Cota / Reference: PT/TT/MR/1/71
"Imagem cedida pelo A.N.T.T"



Autor / Author: Autor desconhecido
 Título / Title: CARTA HYDROGRAFICA DO GUADIANA A QUAL SERVE/DE INTELIGENCIA Para as Plantas Militares que se seguem Nº2 Nº3. Nº4 as quaes guarnecem a margem esquerda do dito Rio, e Barrá; notando-se igualmente os baixos ou bancos de areia, que fazem deficultoza a sua entrada, como aqui se vei.
 Data / Date: 1801
 Dimensões / Dimensions: 49 x 31 cm
 Suporte / Holder: manuscrita, colorida, em papel
 Escala / Scale: Esc. gráfica de 100 braças = 55 mm
 Colecção / Collection: Instituto Geográfico Português
 Acervo / Chatters: Instituto Geográfico Português
 Cota / Reference: CA 251v IGP

Outros edifícios também foram remodelados para se adaptarem às novas funções, que eram de carácter militar. É o caso do edifício cor-de-rosa, localizado perto da Igreja Matriz, que tem as fundações das paredes abaluartadas. Por este motivo, é provável que seja o edifício que albergava o Corpo de Guarda, o qual se encontra assinalado nos desenhos de José de Sande Vasconcelos.

Ao longo do século XVIII e inícios do XIX somam-se outros edifícios aos existentes: a Alfândega e a Casa dos Condes. Embora existissem já nos finais da Idade Média, o que se pretende referir é que foram remodelados durante a presença dos engenheiros militares em Alcoutim.

A Alfândega tem a fachada lateral paralela ao rio Guadiana e a fachada principal orientada para norte. Possui uma arquitectura rigorosa, simples e funcional. Este edifício está assinalado em três registos que José de Sande Vasconcelos fez da praça de Alcoutim. Em dois deles o local onde se localiza a Alfândega está legendado como sendo a *Casa do Juíz de Fora*. No terceiro desenho a

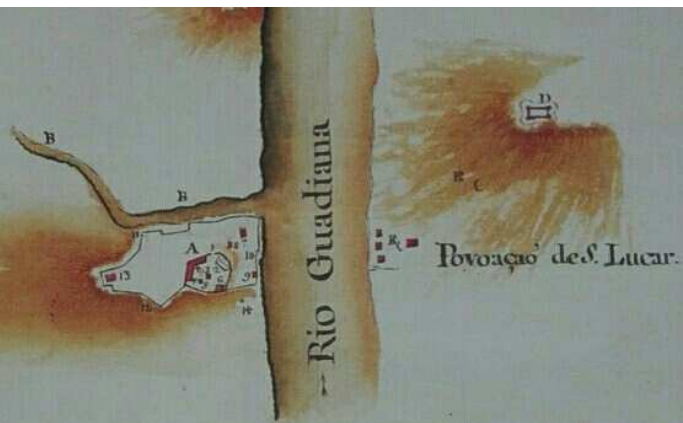
Other buildings were also renovated in order to adapt to their new military functions. Such is the case of the pink building, close to the Main Church, which has ramparted walls in its foundations. It is likely to have housed the old Armed Guards of *Alcoutim*, which was depicted in the drawings of the military engineer José de Sande Vasconcelos.

Throughout the eighteenth century and beginning of the nineteenth century, other buildings are added to the earliest one: the Customs House and the Residence of the Counts. Though they were already erected in the late Middle-Ages, they were renovated during the military engineer's stay at *Alcoutim*.

The Customs House has a lateral facade parallel to the river *Guadiana*, and the main facade to the north. It possesses a rigorous, simple and functional architecture. It is found on three drawings of *Alcoutim's* Square made by José de Sande Vasconcelos in the late eighteenth century. On two of these records the site of the Customs House is designated as House of the *Juíz de Fora*. The third drawing



Título / Title: Casa rosa, tipo abaluartada, localizada perto da Igreja Matriz.
Data / Date: [12/7/1965]
Colecção / Collection: visita de Sua Excelência o Chefe de Estado Almirante Américo Thomaz a Alcoutim
Acervo / Chatters: Câmara Municipal de Alcoutim



PRAÇA DE ALCOUTIM.

- | | |
|--|--|
| <p>A. Castello</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Portas do Castello 2. Bateria 3. hum quartel a prova de bomba 4. quartéis. 5. armazém. 6. armazens de muniçoens. 7. Freguezia. 8. Casas da Camera | <ol style="list-style-type: none"> 9. Casas do Juiz da alfandega 10. Portas do mar 11. Portas de Mertola. 12. Portas de Tavira <p>B. Ribeira.</p> <p>C. Luçar aonde se puzerao 2, peças.</p> <p>D. Castello de S. Lucar.</p> <p>E. baterias' que se fizeram na campanha.</p> |
|--|--|

Podece compor com 400\$000. reis.

Autor / Author: Vasconcelos, José de Sande
 Titulo / Title: Praça de Alcoutim
 Data / Date: [17--?]
 Dimensões / Dimensions: 50 x 35 cm
 Suporte / Holder: Marca de água D. & C. Blauw
 Cor / Color: colorido
 Coleção / Collection: Planos configurados das fortalezas deste Reino
 Acervo / Chattels: Gabinete de Estudos Arqueológicos e de Engenharia Militar /
 Direcção de Infra-Estruturas do Exército
 Cota / Reference: 305-1-8A-96

legenda é bastante explícita e diz o seguinte: *Casas do Juiz da Alfândega*. O juiz era o responsável pela organização da vida económica e financeira de Alcoutim.⁸⁴



Título / Title: Alfândega de Alcoutim, com as muralhas seiscentistas anexadas ao edifício.
Data / Date: décadas de 40/50 do séc.XX
Acervo / Chatters: Câmara Municipal de Alcoutim

A Casa dos Condes fica situada perto do Guadiana e da Alfândega. Terá sofrido algumas transformações arquitectónicas realizadas pelos engenheiros militares. É igualmente de arquitectura simples; a escadaria, com duplo acesso e que interrompe a via pública, confere-lhe alguma singularidade. Os edifícios que estão perpendiculares, fronteiros ao rio, têm a mesma solução arquitectónica, mas de uma forma mais vernacular.

O centro urbano também foi reformulado. Passou a existir um novo centro na vila de Alcoutim. A praça, que o Prof. Walter Rossa designa de “nova centralidade”,⁸⁵ possui características pelas quais se distingue do antigo

has a very clear legend and it reads: Houses of the Judge of Customs. The Judge was responsible for the organization of the economic and financial dealings in Alcoutim.⁸⁴



Título / Title: Edifício da Casa dos Condes
Data / Date: décadas de 60/70 do séc.XX
Acervo / Chatters: Câmara Municipal de Alcoutim

The Residence of the Counts is located close to the *Guadiana* and the Customs. It must have undergone some architectural transformations by the military engineers. It also has a simple architecture; the staircase with double access interrupts the public path and provides it with singularity. The buildings, those stand sideways by the riverfront share the same architectural solution but following a more vernacular school.

The urban centre was also renovated. A new centre in the town of *Alcoutim* arose. The square that Prof. Walter Rossa designates as a “new centre”,⁸⁵ has

⁸⁴ Gabinete de Estudos Arqueológicos e de Engenharia Militar, 305-1-8A-96.

⁸⁵ ROSSA, Walter, *A Urbe e o Traço. Uma Década de Estudos Sobre o Urbanismo Português*, Coimbra, Livraria Almedina, 2002, p. 414.

⁸⁴ Office of Archaeological Studies in Military Engineering, 305-1-8A-96.

centro da Vila: está defronte da Casa da Câmara e Cadeia, e nela se implantou um pelourinho. Da Casa da Câmara e Cadeia apenas resta uma fotografia. O edifício era de planta quadrangular e composto por dois pisos. No piso inferior funcionava a Cadeia e no piso superior funcionava a Câmara Municipal. Acedia-se ao piso superior por uma escadaria. A rematar a fachada estava uma sineta, que tocava sempre que a vereação ia deliberar.⁸⁶ À frente da Casa da Câmara e Cadeia localizava-se o pelourinho, como símbolo do poder municipal.

Em 1876 parte desta praça ficou destruída devido à grande cheia do rio Guadiana.⁸⁷ Desta praça apenas resta o espaço que ela ocupava, que seria mais amplo do que actualmente. Usando as palavras do historiador alcoutenejo, José Varzeano: "*Parece hoje um montão de 'ruínas' devido ao ofuscamento provocado por dois 'monstros' que actualmente a dominam*".⁸⁸



Título / Title: Casa da Câmara e Cadeia
Data / Date: décadas de 50/60 do séc.XX
Acervo / Chatters: Câmara Municipal de Alcoutim

features that distinguish it from the earlier town's centre: it faces the Town Hall and the Jail and a Pillory has been erected. A photograph is all that is left of the Town Hall and Jail. The building had a square plan and two floors. On the lower floor was the Jail and on the upper floor stood the Town Hall. One would gain access to the upper floor by stairs. Topping the facade was a small bell that would ring every time the council would meet to deliberate.⁸⁶ The Pillory, symbol of municipal power, stood before the Town Hall and Jail.

In 1876, a part of this square was destroyed due to the great flood of the river Guadiana.⁸⁷ Out of the original square only the space remains. It would have been wider than what we find today. Quoting the historian of Alcoutim José Varzeano: "*Today it appears to be a heap of ruins due to the two 'monsters' that dominate the site and block the view*".⁸⁸



Título / Title: Centro da Vila de Alcoutim
Data / Date: décadas de 60/70 do séc.XX
Acervo / Chatters: Câmara Municipal de Alcoutim

⁸⁶ BARRETO, Paulo Tedim, *Casas de Câmara e Cadeia*, Revista do Património Histórico e Artístico Nacional, pp. 389 e 390.

⁸⁷ MESQUITA, José Carlos Vilhena, "A derrocada do Pelourinho e da Câmara de Alcoutim nas cheias do Guadiana em 1823" in *Estudos de História do Algarve*, Faro, Ed. Associação de Jornalistas e Escritores do Algarve, 2002, p. 104.

⁸⁸ NUNES, António Miguel Ascensão, *Alcoutim Capital do Nordeste Algarvio (subsídios para uma monografia)*, Alcoutim, C.M.A., 1985, p. 108.

O rio Guadiana - O rio, uma fronteira aberta

The River Guadiana - The River, an Open Border

É entre Alcoutim e Sanlúcar de Guadiana que as margens do rio Guadiana se aproximam mais, facilitando a passagem entre a Andaluzia e o Reino do Algarve. Num mapa do século XVII essa passagem está representada por uma "ponte" que une as duas povoações. Sabendo-se que entre elas nunca existiu qualquer tipo de ponte fixa, o mapa pretende assinalar, justamente, o melhor local para se passar o Guadiana.

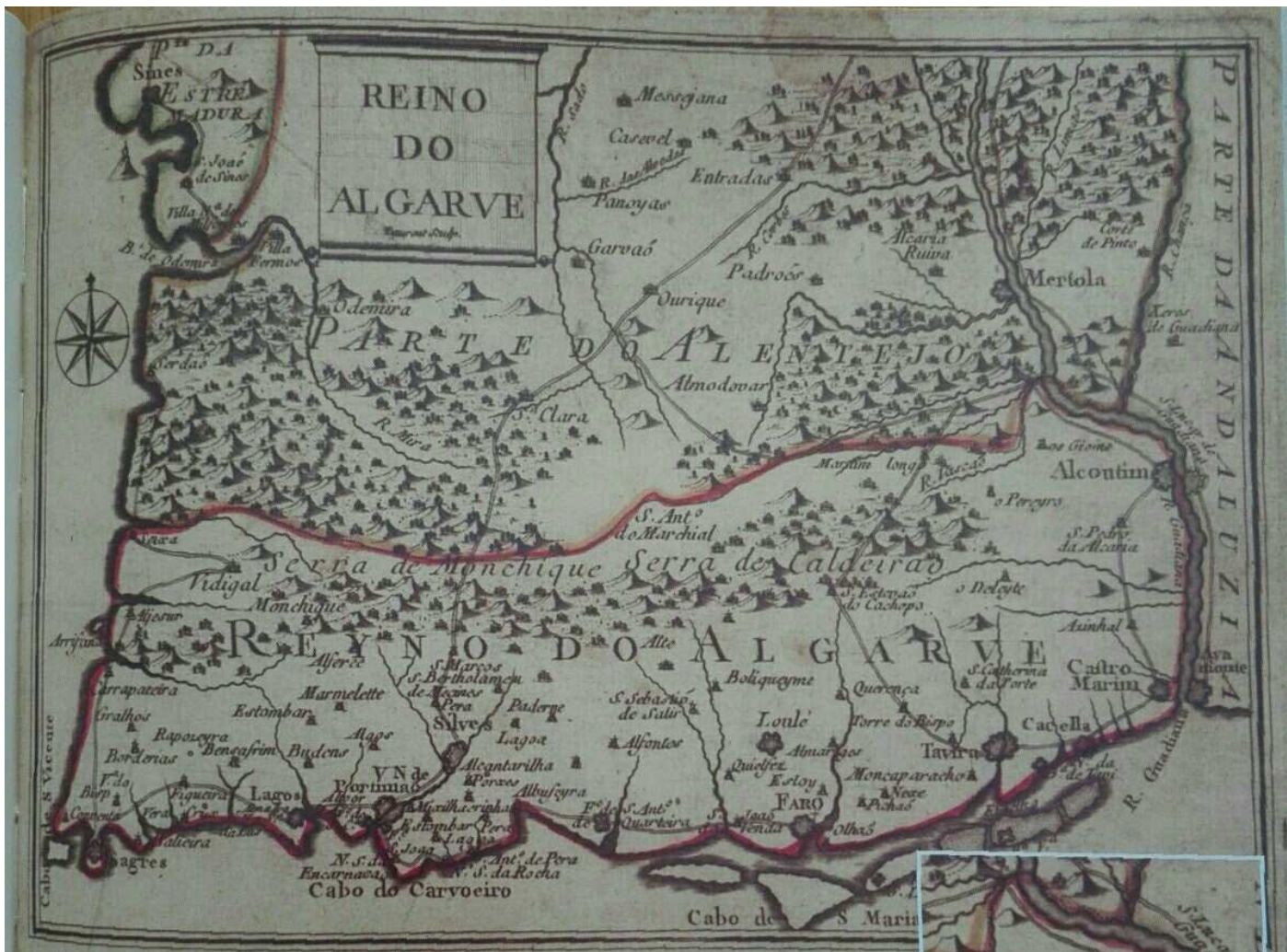
Esta estreiteza das margens tornava a vila de Alcoutim vulnerável a invasões. Veja-se o exemplo do rei D. Afonso XI de Leão, que em 1338 improvisou a construção de uma ponte de galés mesmo em frente a Alcoutim. Este rei "*partiu de Gibrleón com a sua hoste; e foi no primeiro dia ao campo de Andévalo, e no outro dia foi a pousar cerca do rio Guadiana de onde entra o mar. E porque este rio não se podia passar naquele lugar, mandou suas galés fossem rio acima afastado daquele lugar onde estava*"⁸⁹. Construiu aí – ou seja, defronte a Alcoutim – uma ponte de galés com mastros e madeiras grossas, e em cima destas pregaram umas tábuas: "*mandou pôr as galés no rio, e uma a outra puseram mastros e outros madeiros grossos, e em cima destes pregaram tábuas e fizeram pontes por onde passassem todos os da hoste num dia; e fez-se por tal maneira que não danificou as galés [...] passou a hoste cerca de um lugar que dizem Alcoutim, que está próxima daquele rio*"⁹⁰. Todo este aparato deveria ter causado um grande susto aos moradores de Alcoutim. Enquanto as

The margins of the river *Guadiana* are closer between *Alcoutim* and *Sanlúcar de Guadiana*, making the crossing between Andalusia and the Kingdom of the Algarve easier. On a map dating from the seventeenth century, this passage is represented by a "bridge" that joins both settlements. It is a fact that there was never any sort of fixed bridge between them so that the map intends to mark, precisely the best site to making the crossing.

This narrowness of the river made the town of *Alcoutim* vulnerable to invasion. Notice the example of King Alfonso XI of Leon, who improvised a bridge of galleys in 1338, positioned precisely opposite to *Alcoutim*. This king "*left Gibrleón with his troopers; and reached the field of Andévalo on the first day, on the next he went to the river Guadiana, close to where it meets the sea. Because he could not cross the river at that site, he sent his galleys upriver away from where he was*"⁸⁹. There he built – opposite to *Alcoutim*, that is – a bridge of galleys with masts and sturdy wood, and on top, nailed planks: "*ordered the galleys to go on water, and masts and thick woods to join one to another, and nailed planks on top, and made bridges where the troopers could cross in a day; and he did it in such a way that he did not damage the galleys [...] the troopers crossed at a place they call Alcoutim, close to that river*"⁹⁰. This commotion must have scared the wits of the inhabitants of *Alcoutim*. While the troopers built the bridge, the inhabitants had time to make their escape. When the king set foot on *Alcoutim* the town was already deserted.⁹¹ He left *Alcoutim* to lay siege to *Castro*

⁸⁹ Idem, *ibidem*, p. 89.

⁹⁰ CARRIAZO RUBIO, Juan Luis, "La frontera Andaluza del Guadiana durante la Baja Edad Media" in *VI Jornadas de Historia de Ayamonte*, Ayamonte, Patronato Municipal de Cultura, 2002, pp. 89-90.



Autor / Author: Laurent Seulp
 Título / Title: Reino do Algarve
 Data / Date: 1730-1774
 Dimensões / Dimensions: 17 x 24 cm
 Fonte / Source: World Library of Congress

hostes do rei castelhano construía a ponte, os habitantes tiveram tempo para fugir. Quando o rei pisou o solo de Alcoutim já a vila estava evacuada.⁹¹ De Alcoutim foi montar cerco a Castro Marim, que por estar bem murado e bem defendido, se livrou do saque. Daí partiu para Tavira, Faro e Loulé, que não escaparam à pilhagem. Destas vilas o rei levou consigo vacas, ovelhas e homens cativos. Poucos dias depois, dirigiu-se novamente a Alcoutim para regressar a Castela. Uma vez mais, e sem nenhuma perturbação, atravessou pela ponte de galés com a sua hoste, levando o produto dos saques em terras algarvias.⁹² O sucesso desta passagem revela que Alcoutim se encontrava então desprovido de qualquer equipamento de defesa.

O facto de Alcoutim se situar na "passagem" entre os dois reinos terá contribuído para que aqui se ajustassem as pazes – o Tratado de Alcoutim – entre o rei português D. Fernando I e o rei castelhano Henrique II. Todavia, Humberto Baquero Moreno refere que o tratado não foi assinado nem jurado em Alcoutim pelo rei D. Fernando. Este monarca, afirma o historiador, "*ignorou por inteiro nas suas itinerâncias o Baixo Alentejo e o Algarve, além de Trás-os-Montes*".⁹³ As negociações do Tratado de Alcoutim foram preparadas em Março de 1371 entre o Conde de Barcelos e D. Afonso Perez de Guzmán, embaixadores dos monarcas dos respectivos reinos, com plenos poderes para negociarem as pazes. Estipulava-se a amizade entre Portugal e Castela e o auxílio mútuo. Neste tratado, o rei D. Fernando obrigava-se a casar com a filha de Henrique II de Castela, o que acabaria por não cumprir.

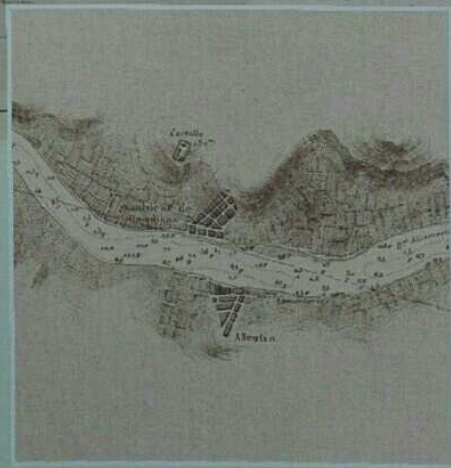
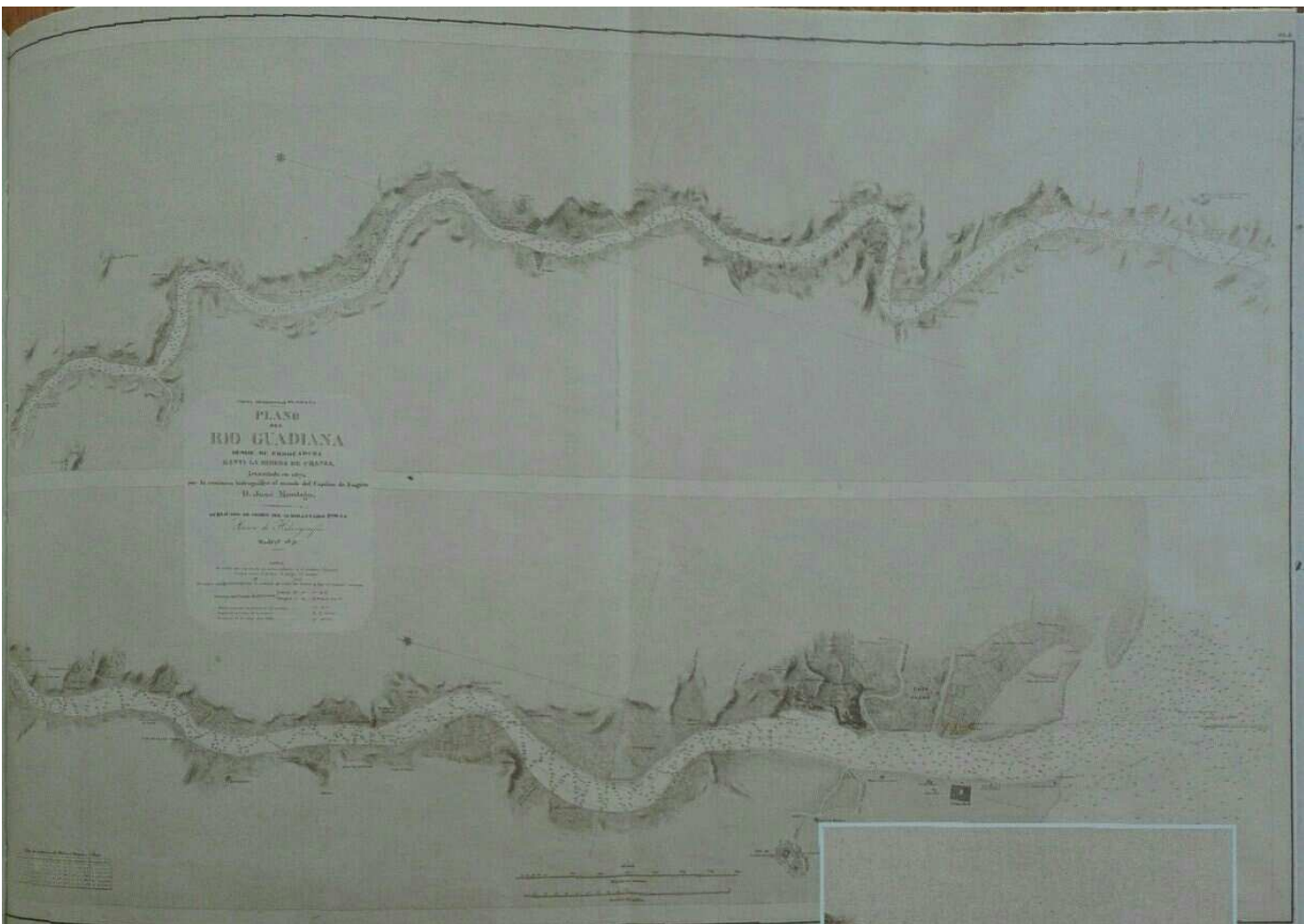
Marim, which due to its walls and good defence, avoided being sacked. He left for *Tavira*, *Faro* and *Loulé*, which could not avoid sacking. The king took from these towns: cows, sheep and captives. A few days later, he headed to *Alcoutim* once more so he could return to Castile. Again, without opposition, he crossed the bridge of galleys with his troopers, carrying his loot from the lands of the Algarve.⁹² The success of this raid shows that *Alcoutim* was then lacking any defences.

The fact that *Alcoutim* was at the "crossing" between both kingdoms may have contributed to a truce on such location – the Treaty of *Alcoutim* – between the Portuguese King Dom Fernando I and the Castilian King Henry II. However, Humberto Baquero Moreno claims that the treaty was neither signed, nor sworn at Alcoutim by King Dom Fernando. This monarch, according to the historian, "*in his travels, completely ignored the Baixo Alentejo and the Algarve, as well as Trás-os-Montes*".⁹³ The negotiations of the Treaty of *Alcoutim* took place in March 1371, between the Count of *Barcelos* and Don Alfonso Perez de Guzmán, ambassadors of the monarchs of their respective kingdoms, holding full powers to negotiate a truce. The friendship and mutual aid between Portugal and Castile were declared. According to this treaty, King Dom Fernando would marry the daughter of Henry II of Castile, though it would never happen.

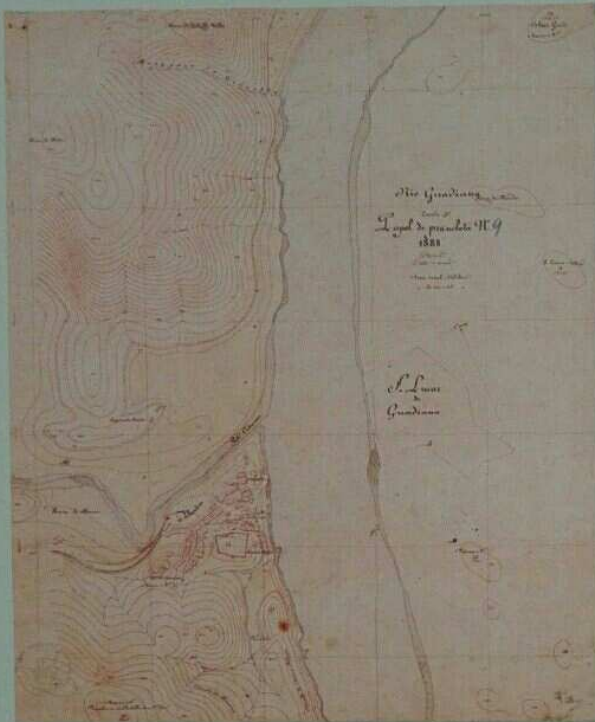
⁹¹ *Idem, ibidem.*

⁹² *Idem, ibidem*, pp. 90-91.

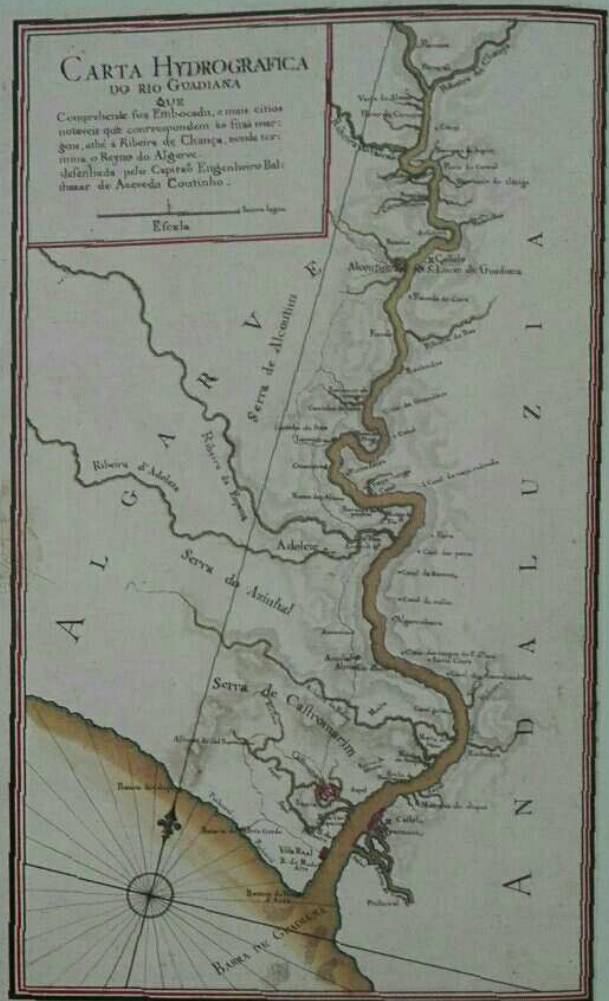
⁹³ MORENO, Humberto Baquero, "O Tratado de Alcoutim (31 de Março de 1371)", *op. cit.*, pp. 26-27.



Autor / Author: Montojo y Salcedo, José; Riudavets y Monjo, José María
 Título / Title: Plano del río Guadiana : desde su desembocadura hasta la ribera de Chanza costa meridional de España.
 Data / Date: 1872
 Colección / Collection: Madrid Sección de Hidrografía
 Acervo / Chatters: Biblioteca Nacional de España



Autor / Author: José Joaquim Xavier de Brito, 1º Tenente da Armada
 Título / Title: Plano Hydrographico da Barra e Porto do Rio Guadiana – Papel de prancheta n.º 9
 Data / Date: 1881
 Dimensões / Dimensions: 54 x 64 cm
 Suporte / Holder: manuscrita, colorida, em papel
 Escala / Scale: 1: 2 500
 Coleção / Collection: Instituto Geográfico Português
 Acervo / Chatters: Instituto Geográfico Português
 Cota / Reference: 9Cp6-9 IGP



Autor / Author: Baltasar de Azevedo Coutinho, Capitão do Real Corpo de Engenheiros
 Título / Title: CARTA HYDROGRAFICA DO RIO GUADIANA que comprehende sua Embocadura, e mais citios notaveis que correspondem às suas margens, athe à Ribeira de Chança, aonde termina o Reyno do Algarve desenhada pelo Capitão Engenheiro Balthazar de Azevedo Coutinho.
 Data / Date: s / data – Ca. 1800
 Dimensões / Dimensions: 49 x 31 cm
 Suporte / Holder: manuscrita, colorida, em papel
 Escala / Scale: Esc. gráfica de uma légua = 61 mm
 Coleção / Collection: Instituto Geográfico Português
 Acervo / Chatters: Instituto Geográfico Português
 Cota / Reference: CA 250 IGP



Título / Title: Barcos de transporte de mercadorias ancorados no porto de Alcoutim
Data / Date: finais da década de 60 do séc.XX
Acervo / Chatters: Associação a Moira



Título / Title: Alcoutim e Sanluçar de Guadiana
Data / Date: finais da década de 60 do séc.XX
Acervo / Chatters: Associação a Moira

As relações entre Alcoutim e Sanlúcar de Guadiana

Relations between Alcoutim and Sanlúcar de Guadiana

O florescimento do comércio que se desenvolvia no porto de Alcoutim fez surgir na margem oposta a povoação de Sanlúcar de Guadiana, por volta de 1420, com habitantes de origem portuguesa.⁹⁴ Pelos anos de 1428, a localidade era designada de *San Lucar de Alcautin*.⁹⁵ A presença do topónimo *Alcautin* reflecte, certamente, uma relação de dependência da recém-criada póvoa castelhana à vila portuguesa.

Ambas as povoações cresceram em simultâneo e sob as mesmas condições: à beira do rio Guadiana e longe dos centros urbanos de maior importância quer do Algarve quer da Andaluzia. Vigiavam-se mutuamente, pois os conflitos entre Portugal e Castela eram constantes, mas existiu sempre uma íntima ligação e cumplicidade entre os habitantes de uma e de outra. A situação de isolamento obrigou a que Alcoutim e Sanlúcar de Guadiana estreitassem as relações e sobrevivessem em entreajuda.

A passagem da Andaluzia para o Algarve podia ser feita por Sanlúcar de Guadiana a Alcoutim ou, também, por Ayamonte a Castro Marim, e em qualquer dos casos teria de ser efectuada por barcos. Não havia qualquer ponte que fizesse a ligação,⁹⁶ a qual entre as primeiras se processou, durante largos anos, através de uma Barca de Passagem. No foral novo que o Rei D. Manuel I outorgou a Alcoutim em 1520, a barca que fazia a ligação pertencia ao senhorio de Alcoutim. A rentabilidade desta barca devia ter alguma importância. O rei fixou no foral os preços dos produtos

The flourishing trade at the harbour of *Alcoutim* led to the foundation of *Sanlúcar de Guadiana* on the opposite river bank, around 1420, settled by inhabitants of portuguese origin.⁹⁴ By 1428, the settlement was called *San Lucar de Alcautin*.⁹⁵ The presence of the toponym *Alcautin* surely reflects a relation of dependence between the recently created spanish settlement and the portuguese town.

Both settlements grew simultaneously and under the same conditions: on the banks of the river *Guadiana* and away from major urban centres, either in the Algarve or in Andalusia. They kept a close watch one upon the other, because conflicts between Portugal and Castile were constant, but there was always a close tie and complicity. The isolation forced *Alcoutim* and *Sanlúcar* to intensify their relations and survive through mutual aid.

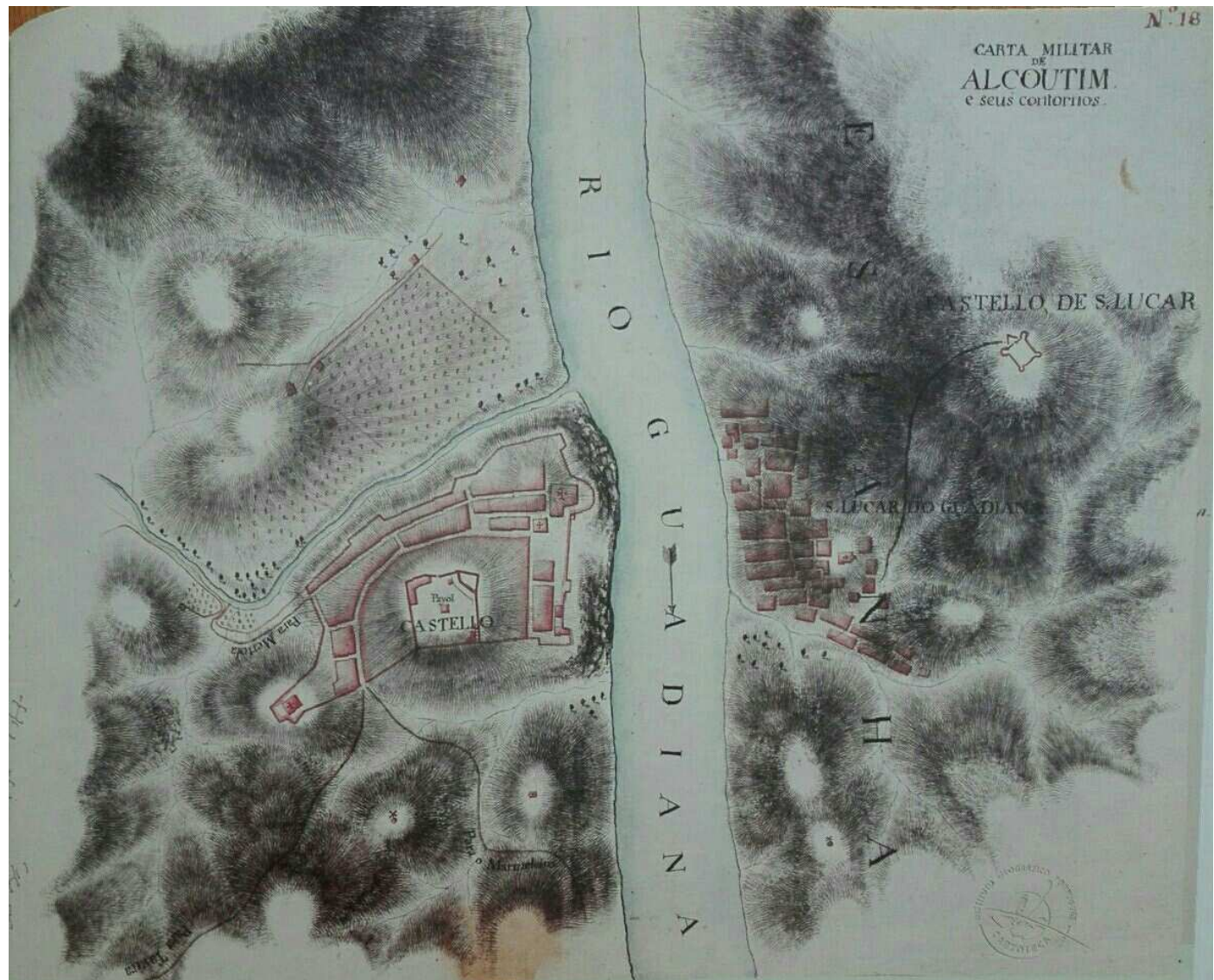
The crossing from Andalusia to the Algarve could only be done through *Sanlúcar de Guadiana* to *Alcoutim* or through *Ayamonte* to *Castro Marim*, and in both cases it would have to be done in a boat. There wasn't any connecting bridge.⁹⁶ The connection was a *Passage Bark* for many years. The bark connecting both banks belonged to the Lord of *Alcoutim*, according to the New Charter that King Dom Manuel I granted *Alcoutim* in 1520. The income from this bark must have considerable. The King fixated the prices of products carried to *Sanlúcar de Guadiana* and other parts of Castile, in the Charter. Those who would embark with an animal would pay half a *real* and foreigners

⁹⁴ CARRIAZO RUBIO, Juan Luis, "La frontera Andaluza del Guadiana durante la Baja Edad Media", *op. cit.*, p. 69.

⁹⁵ Relación de las rentas de Carteya (Huelva) y San Lúcar de Alcautin pertenecientes a Pedro (López) de Zúñiga, (II señor de Béjar), y posteriormente a Álvaro (López de Zúñiga Guzmán, I duque de Plasencia, II duque de Arévalo. OSUNA, C.389, D.26.

⁹⁶ RODRIGUEZ, Pedro, *Noticia Geografica del Reyno, y Caminos de Portugal*, Madrid, En la oficina de Joachim Ibarra, 1762, pp. 194-195.

CARTA MILITAR
DE
ALCOUTIM
e seus contornos.



Autor / Author: Ternay, Marquês de [Carlos Gabriel Hilário d'Arsac]
 Título / Title: Carta militar de Alcoutim e seus contornos
 Data / Date: [1802 - 1804?]
 Dimensões / Dimensions: (?)
 Cor / Color: Colorido
 Acervo / Chertels: Instituto Geográfico Português
 Cota / Reference: CA252 | IGP

que se transportavam para Sanlúcar de Guadiana e outras partes de Castela. Quem embarcasse com uma besta pagava meio real e os de fora pagavam dois reais. Se fossem levadas bestas com mercadorias a taxa era de dois reais para os residentes e de quatro para os forasteiros.⁹⁷

Ainda no século XVI deve ter sido colocada uma outra barca ao serviço dos habitantes de Alcoutim e de Sanlúcar. Em 1591, o Duque de Béjar e o Conde de Benavente comprometeram-se a manter uma barca no rio Guadiana para o transporte de mercadorias e pessoas.⁹⁸

would pay two *reais*. If they took beasts of burden carrying merchandise then the fee would be two *reais* for residents and four for foreigners.⁹⁷

Still in the sixteenth century, another bark was made available to the citizens of *Alcoutim* and *Sanlúcar*. In 1591, the Duke of *Béjar* and the Count of *Benavente* promised to keep a bark available in the river *Guadiana* for carrying goods and people.⁹⁸

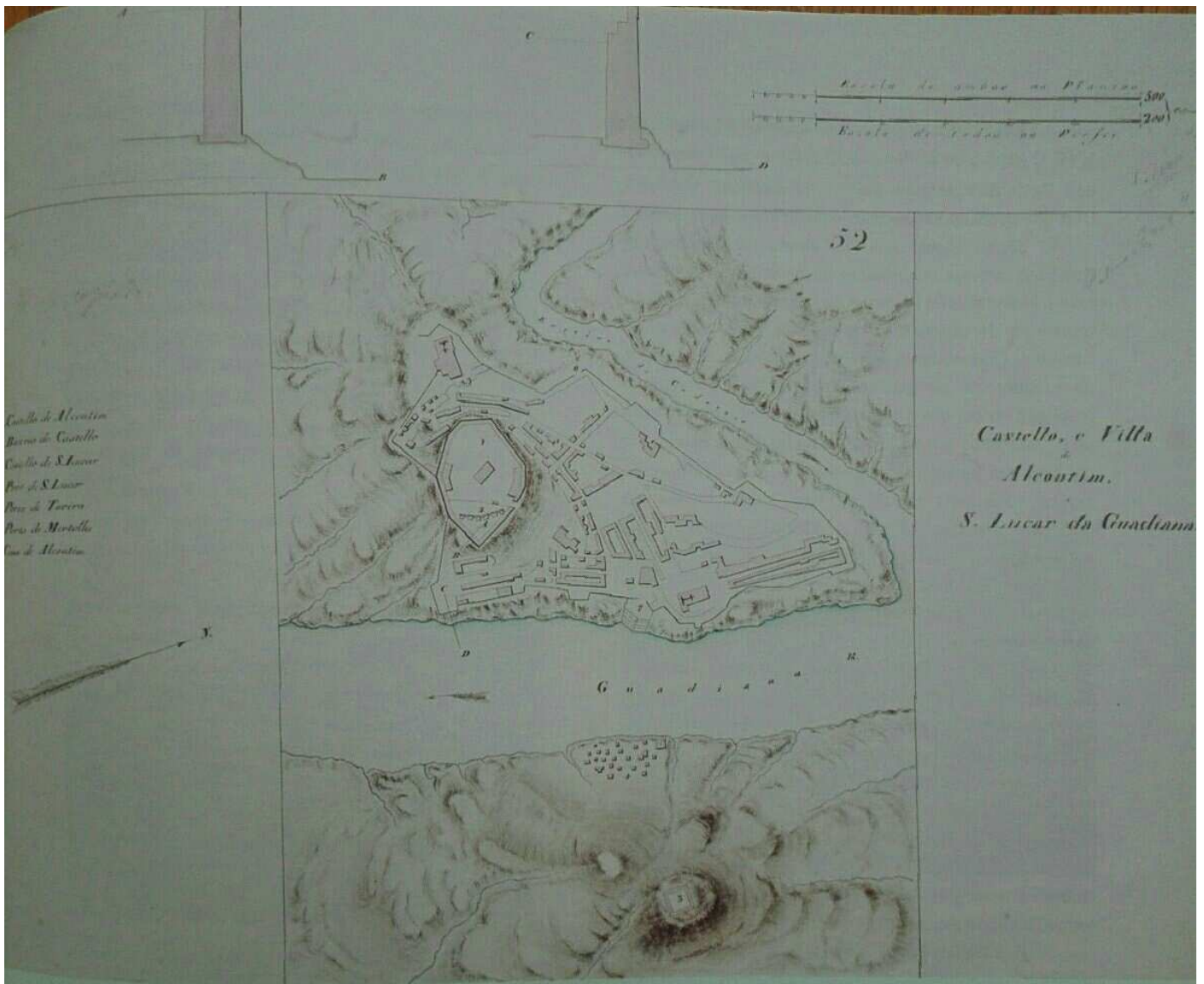
News about the passage bark emerge again in 1749. The parson of *Sanlúcar de Guadiana* mentions there was a single Passage Bark in the river *Guadiana*. The owner was Manuel Esteves Sierra and it generates one thousand and hundred *reais* every year.⁹⁹



Autor / Author: Nany da Costa
Vista de Alcoutim e Sanlúcar de Guadiana

⁹⁷ A.N.T.T., [Livro dos Forais Novos de Entre-Tejo-e-Guadiana.] *Leitura Nova*, liv. 45, Corpo 2, Estante 7, Prateleira 3, fls. 115 e 116.

⁹⁸ ES.41168.SNAHN/1.1.3.14.2.14/OSUNA, C.382, D.27, 1591-08-30 (Gibraleón (Huelva)).



Autor / Author: (?)
 Título / Title: Castello, e Villa de Alcoutim e S. Lucar da Guadiana.
 Data / Date: 1825 (posterior)
 Dimensões / Dimensions: 67 x 43 cm
 Suporte / Holder: Data atribuída com base na marca de água J, Whatman 1825.
 Escala / Scale: 500 e 200 palmos = 110 mm
 Coleção / Collection: Coleção dos mapas das praças, fortalezas, baterias e postos do Rio Guadiana e costas do Algarve
 Cota / Reference: Gabinete de Estudos Arqueológicos e de Engenharia Militar/Direcção de Infra-Estruturas do Exército

Voltamos a ter notícias da barca de passagem em 1749. O pároco de Sanlúcar de Guadiana refere que só há uma Barca de Passagem sobre o rio Guadiana. O dono é Dom Manuel Esteves Sierra e rende por ano mil e cem reais.⁹⁹

Já no século XIX, a Câmara de Sanlúcar de Guadiana informa anualmente da abertura do concurso para o arrendamento da Barca de Passagem, destinada ao transporte de pessoas e mercadorias para o porto de Alcoutim. Quem ficasse com a exploração da Barca tinha de cumprir as obrigações do contrato.¹⁰⁰ Convém, a propósito, referir que a feira de Alcoutim foi instituída pelo rei D. João VI no ano de 1822. Há muito que os habitantes de Alcoutim pediam ao monarca a autorização para se realizar uma feira franca na Vila, sugerindo que se realizasse nos dias 13, 14, e 15 de Setembro. O rei respondeu afirmativamente: "*Faço saber que os Moradores da Vila de Alcoutim, e seu termo, me suplicaram a graça de lhes conceder licença para estabelecerem um mercado público e franco em os dias 13, 14 e 15 do mês de Setembro, a fim dos povos vizinhos ali venderem e comprarem os géneros e efeitos*".¹⁰¹ A esta feira concorria toda a população do concelho de Alcoutim e também as gentes de Sanlúcar de Guadiana.

Nos primeiros dias da Guerra Civil Espanhola, em 1936, foi suspenso o trânsito aduaneiro entre Sanlúcar de Guadiana e Alcoutim.¹⁰² Para se ir de Alcoutim a Sanlúcar de Guadiana, ou vice-versa, era necessário atravessar o rio Guadiana entre Vila Real de Santo António e Ayamonte, tomando depois o caminho para norte.¹⁰³

A interrupção do tráfego fluvial entre as duas

In the nineteenth century, the Town Hall of Sanlúcar de Guadiana annually posted the concession of the Passage Bark for the transportation of people and goods to the harbour of Alcoutim. Those who gained the Bark's concession would have to fulfil the stipulations of the contract.¹⁰⁰ On this note, notice that the Alcoutim's Trade Fair was established by King Dom João VI in 1822. For some time, the citizens of Alcoutim had requested the monarch for permission to organize a tax-exempt trade fair in town on the 13th, 14th and 15th of September. The king complied: "*I hereby inform you that the Citizens of the town of Alcoutim and its land have requested the permission to organize a public trade fair on September 13th, 14th and 15th, so that the neighbours could come, and sell and buy goods.*"¹⁰¹ The whole population in the council of Alcoutim and also the people of Sanlúcar de Guadiana would attend this fair.

At the beginning of the Spanish Civil War in 1936, the traffic through customs between Sanlúcar de Guadiana and Alcoutim¹⁰² was suspended. In order to reach Sanlúcar de Guadiana from Alcoutim, and vice-versa, it was necessary to cross the river Guadiana between Vila Real de Santo António and Ayamonte, and then head north.¹⁰³

The interruption of river traffic between both towns was a serious blow to its citizens, thenceforward unable to carry on the intense trade they had always done. Under these difficult circumstances, smuggling was the only solution.

Between 1963 and 1973, the municipalities of

⁹⁹ AGS. Cadastro de Ensenada, Respuestas Generales, Livro 563, fis. 341, 342.

¹⁰⁰ Legajo 95, Expediente de Subasta de la Barca de pasaje desde el puerto de esta villa al frontero de la de Alcoutin, Sanlúcar do Guadiana, Año Económico de 1882-1883.

¹⁰¹ A.N.T.T. Chancelarias Reais Chancelaria de D. João VI livro 37, fis 170-170 v^o, in MESQUITA, José Carlos Vilhena Mesquita, "A Feira de Alcoutim em 1822", in algarvehistoriacultura.blogspot.com, 2009.

¹⁰² Legajo 94, Petición de vários Alcaldes para la apertura de la aduana con Portugal, 1963-1973, Ayuntamiento de São Lucar de Guadiana (Huelva).

¹⁰³ O Castelo de Alcoutim precisa de ser reparado, Governo Civil do Distrito de Faro, 1961. in www.monumentos.pt.

localidades constituiu um rude golpe para os habitantes das margens do Guadiana, doravante privados de prosseguir o intenso comércio que sempre haviam praticado. Perante estas difíceis circunstâncias, o contrabando passou a ser a única solução.

Durante os anos de 1963 e 1973, os Municipios de Sanlucar de Guadiana e de Alcoutim enviaram repetidas petições aos respectivos Governos para que se abrisse novamente o trânsito fluvial entre as duas localidades, invocando para o efeito que esse trânsito "*desde há muito tempo estava estabelecido, principalmente para o intercâmbio de produtos das respectivas comarcas do Guadiana*".¹⁰⁴

Sanlucar and Alcoutim sent multiple petitions to their respective Governments asking for the reopening of river traffic between both localities, invoking that the river traffic "*had been established long before, mostly for the exchange of goods from those Guadiana's counties*".¹⁰⁴



Título / Title: Festas de Alcoutim – Arraial
Data / Date: 14 de Setembro de 1961
Acervo / Chatters: Associação a Moira



Título / Title: Festas de Alcoutim – Batalha das flores
Data / Date: 14 de Setembro de 1961
Acervo / Chatters: Associação a Moira

¹⁰⁴ Legajo 94. *Petición de vários Alcaldes para la apertura de la aduana con Portugal, 1963-1973.* Ayuntamiento de São Lúcar de Guadiana (Huelva).

O contrabando

Smuggling

"(...) a fronteira é uma delimitação militar e aduaneira (...) a delimitação de jurisdições, de cobrança de rendas, de vigiância de transacções comerciais, de pagamentos de direitos alfandegários".¹⁰⁵

Onde há fronteira, há contrabando. Inseparável do comércio lícito e desenvolvendo-se paralelamente a este, o contrabando, embora ilícito, não deixa de ser comércio. Praticou-se intensamente, e praticava-se até há bem pouco tempo, entre as terras da fronteira luso-espanhola que partilhavam da mesma realidade político-geográfica e das mesmas necessidades.¹⁰⁶

Desde que se demarcaram os limites fronteiriços entre Portugal e Espanha que houve a preocupação, por parte das autoridades, de controlar os produtos que circulavam.¹⁰⁷ Os "Alcaides das sacas", que são os primeiros funcionários fiscais do rei,¹⁰⁸ e a criação de alfândegas¹⁰⁹ surgiram para esse efeito. No século XVI, em Alcoutim, tal como em Castro Marim e Santo António de Arenilha, os castelhanos passavam ilegalmente os escravos africanos que chegavam ao Algarve para depois serem vendidos em Espanha.¹¹⁰ A passagem de gado para Castela também se fazia por Alcoutim.¹¹¹ Outras mercadorias como tabaco, açúcar, sal e têxteis eram igualmente muito transaccionados.¹¹²

Nos finais do século XIX, a criação de postos da Guarda-fiscal permitiu um maior controlo nas zonas de fronteira e também nas rotas da mercadoria contra-

"[...] the border is a military and customs boundary (...) setting limits to jurisdiction, collection of rents, supervision of commercial transactions, payment of customs dues".¹⁰⁵

Where there is a border, there is smuggling. It is inseparable from lawful trade and takes place side by side with the latter. Though unlawful, contraband is still trade. It was once very intense trade. It has been carried out until very recently amongst the people on the luso-spanish border, for these shared the same politico-geographical reality and the same needs.¹⁰⁶

Ever since the borders between Portugal and Spain were defined, the authorities have been concerned about controlling the merchandise in circulation.¹⁰⁷ The "Alcaides das sacas" - the first King's Customs Officers¹⁰⁸ - and the Customs,¹⁰⁹ were created to this effect. In the sixteenth century, at Alcoutim as well as Castro Marim and Santo António de Arenilha, Castilians smuggled slaves, arrived in the Algarve coming from Africa, and later sold in Spain.¹¹⁰ The traffic of cattle also took place at Alcoutim.¹¹¹ Other goods such as tobacco, sugar, salt and textiles were also trafficked.¹¹²

In the late nineteenth century, the creation of Customs Offices introduced a control to the borderland and to the routes of smuggling. Faced with this system the smugglers sought other solutions and became more organized. Gangs of smugglers were formed. The emergence of gangs of smugglers, however, led to tighter surveillance, increase of manpower and the creation of

¹⁰⁵ MAGALHÃES, Joaquim Romero, "O enquadramento do espaço nacional" in JOSÉ MATTOSO (dir.), *História de Portugal. No Alvorecer da Modernidade*, Lisboa, Editorial Estampa, 1997, p. 28.

¹⁰⁶ MEDINA GARCÍA, Eusebio, *Contrabando en la Frontera de Portugal: orígenes, estructuras, conflicto y cambio social*, Madrid, Universidad Complutense de Madrid, Facultad de Ciencias Políticas y Sociología, 2001, p. 82.

¹⁰⁷ MELÓN JIMÉNEZ, Miguel Ángel, "Contrabando y negocios en el límite de dos imperios. La frontera de España e Portugal en la Edad Moderna", in *Andalucía en La Historia: Andalucía y Portugal, una historia compartida*, Año VIII, Nº 27, Enero-Marzo, 2010, p. 12.

¹⁰⁸ *Idem, ibidem*, p. 79.

¹⁰⁹ CAVACO, Hugo, *Castro Marim Quinhentista*, op. cit., pp. 22, 24.

¹¹⁰ MAGALHÃES, Joaquim Romero, *O Algarve Económico: 1660-1773*, Lisboa, Editorial Estampa, 1993, p. 198.

¹¹¹ *Dois Descrições do Algarve do Século XVI: Frei João de S. José, Corografia do Reino do Algarve (1577); Henrique Fernandes Sarrão, História do Reino do Algarve (circa 1600)*: apresentação, leituras, notas e glossário de Manuel Viegas Guerreiro e Joaquim Romero Magalhães, Lisboa, Livraria Sá da Costa Editora, 1983.

¹¹² MELÓN JIMÉNEZ, Miguel Ángel, *Contrabando y negocios en el límite de dos imperios...* op. cit., p. 15.

-bandeada. Perante este sistema, os contrabandistas procuraram outras soluções e o contrabando tornou-se mais organizado. Formam-se então as quadrilhas de contrabandistas. Por outro lado, a existência de quadrilhas fez com que se reforçasse ainda mais o dispositivo de vigilância, com o aumento de contingentes de guardas e a implantação de mais postos fiscais.¹¹³ Entre Mértola e Vila Real de Santo António chegaram a existir 26 postos da Guarda-fiscal.¹¹⁴ Mais de metade desses postos estava implantada no concelho de Alcoutim, nos sítios de Abrigo Segundo, Alcaçarinho, Barranco do Álamo, Barranco do Carrascal, Barranco das Pereiras, Canavial, Enxoval, Foz de Odeleite, Grandacinha, Guerreiros, Laranjeiras, Lourinhã, Pontal, Mesquita e Vascão.¹¹⁵ Do lado espanhol também existiam postos para controlar o comércio ilícito. Os guardas desses postos eram os "carabineros", nome que tem origem na arma que utilizavam, a carabina.



Título / Title: Antiga guarita onde se recolhia o Guarda-fiscal
 Data / Date: finais da década de 60 do séc. XX
 Acervo / Chave: Câmara Municipal de Alcoutim

more Customs Offices.¹¹³ Between Mértola and Vila Real de Santo António, there were once twenty six Customs Offices.¹¹⁴ Alcoutim housed more than half of those posts: Abrigo Segundo, Alcaçarinho, Barranco do Álamo, Barranco do Carrascal, Barranco das Pereiras, Canavial, Enxoval, Foz de Odeleite, Grandacinha, Guerreiros, Laranjeiras, Lourinhã, Pontal, Mesquita and Vascão.¹¹⁵ On the spanish side there were also posts to control unlawful trade. The guards at these posts were called "Carabineros", name that originates in the weapon they carried: the rifle.

¹¹³ *idem, ibidem*, p. 87.

¹¹⁴ SIMÃO, José Manuel, *A nordeste de todas as histórias*, Alcoutim, ed. Câmara Municipal de Alcoutim, 1999, p. 22.

¹¹⁵ *idem, ibidem*, p. 105.

¹¹¹ Two Descriptions of the Algarve in the 16th century: Fr. João de S. José, *Chronography of the Kingdom of the Algarve 1577* (*Cartografia do Reino do Algarve*); Simão, Henrique Fernandes, *History of the Kingdom of the Algarve (c. 1600)* (*História do Reino do Algarve*), presentation, commentary, notes and glossary by Manuel Viegas Guerreiro and Joaquim Ramiro Magalhães, Lisbon, Livraria 54 da Costa Editora, 1983.

O contrabandista

Em Alcoutim a prática de contrabando foi, para muitas famílias, um modo de sobrevivência. O contrabando era feito quer por homens quer por mulheres. Começavam a actividade por volta dos vinte anos. Contrabandeavam para superar as carências económicas, sustentar a família, construir uma casa. Ouçamos o depoimento de um contrabandista: *"Eu comecei a andar com isso tinha vinte e dois ou vinte e três anos, andei aí até aos trinta e tal. Casei-me com 28 anos e ainda andava com isso. E logo que vi que a vida andava num caminho que durava pouco deixei e comecei com a vida da agricultura. [...] Ainda arranjei dinheiro para fazer umas casas com primeiro andar, com quatro compartimentos"*.¹¹⁶ "Isso", evidentemente, era o contrabando.

Todavia, contrabandista era ofício muito perigoso. Arriscava-se constantemente a prisão e até a vida: *"Fui apanhado pela Guarda-fiscal. Fui para a cadeia. Estive na cadeia de Vila Real [de Santo António] doze dias. [...] Fui apanhado por emigrantes, de os ter atravessado. Fui a responder a Mértola. Disse que os tinha ido passar ao Porto Seco"*.¹¹⁷

O contrabando era sobretudo feito durante a noite. Luz, só a da lua. Depois do sol-posto era mais fácil escapar à vigilância da Guarda-fiscal e dos Carabineros. Podia ainda durar mais que um dia: *"Só iam para além e vinham de noite. [...] De dia não podia ser. A Guarda-fiscal*

In *Alcoutim*, smuggling was for many families a way of survival. Smuggling was carried out by both men and women. They would begin at around twenty. They would smuggle to minimize the financial needs, to sustain their families and build a house. This is the statement of a smuggler: *"I began at around twenty two or twenty three and carried on until I was thirty something. I married at 28 and was still doing it. I noticed this path would not last long and I turned to farming [...] I still managed to get some money to build some houses with first floor and four divisions"*.¹¹⁶ "It" was smuggling, of course.

Smuggling, however, was a very dangerous activity. One would risk going to jail and one's life: *"I was caught by the Customs Officers and went to jail. I was at the Jail of Vila Real [de Santo António] twelve days [...] I was caught because of emigrants. I went to Mértola to answer the Judge. I said I had taken them to make the crossing at Porto Seco"*.¹¹⁷

They would usually smuggle at night. Under the moonlight. After sunset it was easier to escape the portuguese Customs Officers and the spanish Carabineros. It could last more than a day: *"They would leave and return at night. [...] Daytime would not do. The Customs Officers were always alert. It was difficult"*.¹¹⁸ *"At night, after sunset. Under darkness we would go. We would launch the boat. Here we go"*.¹¹⁹

As soon as the guards came upon a smuggler, he would be forced to abandon his goods so he could escape.

¹¹⁶ Depoimento do Sr. Gilberto Francisco, recolhido em Agosto de 2009.

¹¹⁷ Idem.

¹¹⁸ Testimony of Mr. Gilberto Francisco, taken in August of 2009.

andava sempre alerta. Era difícil¹¹⁸ "À noite, depois do sol se pôr. Quando começasse o escuro lá íamos a gente. Deixávamos o barco à água. Aí vão eles"¹¹⁹.

Assim que os guardas detectavam o contrabandista este era obrigado a abandonar a carga para poder fugir. O carregamento não compensava morrer: "Às vezes viam-nos os carabineros, vá de tiros. Se não largássemos as cargas matavam-nos. Tínhamos que largar, para eles ficarem contentes e não nos fazerem mal. Começavam logo a gritar assim: Larga, ladrão! Larga, ladrão! E nós fugíamos. Mas a gente não podíamos fugir carregados. Deixávamos aquilo e fugíamos. A gente, o que queríamos, era defender, para não nos levarem para a cadeia"¹²⁰. Outros contrabandistas foram baleados até à morte: "Mataram muitos rapazes nessa altura que eu andava aí com o contrabando. Mataram um ali mesmo em frente da minha povoação, no lado da Espanha"¹²¹.

Atravessar o rio Guadiana com a carga também representava um grande risco, principalmente no Inverno. As águas eram frias e as correntes fortes: "Aquilo era em Fevereiro [...] andei aí uns seis quilómetros rio abaixo, sem saber por onde andava"¹²².

Quando o contrabandista tinha que fazer o transporte pelo rio preparava primeiro um saco em que colocava as mercadorias. O saco era oleado e depois posto a secar. Oleava-se para que ficasse impermeável, à semelhança de uma bóia. Dentro desse saco cabiam por volta de cem quilos. Fechava-se com uma corda que também servia para puxar: "Chegámos ao rio, metemos a

The goods were not worth dying for: "Sometimes the Carabineros would see us, and would shoot at us. If we did not let the goods go, they would kill us. We had to drop it so they would be satisfied and not harm us. They would shout: Drop it, thief! Drop it, thief! And we would run. We wanted to save ourselves, and not go to jail"¹²⁰. Other smugglers were shot to death: "They killed many boys in those days when I was smuggling. They killed one in front of the town, on the Spanish side"¹²¹.

Crossing the river Guadiana with the goods was also a great risk, especially in winter. The water was cold and the current was strong: "It was February [...] I went downriver for six kilometres and was lost"¹²².

When the smuggler had to make a river crossing, he would first prepare a sack with the goods. The sack was covered with oil and then dried. The oil was meant to make it waterproof, like a buoy. The sack would take around one hundred kilograms. It would be closed with a rope, also for pulling: "We would reach the river, put wool into the sacks, two large oiled sacks, this side up and would tie the baskets. It was like a boat, a large volume. We would launch it [...] It was a sack as high as a man. Inside we would carry, up to one hundred, or more kilos. We were two or three. We would tie a rope to the sack, over the top, in case it would leak, we would pull the rope and swim"¹²³. One route for the illegal goods was in an area north of Mértola, at which the river could be crossed: "At Mértola was the best place to make the crossing. Upriver from Mértola"¹²⁴.

Once in Spain, they would walk for several kilometres with the load on their backs until they met the

118. *idem.*

119. *idem.*

120. *idem.*

121. *idem.*

122. *idem.*

lã nos oleados, dois oleados grandes, e pusemos assim para cima e amarrámos os cestos. Era como um barco, assim um volume grande. Deitámos à água. [...] Era um saco assim da nossa altura. Metíamos ali dentro daquele saco, até cem, cento e tal quilos. Íamos dois ou três. A gente amarrava uma corda à boca do saco, passava por cima, para a ocasião de entrar água, íamos puxando pela corda e banhando"¹²³ Outro caminho para passar a mercadoria ilícita era numa zona acima de Mértola, na qual o rio já era vadeável: "Em Mértola era o melhor sítio para passar. De Mértola para cima"¹²⁴

Uma vez em Espanha, percorriam largos quilómetros a pé, com a carga pesada às costas, até chegarem ao receptor que lhes comprava os produtos: "A gente chegava além, se não encontrássemos ninguém apanhávamos a carga e íamos. Íamos por onde tivéssemos que ir levar. Metíamo-nos a andar pela Espanha a fora até chegar à povoação onde estava o senhor que nos ficava com as cargas"¹²⁵

De Portugal passavam-se os produtos que escasseavam em Espanha, principalmente géneros alimentares: "Levávamos café, levávamos açúcar, levávamos farinha. Havia além muita 'hambre' no tempo da guerra [...] não tinham nada que comer e a gente levávamos essas coisas. Levávamos tabaco e vinho. Essas coisas de comida levávamos aquilo que podíamos arranjar. Sabão, também levava. Muitas caixas de sabão para as senhoras lavarem. Não havia além"¹²⁶ E no regresso, de Espanha para cá, traziam lã, bombazina e amêndoa:

receiver who would buy their goods: "We would get there, and if we did not find anyone, we would lift it and leave. We would go wherever we had to take it. We would wander throughout Spain until we found the settlement where he received our goods"¹²⁵

From Portugal, they would smuggle the products that were hard to come by in Spain, mostly basic need products: "We would bring coffee, sugar, flour. There was much 'hambre' during the war [...] they did not have anything to eat and we would take those things. We would bring tobacco and wine. We would bring the food we managed to find. Soap too. Many boxes of soap for the ladies. They didn't have any"¹²⁶ On their return from Spain, they would bring wool, cotton twill and almonds: "We would bring almond kernels, there wasn't anything else. The almonds, during the war, had a market [...] I still brought a few sacks of canvas and cotton twill"¹²⁷

The Spanish also smuggled. They came to this bank to obtain supplies: "They would come to buy a few things to eat. They would take a small load and leave. Instead of keeping it, they would sell it to make a profit"¹²⁸

Relations with Customs Officers could prove profitable for smugglers. Some episodes collected in the interviews show that both Customs Officer and Carabinero would feel seduced by the profit smuggling would generate. They would make some extra money at the smuggler's expense: "They earned some straight away. There was a time when they would also demand money"¹²⁹

They would demand money to look the other way and signal the free paths: "We would pay each one, who

¹²³ Idem.

¹²⁴ Sr. Francisco Lourenço

¹²⁵ Idem.

¹²⁶ Idem.

"Trazíamos miolo de amêndoa, que não havia mais nada para trazer. Além a amêndoa, na guerra, ainda tinha saída [...] ainda trouxe uns fardos de lona, bombazina"¹²⁷

Espanhóis também contrabandeavam. Vinham à margem de cá abastecer-se: "Eles vinham cá comprar qualquer coisa para levar para comer. Faziam também contrabando. Pegavam numa carguinha e iam. Em vez de ficar para eles iam vender aos outros também para ganharem"¹²⁸.

As relações com os agentes fiscais podiam ser lucrativas para os contrabandistas. Alguns relatos recolhidos nas entrevistas demonstram que quer o guarda-fiscal quer o carabineiro se deixavam aliciar pelos lucros que o contrabando originava. À conta do contrabandista também ganhavam algum dinheiro extra: "eles começaram logo a receber também. Houve uma altura que eles também já quiseram dinheiro"¹²⁹.

Cobravam dinheiro para fecharem os olhos e sinalizarem os caminhos de passagem franca: "A gente pagava a um, que nos dizia: Vai por aqui! Vai por ali! Dizia-nos por onde é que a gente devia ir. Ele punha um sinal por onde é que a gente havia de passar. Se a patrulha dos carabineiros ia para cima, ele punha-nos o sinal para baixo"¹³⁰. Depois de passada a carga pagavam-se as informações que o agente dera. Um quilo, uma peseta: "A gente pagava uma peseta por cada quilo que levávamos. Levávamos cem quilos, dávamos-lhe cem pesetas. Ele ganhou muito dinheiro. Ganhou muito dinheiro. À conta da nossa vida. Ainda dei também muito dinheiro a guardas-fiscais. Muitos

would tell us: Go through here! Go there! He would tell us where we should go. He placed a signal where we should pass. If the patrol of Carabineros went up, he would place a signal to go down"¹³⁰ Once the goods had crossed, they would pay the information that the officer had given them. One kilo, one peseta. "We would pay one peseta for each kilo carried. We took one hundred kilos, we would pay one hundred pesetas. He made a great deal of money. At our expense, I still paid a great deal of money to officers. Many received from my cut, others also paid, about one thousand escudos. I would carry, for example, two hundred or three hundred kilos, and would pay him one thousand escudos"¹³¹.

The Carabineros were known for wearing a very poor uniform. According to the account of an old Customs Officer in Alcoutim: "The Carabineros wore sandals; their trousers were mended. Unlike me. Sandals with rope sole. It was cloth and rope"¹³² But with the money they earned from smugglers they could afford certain luxuries: "One was called Pepe and another Ricardo [...] after two years both smoked cigars"¹³³.

¹²⁷ Idem.

¹²⁸ Idem.

¹²⁹ Idem.

¹³⁰ Idem.

¹³² Mr. Mário Baptista, former Customs Officer.

ganharam ali, à minha parte, e outros davam também, aí mil escudos. Levava, por exemplo, duzentos ou trezentos quilos, dava-lhe mil escudos".¹³¹

Os carabineros eram conhecidos por usarem uma farda muito pobre. Segundo a informação de um antigo guarda-fiscal de Alcoutim: "*Os carabineros andavam de alparcatas; andavam com as calças remendadas. Não eram como eu. Alpercatas era com sola de corda. Era pano e corda*".¹³² Mas com o dinheiro que ganhavam à custa dos contrabandistas permitiam-se certos luxos: "*Um era Pepe e outro era Ricardo [...] passar de dois anos já os dois fumavam charutos*".¹³³

¹³¹ Sr. Gilberto Francisco.

¹³² Sr. Mário Baptista, antigo Guarda-fiscal.

¹³³ Idem.

As cheias do Guadiana

The Floods of the Guadiana

A primeira grande cheia de que temos notícia aconteceu no Inverno de 1823. Esta cheia do Guadiana causou grandes estragos na vila andaluzá Sanlúcar de Guadiana. Destruiu por volta de setenta casas que se localizavam mais próximas das margens, obrigando os moradores a refugiarem-se na fortaleza de São Marcos.¹³⁴

Para Alcoutim, apenas temos descrições da subida do rio Guadiana no ano de 1876. As inundações na vila de Alcoutim foram noticiadas nos jornais da região, como a "Gazeta do Algarve". Informam que se tratou da maior cheia de que há memória. Que foi uma autêntica catástrofe. No inverno desse ano, entre os dias 31 de Janeiro e 4 de Fevereiro, o rio Guadiana atingiu um nível nunca visto. Subiu até meio da Vila destruindo a Casa da Câmara e Cadeia e o Pelourinho, bem como alguns troços da cerca seiscentista. Cobriu com lamas os terrenos cultivados, destruindo todas as sementeiras. A carta de pedido de auxílio ao rei D. Luís I, pelo então Presidente da Câmara de Alcoutim, dá conta da catástrofe. Refere o edil que o nível da água continua bastante alto há já alguns dias: "*Principiando no dia trinta e um do mês passado, no dia dez do corrente ainda se não viu de todo extinta, a cheia está tão enorme que de outra igual não há memória*". Alguns habitantes escaparam do perigo por se terem refugiado na colina sobranceira: "*pelos altos desta Vila aonde os habitantes apinhados se conservam*".¹³⁵ Muitas famílias ficaram desalojadas e perderam todos os seus

The first great flood on record took place in the winter of 1823. This flood of the *Guadiana* caused great damage to the town of *Sanlúcar de Guadiana*. It destroyed about seventy houses that stood closer to the river bank, forcing the dwellers to take refuge in the Fortress of São Marcos.¹³⁴

Regarding *Alcoutim*, we only find records of the rising level of the *Guadiana* in 1876. The floods at the town of *Alcoutim* were mentioned in the region's newspapers, such as the "Gazette of the Algarve". They inform us that it was the largest flood on record. It was a genuine catastrophe. In the winter of that year, between January 31st and February 4th, the river *Guadiana* reached a level never seen before. It rose to the centre of the town, destroyed the Town Hall and Jail, and the Pillory, as well as a few sections of the sixteen hundreds' curtain walls. It covered cultivated fields with mud, destroying all sowed fields. The letter requesting aid from King Dom Luís I, sent by the Mayor of *Alcoutim*, reports the catastrophe. He reports that the water level was still high after a few days: "*It began on the 31st of last month, and on the 10th of the current month it still has not subsided, the flood is so high that there isn't another on record*". Some inhabitants avoided the danger because they took refuge on the hill: "*the inhabitants are perched on the hills of this town*".¹³⁵ Many families became homeless and lost all their belongings.

The floods of the river *Guadiana* led to the

¹³⁴ Diccionario Geográfico-Estadístico de España y Portugal, dedicado Al Rey Nuestro Señor, por el Doctor Don Sebastian de Miñano, individuo de la Real Academia de la Historia, y de la Sociedad Geográfica de Paris, Tomo III, Madrid, Imprenta de Pierrot-Peralta, Plazuela del Cordón, 1827, p. 9.

¹³⁵ MESQUITA, José Carlos Vilhena, "A derrocada do Pelourinho e da Câmara de Alcoutim nas cheias do Guadiana em 1823" in *Estudos de História do Algarve*, Faro, Ed. Associação de Jornalistas e Escritores do Algarve, 2002, p. 104.

haveres.

As cheias do rio Guadiana colocaram à mostra importantes ruínas romanas, como a *villa* do Montinho das Laranjeiras e a barragem do Álamo. Estas ruínas foram posteriormente escavadas pelo arqueólogo Estácio da Veiga.¹³⁶



Título / Title: Registo de finais dos anos 60 do Séc. XX das cheias do Guadiana.
Data / Date: finais da década de 60 do séc.XX
Acervo / Chatters: Câmara Municipal de Alcoutim

emergence of important *roman* ruins, such as the *villa* Montinho das Laranjeiras and the Álamo Dam. These ruins were later excavated by the archaeologist Estácio da Veiga.¹³⁶



Título / Title: As cheias na Ribeira de Cadavais.
Data / Date: finais da década de 60 do séc.XX
Acervo / Chatters: Câmara Municipal de Alcoutim

¹³⁶ CARDOSO, João Luís, GRADIM, Alexandra, "Estácio da Veiga e o reconhecimento Arqueológico do Algarve: o concelho de Alcoutim" in *Separata de O Arqueólogo Português*, série IV, Vol. 22, Lisboa, Ed. Câmara Municipal de Alcoutim, 2004, p. 70.

Cronologia Histórica de Alcoutim / Historical Chronology of Alcoutim

1240

Alcoutim integra o extenso termo de Cacela cujos limites se estendem até à Ribeira do Vascão, que faz a separação com o termo de Mértola.

1267

Assinatura do Tratado de Badajoz, pelo qual o Algarve fica a pertencer ao Reino de Portugal.

1272

Ano em que o rei D. Afonso III deixa na posse da Ordem de Santiago alguns imóveis e padroados de todas as igrejas que pertenciam ou se construísem no termo de Cacela, ao qual pertencia o território de Alcoutim.

1297

Assinatura do Tratado de Alcanices, no qual se definiram as fronteiras entre Portugal e Castela.

1302

O rei D. Dinis doa à Ordem de Santiago o padroado de todas as igrejas que se irão construir em Alcoutim e seu termo, ordenando também que se mande povoar o sítio de Alcoutim.

1303 (10 de Outubro)

O rei D. Dinis atribui privilégios aos que fossem morar em Alcoutim.

1304 (9 de Janeiro)

D. Dinis outorga à povoação de Alcoutim a carta de foral, que seguia os usos e costumes da cidade de Évora. Alcoutim é doravante um Concelho dotado de autonomia municipal.

1304 (21 de Janeiro)

Prosseguindo as medidas de incentivo ao povoamento, D. Dinis ordena que não se penhorassem os bens (cavalos, bestas, armas, roupas, bois de arado e pão de semente) aos que fossem morar continuamente para a povoação de Alcoutim.

1240

Alcoutim was part of the vast Estate of *Cacela* whose boundaries reached the brook *Vascão*, separating it from the Estate of *Mértola*.

1267

Treaty of *Badajoz* was signed, according to which the Algarve belongs to the Kingdom of Portugal.

1272

King Dom Afonso III bequeathed to the Order of Santiago, a few buildings and the patronage of all present and future churches within the Estate of *Cacela*, which included the territory of *Alcoutim*.

1297

Treaty of *Alcanices* according to which the borders between Portugal and Castile were defined.

1302

King Dom Dinis donated to the Order of Santiago the patronage of all future churches in *Alcoutim* and its estate, also ordering the settlement on the site of *Alcoutim*.

1303 (October 10th)

King Dom Dinis granted privileges to those who would settle in *Alcoutim*.

1304 (January 9th)

Dom Dinis granted a Town Charter to the settlement of *Alcoutim*, replicating the uses and customs of the city of *Évora*. *Alcoutim* was thenceforward a Council provided with municipal autonomy.

1304 (January 21st)

Proceeding with the measures to promote the settlement of people, Dom Dinis ordered that the property of those who settled permanently at the settlement of *Alcoutim* should not be apprehended (horses, cattle, beasts of burden, weapons, clothes, plow oxen and seed bread).

1307 (6 de Abril)

D. Dinis compra uns terrenos agrícolas que alguns moradores de Castro Marim tinham em Alcoutim. Este rei refere que os comprou "*pera A Pobra d Alcoutym*". [para a póvoa de Alcoutim]

1307 (15 de Agosto)

D. Dinis faz mercê aos moradores da póvoa de Alcoutim, que aí morassem continuamente, de não serem demandados por dívidas, senão perante os juizes da dita póvoa.

1315

Data da primeira referência à Igreja de Santa Maria de Alcoutim (depois Igreja de Nossa Senhora da Conceição).

1320-21

A Igreja de Santa Maria de Alcoutim estava taxada com 250 libras, juntamente com a Igreja de São Tiago de Castro Marim e a Igreja de Santa Maria de Cacela, todas da Ordem de Santiago

1325

D. Afonso IV faz a confirmação do Concelho de Alcoutim.

1338

A hoste do rei Afonso XI, de Leão e Castela, passa o Guadiana em Alcoutim, através de uma ponte de galés improvisada *ad hoc*. Daqui foram os castelhanos montar cerco a Castro Marim e depois saquearam Tavira, Faro e Loulé.

1357

D. Pedro I confirma ao concelho e homens bons de Alcoutim as graças, mercês, foros, privilégios e liberdades, concedidos pelos reis anteriores.

1367

D. Fernando faz nova confirmação do Concelho de Alcoutim.

1307 (April 6th)

Dom Dinis acquired a few farming plots at *Alcoutim* that belonged to citizens from *Castro Marim*. The King claimed he bought them "*for poor Alcoutim*" [for the town of *Alcoutim*].

1307 (August 15th)

Dom Dinis promised the inhabitants of *Alcoutim* who acquiesced to live there permanently, that they should not to be burdened with taxes/rents except from the judges of the aforementioned settlement.

1315

Date of first reference to the Church of Saint Mary of *Alcoutim* (later named Church of Our Lady of Conception).

1320-21

The Church of Saint Mary of *Alcoutim* was taxed at 250 pounds, together with the Church of Saint James of *Castro Marim* and the Church of Saint Mary of Cacela, all belonging to the Order of Santiago.

1325

Dom Afonso IV confirmed *Alcoutim* as Council.

1338

The troops of King Alfonso XI, of Leon and Castile crossed the *Guadiana* at *Alcoutim*, over an improvised bridge of galleys. The Castilians left to lay siege to *Castro Marim* and then sacked *Tavira*, *Faro* and *Loulé*.

1357

Dom Pedro I confirmed the graces, favours, charters, privileges and liberties, granted by previous kings to the Council and citizens of *Alcoutim*.

1367

Dom Fernando confirmed again the status of Council of *Alcoutim*.

1371 (31 de Março)

Tratado de Alcoutim, também referido como as Pazes de Alcoutim. Este tratado pretendia estabelecer a amizade entre o rei D. Fernando I, de Portugal, e o rei Henrique II, de Castela.

1382 (4 de Janeiro)

D. Fernando determina que o concelho de Alcoutim seja novamente anexado ao concelho de Tavira.

1391 (7 de Janeiro)

O rei D. João I dá instruções ao contador Silvestre Esteves para cobrar dívidas antigas nas comarcas do Algarve e Entre-Tejo e Guadiana, com a intenção de reparar o castelo de Alcoutim, que se encontrava arruinado.

1397

D. João I confirma o concelho de Alcoutim, bem como os privilégios que lhe tinham sido atribuídos pelos reis anteriores.

1420

Surgimento de uma pequena povoação andaluz na outra margem do rio Guadiana, frente a Alcoutim: Sanlucar.

1428

A povoação de Sanlucar aparece designada como *San Lucar de Alcautin*.

1433

O Rei D. Duarte confirma ao concelho de Alcoutim os seus privilégios.

1440 (Janeiro)

O rei D. Afonso V isenta o concelho de Alcoutim, tal como o de Mértola, de controlar as pescas dos pescadores castelhanos e ainda de pagamentos de peitas e pedidos, para facilitar o povoamento.

1440 (8 de Janeiro)

D. Afonso V privilegia os besteiros de Alcoutim, concedendo-lhes diversos privilégios, entre eles, o privilégio de cavaleiro, para além de os isentar de diversos impostos concelhios (*jugada e aposentadoria*, entre outros).

1371 (March 31st)

Treaty of *Alcoutim*, also named the Peace of *Alcoutim*. This treaty aimed at promoting the friendship between King Dom Fernando I of Portugal, and King Henry II of Castile.

1382 (January 4th)

Dom Fernando decided that the Council should be once more annexed to the Council of *Tavira*.

1391 (January 7th)

King Dom João I instructed the tax officer Silvestre Esteves to collect old debts at the counties of the Algarve, *Entre-Tejo*, and *Guadiana*, with a view to rehabilitating the ruined Castle of *Alcoutim*.

1397

Dom João I confirmed the status of Council of *Alcoutim*, as well as the privileges granted by previous kings.

1420

Foundation of a small Andalusian settlement on the other bank of the *Guadiana*, opposite to *Alcoutim*: *Sanlucar*.

1428

The settlement of *Sanlucar* is on record as *San Lucar de Alcautin*.

1433

King Dom Duarte confirmed the privileges of the Council of *Alcoutim*.

1440 (January)

King Dom Afonso V exempted the Councils of *Alcoutim* and *Mértola*, from controlling the fishing carried out by Castilian fishermen, and also from the payment of bribes and requests, in order to promote settlement.

1440 (January 8th)

Dom Afonso V granted the crossbowmen of *Alcoutim* several privileges, amongst which were the privilege of Knight, and the exemption from council taxes (*jugada e aposentadoria*, and others).

1441

D. Afonso V manda construir, com o dinheiro arrecadado das multas, umas muralhas na vila de Alcoutim.

1442

O fronteiro-mor da vila de Tavira, Gonçalo Nunes Barreto, obriga os moradores dessa vila a levarem "pedra e cal e outras cousas" a Alcoutim, material de construção para as muralhas da vila.

1458 (7 de Novembro)

A pedido do então Alcaide-mor, João Freire de Andrade, D. Afonso V, querendo-lhe fazer graça e mercê, cria em Alcoutim um couto para 15 de homiziados, com as mesmas liberdades e franquezas que os homiziados de Mértola.

1465

João Freire de Andrade, fidalgo da casa do rei e aposentador-mor de D. Afonso V, obtém deste rei o senhorio de Alcoutim.

1465 (20 de Outubro)

D. Afonso V doa vitaliciamente a vila e castelo de Alcoutim, com todas as rendas, direitos e tributos, a D. Maria de Andrade, filha de João Freire de Andrade e D. Leonor da Silva.

1471 (28 de Outubro)

D. Leonor da Silva pede a D. Afonso V que na vila e termo de Alcoutim não entrasse nenhum oficial do rei nem qualquer outra pessoa para revistar o que quer que fosse, porque esse serviço pertencia à coudelaria da vila, ordenado por ela.

1474 (22 de Abril)

D. Afonso V cria o cargo de escrivão para o porto de Alcoutim e nomeou Brás Martins, seu criado.

1474 (8 de Julho)

D. Afonso V concede a dona Maria Freire, filha de João Freire, a dízima da Alfândega de Alcoutim.

1441

Dom Afonso V ordered the construction of walls at the town of Alcoutim, with the money collected from fines.

1442

The *Fronteiro-mor* of the town of Tavira, Gonçalo Nunes Barreto, forced the citizens of this town to take "stone and lime and other things" to Alcoutim – building materials for the town's walls.

1458 (November 7th)

Complying to a request from the *Alcaide-mor*, João Freire de Andrade, Dom Afonso V, wishing to grant him graces and favours, created a Fee for (fifteen) Fugitives at Alcoutim, who would enjoy the same liberty and liberality as the fugitives at Mértola.

1465

João Freire de Andrade, aristocrat of the Royal Household and *Aposentador-mor* to Dom Afonso V, receives the dominion of Alcoutim from the King.

1465 (October 20th)

Dom Afonso V made a lifelong grant of Alcoutim's town and castle, with all its rents, rights and tributes, to Dona Maria de Andrade, daughter of João Freire de Andrade and Dona Leonor da Silva.

1471 (October 28th)

Dona Leonor da Silva requested from Dom Afonso V that the King's Officers should not be allowed to enter the town and Estate of Alcoutim, nor anyone else to inspect anything at all, because that task fell upon the Town's Cavalry, under her command.

1474 (April 22nd)

Dom Afonso V created the position of registrar for the harbour of Alcoutim and appointed his servant, Brás Martins.

1474 (July 8th)

Dom Afonso V granted the tithes from the Customs of Alcoutim to Dona Maria Freire, daughter of João Freire.

1474 (22 de Setembro)

D. Afonso V confirma a doação da vila de Alcoutim a D. Leonor Silva e sua filha D. Maria Freire, respectivamente viúva e filha de João Freire de Andrade.

1475 (12 de Abril)

D. Afonso V nomeia o seu criado Diogo Lopes para o cargo de requeredor do porto régio de Alcoutim.

1475 (10 de Maio)

D. Afonso V nomeia (novamente) o cavaleiro Diogo de Pereira recebedor da alfândega da vila de Alcoutim.

1475 (6 de Outubro)

Álvaro de la Nava e as suas hostes castelhanas invadem e saqueiam a vila de Alcoutim. Segundo o cronista Alonso Palência, que narra este episódio, Alcoutim estava fortificado (muraças e um castelo).

1482

Visitação à comenda de Cacela da Ordem de Santiago. A Matriz de Alcoutim também foi visitada e encontrava-se em estado precário.

1487 (16 de Abril)

D. Leonor manda organizar uma investida, com os seus oficiais e criados, à vila de Sanluçar de Guadiana, porque os moradores recusavam pagar-lhe a dízima.

1487 (30 de Maio)

D. Manuel, futuro rei e então duque de Beja, doa ao cavaleiro Diogo Lopes Franca a saboaria de Alcoutim.

1496

O rei D. Manuel eleva a vila de Alcoutim a condado. O primeiro conde é D. Fernando de Menezes, segundo Marquês de Vila Real.

1497 (6 de Abril)

D. Manuel confirma a doação da saboaria de Alcoutim ao cavaleiro Diogo Lopes Franca.

1474 (September 22nd)

Dom Afonso V confirmed the donation of the town of *Alcoutim* to Dona Leonor Silva and her daughter Dona Maria Freire, respectively, widow and daughter to João Freire de Andrade.

1475 (April 12th)

Dom Afonso V appointed his servant Diogo Lopes for the position of *Requeredor* of the Royal Harbour of *Alcoutim*.

1475 (May 10th)

Dom Afonso V once more appointed the Knight Diogo de Pereira as Tax Collector of *Alcoutim's* Customs.

1475 (October 6th)

Álvaro de la Nava and his castilian troopers invaded and pillaged the town of *Alcoutim*. According to the chronicler Alonso Palência, who narrated this episode, *Alcoutim* was fortified (walls and castle).

1482

Visit to the *Comenda* of *Cacela*, of the Order of Santiago. The Main Church at *Alcoutim* was also visited and found in a precarious condition.

1487 (April 16th)

Dona Leonor organized an assault, with her officers and servants to the town of *Sanluçar de Guadiana*, because the latter's citizens refused to pay her the tithe.

1487 (May 30th)

Dom Manuel, then Duke of *Beja* and future king, granted the soap factory at *Alcoutim* to the Knight Diogo Lopes Franca.

1496

King Dom Manuel elevated the town of *Alcoutim* to a county. Its first count is Dom Fernando de Menezes, Second Marquis of *Vila Real*.

1497 (April 6th)

Dom Manuel confirmed the donation of the soap factory at *Alcoutim* to Knight Diogo Lopes Franca.

1497 (12 de Julho)

O rei D. Manuel, com graça e mercê ao conde de Alcoutim, estende o privilégio do couto de homiziados para 30, continuando ainda com os mesmos privilégios de Mértola.

1501

D. Manuel I, no seguimento da expulsão de judeus e mouros, mandou avaliar a judiaria de Alcoutim que D. Fernando de Meneses, primo do rei, detinha. A judiaria de Alcoutim ficou avaliada em 31.639 reais.

1509-1510

Primeira representação gráfica da vila de Alcoutim, pelo pintor régio Duarte de Armas.

1518

Visitação da Ordem de Santiago às Igrejas de Alcoutim.

1520 (20 de Março)

D. Manuel I outorga à vila de Alcoutim o Foral Novo.

1546

A Câmara Municipal de Alcoutim escreve ao rei D. João III pedindo-lhe que mandasse o bispo do Algarve demolir a Igreja Matriz, temendo a sua ruína.

1547

Criação do "Regimento" da Alfândega de Alcoutim.

1554

Segundo as visitas da Ordem de Santiago às igrejas do Algarve, há referência de que a Igreja Matriz de Alcoutim já se encontra feita de novo.

1566

Os irmãos da Misericórdia de Alcoutim ainda não têm casa construída na vila de Alcoutim. Utilizam, por isso, uma das capelas da Igreja Matriz.

1573 (4 de Fevereiro)

O rei D. Sebastião passa por Alcoutim, onde se demorou algumas horas. Esta viagem régia ao Algarve foi relatada pelo cronista João Cascão.

1497 (July 12th)

King Dom Manuel I, wishing to grant graces and favours to the Count of *Alcoutim*, extended the privileges of the *Fee of Fugitives* to thirty, still enjoying the same privileges as those at *Mértola*.

1501

Dom Manuel I, following the expulsion of Jews and Moors, ordered the evaluation of the Jewish Ghetto at *Alcoutim*, held by the King's cousin, Fernando de Meneses. The Jewish Ghetto at *Alcoutim* was evaluated as being worth 31 639 *reais*.

1509-1510

First graphic depiction of the town of *Alcoutim* by the King's painter Duarte de Armas.

1518

Visit by the Order of Santiago to the churches at *Alcoutim*.

1520 (March 20th)

Dom Manuel I granted the New Charter to the town of *Alcoutim*.

1546

The Town Hall of *Alcoutim* wrote to King Dom João III, requesting that he order the Bishop of the Algarve to demolish the Main Church, for fear of collapse.

1547

Elaboration of the "Regiment" of *Alcoutim's* Customs.

1554

According to the Visitations of the Order of Santiago to the churches in the Algarve, the Main Church of *Alcoutim* was already rebuilt.

1566

The Brothers of the House of Mercy in *Alcoutim* still did not have their own lodgings at the town of *Alcoutim*, so they gathered at one of the chapels of the Main Church.

1573 (February 4th)

King Dom Sebastião stopped at *Alcoutim*, where he spent a few hours. The King's journey to the Algarve was recorded by Chronicler João Cascão.

1577

Friar João de S. José, na Corografia do Reino do Algarve; refere que a vila de Alcoutim é uma pequena povoação à beira do Guadiana, onde estão plantadas muitas árvores de fruto. Refere ainda que nesta vila se criam gados e que se caça toda a sorte de animais, porque o seu termo é extenso.

1595 (20 de Julho)

O rei D. Filipe I (II de Espanha) confirma o concelho e privilégios de Alcoutim.

1600 (c.)

Henrique Fernandes Sarrão, na História do Reino do Algarve, refere Alcoutim como "a derradeira [povoação] do reino do Algarve de ocidente a oriente". A vila conta, à data das suas descrições, duzentos vizinhos (o que equivale a cerca de mil moradores).

1621

O engenheiro italiano Alexandre Massai descreve Alcoutim como sendo uma "vila pequena e acastelada".

1624

Afonso Madeira foi a primeira pessoa a ocupar, em Alcoutim, o cargo de agente inquisitorial do Santo Ofício.

1642

No contexto da Guerra da Restauração, Alcoutim é atacado por tropas castelhanas, que a bombardeiam a partir do forte de Sanlúcar de Guadiana.

1654

O Marquês de Vila Real e Conde de Alcoutim e seu filho o Duque de Caminha são condenados à morte. Na sequência desta condenação, os bens que lhes pertencem (vilas, lugares, castelos, padroados, terras, foros, direitos e tributos) foram confiscados para a coroa e doados, em 1654, ao Infante D. Pedro, herdeiro da Casa do Infantado.

1660

Início da fortificação de Alcoutim sob a direcção do engenheiro Manuel de Sousa de Castro.

1577

Friar João de S. José, in the Chorography of the Kingdom of the Algarve, reports that the town of *Alcoutim* was a small settlement on the *Guadiana*'s bank, where many orchard trees grew. He adds that cattle were raised on this town and that all sorts of animals were hunted because the *faez* was vast.

1595 (July 20th)

King Philip I (II of Spain) confirmed the status of council and privileges of *Alcoutim*.

1600 (c.)

Henrique Fernandes Sarrão, in the History of the Kingdom of the Algarve, tells us that *Alcoutim* was "the last [settlement] in the Kingdom of the Algarve from west to east". On his estimate, the town had two hundred neighbours (which translates into about one thousand inhabitants).

1621

Italian engineer Alexandre Massai described *Alcoutim* as "a small town attached to a castle".

1624

Afonso Madeira was the first one appointed as Officer of the Holy Inquisition at *Alcoutim*.

1642

In the context of the War of the Restoration, *Alcoutim* was attacked by Castilian troops, who battered it with artillery fire from the Fort of *Sanlúcar de Guadiana*.

1654

The Marquis of *Vila Real* and Count of *Alcoutim*, and his son, the Duke of Caminha, were sentenced to death. Following this conviction, their properties (towns, villages, patronage, castles, lands, charters, rights and tributes) were confiscated by the Crown, and donated in 1654, to Infante Dom Pedro, heir of the House of *Infantado*.

1660

Beginning of the fortification at *Alcoutim* under the supervision of engineer Manuel de Sousa de Castro.

1660 (11 de Novembro)

O rei D. Afonso VI autorizou gastar 3000 cruzados para dar continuidade aos trabalhos de fortificação da vila de Alcoutim.

1666-1668

Durante dois anos Sanlucar de Guadiana encontra-se na posse das tropas portuguesas, que a tomaram sob o comando do Conde de Shomberg. Durante o domínio português foi construído dentro da fortaleza uma cisterna e, talvez, as torres *meias luas* e o baluarte que está encaixado na torre nordeste. O exterior da praça de Sanlucar de Guadiana também foi, nesta época, reformulado.

1747

O Provedor de Tavira, Manuel Gonçalves de Carvalho, desloca-se a Alcoutim aforar os bens do concelho e retira ainda aos moradores algumas mercês e privilégios que os monarcas lhes tinham concedido (umas courelas de terra para que estes pudessem semear todos os anos).

1754

Visita à fortaleza de Alcoutim, pelo Governador e capitão general do Algarve. A descrição da visita faz-se acompanhar pelo desenho da dita fortaleza, levantada por Francisco Lobo Cardenal (Sargento), que acompanhava o engenheiro militar Romão José do Rego.

1758

Respostas ao questionário das Memórias Paroquiais, pelo pároco de Alcoutim.

1769 (31 de Março)

Não foi destacado nenhum mestre régio para ensinar as primeiras letras no termo de Alcoutim.

1773 (4 de Março)

D. José cria o cargo de Juiz de Fora e Órfãos da vila de Alcoutim em substituição do cargo de Juiz Ordinário, que tinha havido até então. Nesta carta D. José explica o motivo para a criação desse cargo: "Alcoutim muito considerável pelo seu número de habitantes, e pela extensão do seu termo, que compreende muitos Lugares, com mais de mil e quatrocentos fogos, e pela sua situação na extremidade oriental do Reino do Algarve sobre o Rio Guadiana".

1660 (November 11th)

King Dom Afonso VI authorized the spending of three thousand *cruzados* to proceed with the fortification of the town of *Alcoutim*.

1666-1668

For two years, *Sanlucar de Guadiana* was held by Portuguese troops, who had taken it under the command of the Count of *Shomberg*. During Portuguese Rule, a cistern was built inside the fortress, and possibly the crescent towers, and the bulwark fitted inside the northeast tower. The exterior of *Sanlucar de Guadiana's* square was also renovated in those days.

1747

The *Provedor* of Tavira, Manuel Gonçalves de Carvalho, travelled to *Alcoutim* to arrogate council's property, and took away from its citizens, a few favours and privileges that had been previously granted by monarchs (a few strips of land where they could grow something every year).

1754

Visit to the Fortress of *Alcoutim*, by the Governor and Captain-General of the Algarve. The account of the visit was paired with the drawing of the aforementioned fortress, drawn by Francisco Lobo Cardenal (Sergeant), who had accompanied military engineer Romão José do Rego.

1758

Answers to *Parish Memories*, questionnaire, by the Parson of *Alcoutim*.

1769 (March 31st)

Lack of appointment of a royal schoolmaster to provide primary education at the Estate of *Alcoutim*.

1773 (March 4th)

Dom José created the position of *Juiz de Fora and Orphans of the Town of Alcoutim* to replace the position of *Juiz Ordinário*. In a letter, Dom José explains the motive behind this position: "*Alcoutim has a considerable number of inhabitants, the Fee is vast and holds many villages, with more than one thousand and four hundred dwellings, and its location is at the eastern edge of the Kingdom of the Algarve on the river Guadiana*".

1788-1808

Entre estas datas o engenheiro militar José de Sande Vasconcelos faz o reconhecimento da Praça de Alcoutim.

1802-1804 (c.)

Levantamento da Carta militar de Alcoutim e seus contornos, pelo oficial francês Carlos Gabriel Hilário d'Arsac, mais conhecido por marquês de Ternay.

1822

O rei D. João VI cria a feira franca em Alcoutim, para se realizar todos os anos nos dias 13, 14 e 15 de Setembro.

1823

Cheia do Guadiana, que causou grandes estragos na vila de Sanluçar de Guadiana. Destruiu por volta de setenta casas que se localizavam mais próximas das margens do rio, obrigando os moradores a refugiarem-se na fortaleza de São Marcos.

1840 (17 de Janeiro)

Instituído o ensino primário em Alcoutim por carta dada pela Rainha D. Maria II a Francisco José de Barros nomeando-o como professor do ensino primário de Alcoutim.

1843

Por Decreto de 15 de Setembro deste ano, extinguiu-se o lugar de Meirinho na Alfândega de Alcoutim e cria-se, em substituição deste, o lugar de Chefe de Guarda.

1876

Grande cheia do rio Guadiana. As águas subiram até ao meio da vila, destruindo a Casa da Câmara e Cadeia e o Pelourinho.

1961

Decorrem as obras de restauro e consolidação dos muros do castelo de Alcoutim, pela Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais.

1965

Inauguração da água, luz e esgotos da vila de Alcoutim.

1788-1808

Between these years, military engineer José de Sande Vasconcelos carried out a military reconnaissance of *Alcoutim's* Garrison.

1802-1804 (c.)

Alcoutim's military chart land surveying, by french officer Carlos Gabriel Hilário d'Arsac, better known as Marquis of Ternay.

1822

King Dom João VI authorizes the trade fair at *Alcoutim*, to be held every year on the 13th, 14th, and 15th of September.

1823

Guadiana's flood caused great damage in the town of *Sanluçar de Guadiana*. It destroyed about seventy dwellings at the edge of the river, forcing the dwellers to take refuge in the Fortress of Saint Mark.

1840 (January 7th)

Primary education at *Alcoutim* began, following a letter by Queen Dona Maria II to Francisco José de Barros, appointing him schoolmaster of primary education at *Alcoutim*.

1843

By Decree, dated September 15th, the position of Bailiff at the Customs of *Alcoutim* was terminated, and instead, the position of Chief of Armed Guards was created.

1876

Great *Guadiana's* flood. The waters rose to the centre of town, and destroyed the Town Hall, the Jail and the Pillory.

1961

Rehabilitation and consolidation works on the walls of the Castle of *Alcoutim*, by the Department of National Edifications and Monuments.

1965

Public utilities - water, electricity and sewage- are made

1963-1973

Os Municípios de Sanluçar de Guadiana e de Alcoutim enviaram diversas petições aos governos de Espanha e Portugal para que se abrisse novamente o trânsito fluvial que se fazia entre as duas localidades.

1963-1973

The municipalities of *Alcoutim* and *Sanluçar de Guadiana* sent multiple petitions to their respective Governments asking for the reopening of river traffic between both localities.

Glossário / Glossary

Alcaide – antigo governador de castelo, com poder civil e militar.

Almoxarife – oficial que administra os bens e arrecada os rendimentos reais.

Arrabalde – terreno que fica fora das muralhas de uma cidade ou vila.

Besteiros – soldado armado de besta.

Carta de Foral – espécie de estatuto concedido por um rei ou por um senhor às povoações suas dependentes.

Calcolítico – período da proto-história, entre o Neolítico e a Idade do Bronze, que se caracteriza pelo aparecimento dos primeiros objectos feitos em cobre.

Comenda – terra ou povoação dada a eclesiásticos, cavaleiros ou ordens militares como recompensa dos serviços prestados.

Comendador – dignitário de uma ordem militar ou religiosa a quem foi conferida a comenda.

Coudel – capitão de cavalaria.

Couto – território que, dentro do seu perímetro, goza do privilégio de isenção da jurisdição régia.

Couto de homiziados – terra ou lugar de asilo para criminosos, que se quisessem redimir-se dos seus crimes; os homiziados contribuíam para o povoamento e defesa das terras de fronteira.

Dízima – pagamento da décima parte do valor total de cada produto.

Finta – contribuição municipal ou paroquial extraordinária.

Fossado – investida ou defesa militar em território inimigo.

Idade do Ferro – período em que se iniciou a metalurgia do ferro.

Alcaide – ancient governor of the castle, holding civil and military power.

Almoxarife – officer who manages the properties and collects the royal rents.

Arrabalde – land surrounding the walls of a city or town.

Bribes – contribution paid to the king by those who did not belong to the aristocracy.

Captain – captain of cavalry.

Chalcolithic – period in Proto-History between the Neolithic and the Bronze Age, characterized by the emergence of the first copper objects.

Comenda – land or settlement granted to clericals, knights or military orders as a reward for services.

Commendator – dignitary of a military or religious order who has been granted a **Comenda**.

Crossbowman – soldier bearing a crossbow.

Estate – territory in a Council.

Fee – land that enjoys the privilege of exemption from royal jurisdiction, within its boundaries.

Fee of fugitives – land or asylum for criminals who wished to redeem their crimes; the fugitives contributed to settle and defend the borderland.

Finta – extraordinary municipal or parochial contribution.

Fossado – military assault into enemy territory.

Iron Age – period when iron metallurgy began.

Jugada – old tribute on arable land.

Jugada – antigo tributo, que recaía sobre os terrenos aráveis.

Juiz de Fora – oficial de carreira, letrado e de nomeação régia; acumulava as funções judiciais e administrativas da vila.

Juiz Ordinário – juiz honorário, não letrado. Era nomeado para o efeito pela população e não era remunerado.

Neolítico – período da pedra polida, diferenciando-se do período da pedra lascada; o que caracteriza o Neolítico é o desenvolvimento da agricultura e da pastorícia, que levou ao sedentarismo.

Pedidos – contribuição que os reis pediam aos vassalos.

Peitas – contribuição que pagavam ao rei aqueles que não eram fidalgos.

Sisas – tributo real que recaía sobre todas as mercadorias transaccionadas.

Sodomia – prática do coito anal.

Termo – território de um concelho.

Topónimo – nome de um lugar.

Juiz de Fora – public clerk, learned man, appointed by the king. He held both judicial and administrative functions in town.

Juiz Ordinário – non-learned honorary judge. He was appointed by the people and was not remunerated.

Neolithic – period of polished stone, distinct from period of chipped stone; the particular features of the Neolithic are the development of farming and Pastoralism, which led to Sedentarism.

Requests – contributions that kings demanded from their vassals.

Sisas – royal tribute on all trafficked goods.

Sodomy – practice of anal coitus.

Tithe – payment of a tenth of each product's worth.

Toponym – name of a site.

Town Charter – statute granted by a King or a Lord to the settlements under his rule.

Fontes Manuscritas / *Manuscript Sources*

- AGS, Cadastro de Ensenada, Respeustas Generales, Livro 563, fls. 341, 342.
- A.N.T.T., *Chancelaria de D. Afonso V*, liv. 20, fl. 8, liv. 14, fl. 107.
- A.N.T.T., *Chancelaria de D. Manuel I*, liv. 33, fl. 22, liv. 40, fl. 5 e fl. 22, liv. 44, fl. 89.
- A.N.T.T., Corpo Cronológico, Parte I, mç. 78, n.º 41.
- A.N.T.T., *Livro das fortalezas situadas no extremo de Portugal e Castela*, Casa Forte, 159, fl. 3 e 4.
- A.N.T.T., [Livro dos Forais Novos de Entre-Tejo-e-Odiana.] *Leitura Nova*, liv. 45, Corpo 2, Estante 7, Prateleira 3, fls. 115 e 116.
- A.N.T.T., *Memórias paroquiais*, vol. 2, n.º 12, pp. 113-130.
- A.N.T.T., *Processo de Diogo Rodrigues da Costa*, Tribunal do Santo Officio, Inquisição de Lisboa, proc. 10496-1.
- A.N.T.T., "Visita às fortalezas e praças do Reino do Algarve, pelo respectivo governador e capitão general", 1754, Ministério do Reino, Colecção de plantas, mapas e outros documentos iconográficos, doc. 70.
- A.N.T.T., "Plantas de diversas fortalezas do Reino", 1754, Ministério do Reino, Colecção de plantas, mapas e outros documentos iconográficos, doc. 71.
- A.S., *Petición de vários Alcaldes para la apertura de la aduana con Portugal, 1963-1973*, Legajo 94, Ayuntamiento de Sanlúcar de Guadiana (Huelva).
- A.S., *Espediente de Subasta de la Barca de pasage desde el puerto de esta villa al frontero de la de Alcoutin*, Sanlúcar do Guadiana, Año Economico de 1882-1883, Lagajo 95.
- OSUNA, Relación de las rentas de Cartaya (Huelva) y San Lúcar de Alcautin pertenecientes a Pedro [López] de Zúñiga, [II señor de Béjar], y posteriormente a Álvaro [López de Zúñiga Guzmán, I duque de Plasencia, II duque de Arévalo, C.389, D.26.
- OSUNA, C.382, D.27, 1591-08-30 (Gibraleón (Huelva)).

Fontes Impressas / Printed Sources

[Carta, que por Vossa Magestade, pellos motivos nella declarados: he servido crear juiz de fóra, e órfãos da villa de Alcoitim em um lugar de juizes ordinários, e dos órfãos, que nella houve até agora; na forma assima declarada], Folio.3, Lisboa, Na Regia Officina Typographica, 1773.

D. Luiz de Menezes, *História de Portugal Restaurado, em que se dá a noticia das mais gloriosas acções politicas, como militares, que obraram os Portuguezes na Restauração de Portugal, desde o anno de 1662. Até ao anno de 1668.*, Parte Segunda, Tomo IV, Lisboa, na Officna de Ignácio Nogueira Xisto, 1759.

Diccionario Geográfico-Estadístico de España y Portugal, dedicado Al Rey Nuestro Señor, por el Doctor Don Sebastian de Miñano, individuo de la Real Academia de la Historia, y de la Sociedad Geográfica de Paris, Tomo III, Madrid, Imprenta de Pierrat-Peralta, Plazuela del Cordon, 1827.

Século XVI: Frei João de S. José, Corografia do Reino do Algarve (1577), *Henrique Fernandes Sarrão*, História do Reino do Algarve (circa 1600), apresentação, leituras notas e glossário de Manuel Viegas Guerreiro e Joaquim Romero Magalhães, Lisboa, Livraria Sá da Costa Editora, 1983.

CAVACO, Hugo, "Visitações" da Ordem de Santiago no Sotavento Algarvio (*subsídios para o estudo da História da Arte no Algarve*), Vila Real de Santo António, C.M.V.R.S.A., 1987.

GUEDES, Lívio da Costa, *Aspectos do Reino do Algarve nos séculos XVI e XVII: a "Descrição" de Alexandre Massaii (1621)*, Lisboa, Arquivo Histórico Militar, 1988.

Joaquim Pedro Fragoso de Siqueira, *Memórias Económicas da Academia Real das Sciencias de Lisboa, para o adiantamento da agricultura, das artes e da industria em Portugal, e suas conquistas*, Tomo V, Lisboa, Na Officina da mesma Academia, 1881.

Nota das alterações ocorridas na organização das Alfândegas menores do Continente do Reino, estabelecida pelo Regulamento aprovado por Decreto de 28 de Junho de 1842.

RODRIGUEZ, Pedro, *Noticia Geografica del Reyno, y Caminos de Portugal*, Madrid, En la oficina de Joachim Ibarra, 1762.

Fontes Orais / *Oral Sources*

Sr. Mário Baptista (Guarda-fiscal reformado), Alcoutim
Sr. Francisco Lourenço (Moleiro reformado), Martim Longo
Sr. Gilberto Francisco, Laranjeiras
Sr. Emídio Costa Rita (pescador), Alcoutim
Sr.ª Maria Antónia Justino, Alcoutim
Sr.ª Jesuína Maria, Cortes Pereiras

Referências bibliográficas / *Bibliographical References*

AAVV, *Fortificaciones de la Raya de Huelva. Valorización de las fortificaciones de la zona transfronteriza del Guadiana*, Huelva, Dirección General de Bienes Culturales/Delegación Provincial de Cultura de Huelva, s.d.

ANICA, Arnaldo Casimiro, *Tavira e o seu termo: memorando histórico*, Tavira, Câmara Municipal de Tavira, 1993.

ALMEIDA, Fortunato de, "Catálogo de todas as igrejas, comendas e mosteiros que havia nos reinos de Portugal e Algarves, pelos anos de 1320 e 1321, com a lotação de cada uma delas. Anos de 1746." in *História da Igreja em Portugal*, Portucalense Editora, Nova Edição Preparada e Dirigida por Damião Peres, Vol. IV, 1967.

ANDRADE, Amélia Aguiar, *Horizontes Urbanos Medievais*, Lisboa, Livros Horizonte, 2003.

ANDRADE, António Alberto Banha de, *A reforma Pombalina do Estudos Secundários (1759-1771). Contribuição para a História da Pedagogia em Portugal*, 2º volume (documentação), Coimbra, Acta Universitatis Coninbrigensis, 1982.

ARRUDA, Ana Margarida, *Los Fenicios en Portugal. Fenicios y mundo indígena en el centro y sur de Portugal (siglos VIII y VI a. C.)*, Cuadernos de arqueología Mediterránea, Vol. 5-6, Publicaciones del laboratorio de Arqueología, Universidad Pompeu Fabra de Barcelona, Carrera Edició, s.l, 1999-2000.

BARRETO, Paulo Tedim "Casas de Câmara e Cadeia" in *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, Nº 11, Rio de Janeiro, Ministério da Educação e Saúde, 1947.

BARROCA, Mário Jorge "D. Dinis e a Arquitectura Militar Portuguesa" in *Revista da Faculdade de Letras. História*, Série I, vol. 1, nº 1, Porto, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 1972.

BOIÇA, Joaquim, "O baluarte joanino e a cintura da muralha afonsina" in *Seminário "O Foral de D. Dinis e Alcoutim Medieval e Moderno"*, Alcoutim, Câmara Municipal de Alcoutim, 2004.

BOTÃO, Maria de Fátima "A definição e a dinâmica dos limites no Algarve Medieval" in *Revista da Faculdade de Letras: História*, Série II, vol. XV-1, Porto, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 1998.

BRANCO, Manuel da Silva Castelo, "Introdução a Duarte de Armas" in *Livro das Fortalezas*, Lisboa, INAPA, 1997.

CARDOSO, João Luís, CANINAS, João Carlos, GRADIM, Alexandra, e JOAQUIM, António do Nascimento, *Os Menires do Lavajo. Afonso Vicente, Alcoutim*, Câmara Municipal de Alcoutim/ Comissão de Coordenação Regional do Algarve, Alcoutim, 2003.

CARDOSO, João Luís, GRADIM, Alexandra, "Estácio da Veiga e o reconhecimento Arqueológico do Algarve: o concelho de Alcoutim" in Separata de *O Arqueólogo Português*, série IV, Vol. 22, Lisboa, Ed. Câmara Municipal de Alcoutim, 2004.

CARRIAZO RUBIO, Juan Luís, "Violencia y relaciones fronterizas: Alcoutim y Sanlúcar de Guadiana afines del siglo XV" in *Revista da Faculdade de Letras: História*, série II, vol. 15, vol. 1, 1998.

CARRIAZO RUBIO, Juan Luís, "La frontera Andaluza del Guadiana durante la Baja Edad Media" in *VI Jornadas de História de Ayamonte*, Ayamonte, Patronato Municipal de Cultura, 2002.

CATARINO, Helena, "Um olhar sobre o castelo de Alcoutim: resumo das intervenções arqueológicas" in *Seminário "O Foral de D. Dinis e Alcoutim Medieval e Moderno"*, Alcoutim, Câmara Municipal de Alcoutim, 2004.

CATARINO, Helena, "Formas de ocupação rural em Alcoutim (séculos V-X)" in *CuPAUAM*, 31-31, Universidade de Coimbra, 2005-2006.

CAVACO, Carminda, *O Algarve Oriental – as vilas, o campo e o mar*, Vol. I, Faro, ed. Gabinete do Planeamento da Região do Algarve, 1976.

CAVACO, Hugo, *Castro Marim Quinhentista: o Foral Novo (de 1504) e o Tombo da Comenda (de 1509). Subsídios para uma interpretação histórica da vila*, Castro Marim, Edição da Câmara Municipal de Castro Marim, 2000.

CONCEIÇÃO, Margarida Tavares, *Da vila cercada à praça de guerra: formação do espaço urbano em Almeida (séculos XVI-XVIII)*, Lisboa, Livros Horizonte, 2002.

CORREIA, José Eduardo Horta, "André Pilarte no centro de uma escola regional de arquitectura quinhentista" in *IV Simpósio Luso-Espanhol de Arte* (separata), Coimbra, 1988.

CUNHA, Maria Cristina, "Forais que tiveram por modelo o de Évora de 1166" in *Revista da Faculdade de Letras: História*, série II, vol. 5, 1988.

DIAS, Maria Helena (coord), *Portugal em Vésperas das Invasões Francesas: conhecimento geográfico & configurações*, Lisboa, Centro de Estudos Geográficos da Universidade de Lisboa, Instituto Geográfico de Exército, 2009.

DUARTE, Luís Miguel "A Justiça Medieval Portuguesa (inventário de duvidas)" in *Cuadernos de Historia del Derecho*, Madrid, Universidade Complutense de Madrid, 2004.

- FREIRE, Anselmo Braancamp, "Livro das temças do Rei" in *Arquivo Histórico Portuguez*, Vol. II, Lisboa, 1904.
- FREIRE, Anselmo Braancamp, "Items contra os erros da Chronica. Critica de hum Cavalheiro da Caza do Cadaval á Chronica de Damião de Goes" in *Arquivo Histórico Portuguez*, Vol. IX, Lisboa, 1914.
- Gabinete de estudos Arqueológicos e de Engenharia Militar.*
- GAMITO, Teresa Júdice, "A Civilização do Bronze no Algarve" in BARATA, Filomena, PARREIRA, Rui (concepção), *Noventa Séculos Entre a Serra e o Mar*, Lisboa, Instituto Português do Património Arquitectónico, 1997.
- GÓMEZ TOSCANO, Francisco, "Desde la desembocadura del río Guadiana. La continuidad del itinerario hacia Oriente" in *Actas das I Jornadas. As vias do Algarve: da Época Romana à actualidade*, São Brás de Alportel, Câmara Municipal de São Brás de Alportel / CCDR, 2006.
- GONÇALVES, Vitor S., "Cerro do Castelo de Santa Justa: um povoado Calcolítico fortificado no alto Algarve oriental" in BARATA, Maria Filomena (coord.), *Noventa séculos entre a terra e o mar*, Lisboa, ed. IPPAR, 1997.
- GONZÁLEZ-JIMÉNEZ, M, "Reconquista e Repoblacion del Occidente Peninsular" in *Actas das II Jornadas Luso-Espanholas de História Medieval*, Vol. II, Porto, Instituto Nacional de Investigação Científica, 1987.
- GONÇALVES, Luís, "Problemática em torno da conquista do Algarve e de Castro Marim" in *4º Congresso do Algarve*, Vol. 1, Algarve, 1986.
- GRADIM, Alexandra, *Alcoutim Urbano e Rural: dos finais da Idade Média ao fim do Antigo Regime*, Alcoutim, Edições Colibri, 2006.
- IRIA, Alberto (preparação do texto e prefácio), *Cartas dos Governadores do Algarve (1638 – 1663)*, Lisboa, Academia Portuguesa de História, 1978.
- IRIA, Alberto, *O Algarve nas Cortes Medievais Portuguesas do séc. XV (subsídios para a sua história)*, Vol. I, Lisboa, Casa do Algarve - Lisboa, 1990.
- LAMEIRA, Francisco, SANTOS, Maria Helena Rodrigues dos (notas), *Visitação de Igrejas Algarvias: Ordem de Santiago*, ADEIPA, 1988.
- LOBO, Francisco Sousa, "Sentinela do Guadiana" in *Arquitectura e Vida*, Nº13, Lisboa, 2001.
- LOPES, João Baptista Silva, *Corografia ou Memória Económica, Estatística e Topográfica do Reino do Algarve*, 2º. Vol., Faro, Ed. Algarve em Foco, 1988.
- LOUREIRO, Francisco de Sales, *Uma Jornada ao Alentejo e ao Algarve. A alteração das linhas de força da política nacional*, Lisboa, Livros Horizonte, 1984.
- MAGALHÃES, Joaquim Romero, "O enquadramento do espaço nacional" in JOSÉ MATTOSO (direc), *História de Portugal. No Alvorecer da Modernidade*, Lisboa, Editorial Estampa, 1997.

- MAGALHÃES, Joaquim Romero, *O Algarve Económico: 1660-1773*, Lisboa, Editorial Estampa, 1993.
- MARQUES, Teresa (coord), *Carta Arqueológica de Portugal: concelhos de Faro, Olhão - Tavira, Vila Real de Santo António, Castro Marim - Alcoutim*, Lisboa, IPPAR, 1995.
- MARTÍN MARTÍN, José L., "La Tierra de las "conttiendas": notas sobre la evolución de la raya en la Edad Media" in *Norba. Revista de Historia*, vol. 16, 2003.
- MEDINA GARCIA, Eusébio, *Contrabando en la Frontera de Portugal: orígenes, estructuras, conflicto y cambio social*, Madrid, Universidad Complutense de Madrid, Faculdade de Ciências Políticas y Sociologia, 2001.
- MELÓN JIMÉNEZ, Miguel Angel, "Contrabando y negocios en el límite de dos imperios. La frontera de España e Portugal en la Edad Moderna" in *Andalucía en La Historia: Andalucía y Portugal, una historia compartida*, Año VIII, N.º 27, Enero-Marzo, 2010.
- MESQUITA, José Carlos Vilhena Mesquita, "A Feira de Alcoutim em 1822", 2009 in algarvehistoriacultura.blogspot.com.
- MESQUITA, José Carlos Vilhena, "A derrocada do Pelourinho e da Câmara de Alcoutim nas cheias do Guadiana em 1823" in *Estudos de História do Algarve*, Faro, Ed. Associação de Jornalistas e Escritores do Algarve, 2002.
- MONTEIRO, José Gouveia, *Os Castelos Portugueses do Finais da Idade Média: presença, perfil, conservação, vigilância e comando*, Lisboa, Edições Colibri e Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 1999.
- MOREIRA, Maria da Conceição, *Apointamentos históricos sobre Castro Marim*, Lisboa, Secretaria do Estado e do ordenamento do Ambiente, 1987.
- MORENO, Humberto Baquero, *A Batalha de Alfarrobeira: antecedentes e significado histórico*, Vol. II, Coimbra, Biblioteca Geral da Universidade, 1980.
- MORENO, Humberto Baquero, "Abuso e violência no Reino do Algarve durante o reinado de D. Afonso V", in *Actas das I Jornadas de História Medieval do Algarve e Andaluzia*, Loulé. Câmara Municipal de Loulé, 1987.
- MORENO, Humberto Baquero, "O Tratado de Alcoutim (31 de Março de 1371) in *Seminário "O Foral de D. Dinis e Alcoutim Medieval e Moderno"*, Alcoutim, Câmara Municipal de Alcoutim, 2004.
- NUNES, António Miguel Ascensão, *Alcoutim Capital do Nordeste Algarvio (subsídios para uma monografia)*, Alcoutim, C.M.A., 1985.
- O Castelo de Alcoutim precisa de ser reparado*, Governo Civil do Distrito de Faro, 1961, in www.monumentos.pt.
- OLIVEIRA, Luís Filipe, "A Comenda de Cacela e a Visitação de 1478-1482" in *Sic Memorat. Estudos em Homenagem a Teresa Gamito, Gambelas*, Universidade do Algarve, 2008.
- OLIVEIRA, Luís Filipe, "A Ordem de Santiago e a conquista de Alcoutim" in *Seminário "O Foral de D. Dinis e Alcoutim Medieval e Moderno"*, Alcoutim, Câmara Municipal de Alcoutim, 2004.

OLIVEIRA, Luís Filipe, "Em torno das Casas Senhoriais dos finais da Idade Média" in *MEDIA ÆTAS*, N.º3, 2000.

PICARD, Christophe, "A perda do Algarve do lado muçulmano" in MARQUES, Maria da Graça Maia (coord), *O Algarve da Antiguidade aos nossos dias: elementos para a sua história*, Edições Colibri, Lisboa, 1999.

PIRES, Pedro Luís da Palma, *Castro Marim na Guerra da Restauração (1640-1668). Praça de Fronteira, baluarte defensivo do Algarve*, Gambelas, Universidade do Algarve, 2009.

ROMERO CAMACHO, Isabel Montes, "La Iglesia de Silves sufragánea de Sevilla" La restauración de un Obispado medieval en medio de la lucha por el Algarve entre Portugal e Castilla" in *Actas da I Jornada da História Medieval do Algarve e Andaluzia*, Loulé, Câmara Municipal de Loulé, 1987.

RODRIGUES, Miguel Jasmins (coord), *As Gavetas da Torre de Tombo: edição digital*, Lisboa, Edição de Investigação Científica Tropical, 2009. *Gaveta XI*, Mç. 10, n.º 7.

ROSSA, Walter, CONCEIÇÃO, Margarida Tavares da, TRINDADE, Luísa, "Raia e cidade" in *Monumentos 28. Dossiê: Elvas, cidade e envolvente*, IRHU, Lisboa, 2008.

ROSSA, Walter, *A Urbe e o Traço. Uma Década de Estudos Sobre o Urbanismo Português*, Coimbra, Livraria Almedina, 2002.

ROSSA, Walter, "A cidade Portuguesa: o urbanismo e os processos de povoamento medievais" in PEREIRA, Paulo (Dir.) *História da Arte Portuguesa. Do Barroco à Contemporaneidade*, Vol. III, Lisboa, Círculo de Leitores, 1995.

SERRA, Manuel Pedro (coord), "Visitação da Ordem de Santiago ao Algarve, 1517, 1518" in *Al-Ulyã. Revista do Arquivo Histórico de Loulé* (suplemento), Loulé, 1996.

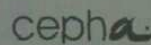
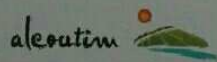
SILVA, Teresa Rebelo da, "Foral de Alcoutim – 9 de Janeiro de 1304" in *Seminário "O Foral de D. Dinis e Alcoutim Medieval e Moderno"*, Alcoutim, Câmara Municipal de Alcoutim, 2004.

SIMÃO, José Manuel, *A nordeste de todas as histórias, Alcoutim*, ed. Câmara Municipal de Alcoutim, 1999.

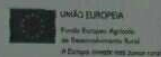
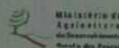
VAQUINHAS, Nelson, "Espaço, Património e Informação: os agentes do Santo Ofício em Alcoutim" in *Al Gharb*, Olhão, Gente Singular Editora, 2008.

VENTURA, Margarida Garcez, "Os Coutos de Homiziados nas fronteiras com direito de asilo" in *Revista da Faculdade de Letras. História*, Porto, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Série 1, vol. 1, n.º 1, 1972.

VITERBO, Fr. Joaquim de Santa Rosa de, *Elucidário das Palavras, Termos e Frases*, Vol. II (B-Z), Porto Lisboa, Livraria Civilização, 1966.



Apoios:



alcantim 